



SETEDI

SEMINÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES

— 21, 22 e 23 de setembro de 2017 —

CADERNO DE RESUMOS EXPANDIDOS

Organização:

Jhony Skeika

Silvana Oliveira

Realização:



**Programa de Pós-Graduação em
ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Universidade Estadual de Ponta Grossa



SETEDI

SEMINÁRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES
— 21, 22 e 23 de setembro de 2017 —

CADERNO DE RESUMOS EXPANDIDOS

Organização:

Jhony Skeika
Silvana Oliveira



**Os textos aqui publicados são de inteira
responsabilidade de seus autores.**

Informações, normas e demais publicações:
<https://ppgeluepg.wixsite.com/setedi>

Projeto Gráfico, Capa E Diagramação
Jhony Adelio Skeika

Organizadores
Jhony Adelio Skeika
Silvana Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEPG, Ponta Grossa – PR., Brasil)

S627 Seminário de Teses e Dissertações - SETEDI (1, 2017 : Ponta Grossa, PR)
Cadernos de resumos expandidos do Seminário de Teses e Dissertações –
SETEDI de 21 a 23 de setembro de 2017 [Publicação eletrônica]/ Jhony Adelio
Skeika; Silvana Oliveira (Org.); Universidade Estadual de Ponta Grossa –
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Ponta Grossa:
UEPG/PPGEL, 2017.

158p.; E-book PDF

ISSN: 2596-1616 -

<https://ppgeluepg.wixsite.com/setedi>

1. Estudos linguísticos. 2. Estudos literários. 3. Estudos da Linguagem. I.
Skeika, Jhony Adelio (Org.). II. Oliveira, Silvana (Org.). III. Universidade
Estadual de Ponta Grossa – Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Linguagem. IV. T.

CDD: 400

APRESENTAÇÃO

O Seminário de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEPG tem como objetivo propiciar um espaço de discussão para as produções em andamento dos discentes e docentes do PPGEL, assim como áreas afins, promovendo a divulgação e debate entre seus pares e toda a comunidade universitária interessada. Nosso entendimento é de que a partilha de conhecimentos de profissionais convidado(a)s com os nosso(a)s aluno(a)s é uma oportunidade de forte impacto positivo na formação acadêmica destes.

O evento, que será anualmente realizado, reunirá, de um lado, professore(a)s comprometido(a)s com a pesquisa acadêmica; de outro, discentes que estão vivendo uma experiência determinante em suas carreiras: a redação e a submissão de um texto dissertativo a uma banca avaliadora.

CORPO EDITORIAL

LINHA SUBJETIVIDADE, TEXTO E ENSINO

Andréa Correa Paraíso Müller
Evanir Pavloski
Keli Cristina Pacheco
Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh
Rosana Apolonia Harmuch
Silvana Oliveira
Jhony Adelio Skeika (PNPD)

LINHA “PLURALIDADE, IDENTIDADE E ENSINO”

Aparecida de Jesus Ferreira
Clóris Porto Torquato
Djane Antonucci Correa
Fábio Augusto Steyer
Ione da Silva Jovino
Letícia Fraga
Marly Catarina Soares
Miguel Sanches Neto
Valeska Gracioso Carlos

SUMÁRIO

OS DISCURSOS DA MORTE INFANTIL DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XXI Adriele Siqueira Orientação: Ione da Silva Jovino	8
A DESCONSTRUÇÃO DOS POETAS E DA POESIA EM MACHADO DE ASSIS Bianca Meira Lopes Orientação: Rosana Apolonia Harmuch	14
ETHOS DISCURSIVO NA ESCRITA DE BORJA REIS Carolina Correia Machado Orientação: Andréa Correa Paraíso Müller	19
LEVANTAMENTO LINGUÍSTICO DA LÍNGUA KAINGANG NA COMUNIDADE INDÍGENA DE MANGUEIRINHA/PR Elisangela Wilchak Queiroz Orientação: Letícia Fraga	25
A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA: IMAGENS DO EXÍLIO Emanuelle Alves Adacheski Orientação: Keli Cristina Pacheco	30
LIBRAS E ACESSO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM QUESTÃO Evelin Seluchiniak Nunes Orientação: Letícia Fraga	34
O GRITO SUBALTERNO NO <i>QUARTO DE DESPEJO</i> Everton Meneguzzo Orientação: Ione da Silva Jovino	41
UMA ANÁLISE FILOSOFICA DA PRODUÇÃO DE JOSÉ REZENDE JR. Felipe Teodoro da Silva Orientação: Silvana Oliveira	45
ANTROPÓFAGOS DA POESIA MARGINAL Isabel Cristina Bichinski Orientação: Miguel Sanches Neto	49
RECORTE DA PESQUISA SOBRE OS ROMANCES: <i>LA HORA VIOLETA DE MONTSERRAT ROIG E BECOS DA MEMÓRIA</i> DE CONCEIÇÃO EVARISTO Izabel Sandra de Lima Orientação: Marly Catarina Soares.....	54

A PERCEÇÃO DE PROFESSORAS/ES ACERCA DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA E INTERSECÇÃO COM IDENTIDADE DE GÊNERO NO LIVRO DIDÁTICO: ESTUDO INICIAL

Jessica Martins de Araujo
Orientação: Aparecida de Jesus Ferreira 62

A DÚVIDA E O MEDO COMO MOTIVADORES, GUIAS E IMPULSIONADORES DA NARRATIVA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

João Israel Ribeiro
Orientação: Silvana Oliveira 65

POLÍTICA LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS: UM OLHAR CRÍTICO PARA O PAPEL DO PROFESSOR COMO AGENTE DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Joelma de Souza Rocha
Orientação: Djane Antonucci Correa 69

INSTÂNCIAS AUTORAIS: AUTOR, EDITOR, VOZ NARRATIVA E LEITOR EM *SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO* DE ITALO CALVINO

José Wander de Paula
Orientação: Marly Catarina Soares 75

ENTRE TARLATANA ROSA E CABELOS AZUIS: O PAPEL DE CADA UM DOS NARRADORES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS PERSONAGENS E NA SIGNIFICAÇÃO DO TEXTO

Juliana Ristow Weisz
Orientação: Fábio Augusto Steyer..... 80

PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE ALGUMAS UNIDADES GRAMATICAIS E CULTURAIS PARA MATERIAL DE APOIO NOS NÍVEIS B2 E C1 PARA PROFESSORES E ESTUDANTES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (ELE) NA COLÔMBIA

Laura Cardona Zapata
Orientação: Valeska Gracioso Carlos..... 85

UMA REFLEXÃO DIALÓGICA ACERCA DAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO DE VESTIBULAR E PROCESSOS SELETIVOS SERIADOS DA UEPG

Meire Anne Alves Bochnia
Orientação: Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh..... 88

NEGOCIAÇÃO DAS IDENTIDADES: A ESCRITA NAS PRÁTICAS SOCIAIS DE ALUNOS DO 5º ANO

Mirely Christina Dimbarre
Orientação: Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh..... 93

A IDENTIDADE NEGRA NAS IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DO OLHAR DOS /AS ALUNOS/AS

Paola Clarinda de Freitas Oniesko – UEPG
Orientação: Aparecida de Jesus Ferreira 98

ESPAÇO E LITERATURA: ENCONTROS EM *O CORCUNDA DE NOTRE DAME*

Paola Souza Gomes
Orientação: Andréa Correa Paraíso Müller..... 104

O ENSINO DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: ESTUDO DAS VARIÇÕES LINGÜÍSTICAS E IDENTITÁRIAS	
Regiane de Fátima Siqueira Alberti	
Orientação: Valeska Gracioso Carlos.....	110
A CLEÓPATRA DE SHAKESPEARE SOB UM OLHAR FEMININO	
Regiane Maria Ferreira	
Orientação: Marly Catarina Soares	115
DISCURSOS EM REDE: O LEITOR EM SEU ESPAÇO DE SUBJETIVAÇÃO	
Reinaldo Carneiro	
Orientação: Evanir Pavloski	120
O HORROR CÓSMICO DE LOVECRAFT E O EFEITO NO LEITOR	
Rhuan Felipe Scomação da Silva	
Orientação: Evanir Pavloski	127
A INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIAIS NA LINGUAGEM DE ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE	
Rodrigo Mazer Etto	
Orientação: Valeska Gracioso Carlos.....	133
IMAGENS E MEMÓRIAS NA CRQ-SERRA DO APON: FORMAS DE NARRAR A VIDA	
Suzimara Ferreira de Souza	
Orientação: Ione da Silva Jovino	139
OS DISCURSOS SOBRE A ÁFRICA PRESENTES NA MÍDIA BRASILEIRA	
Temitope Jane Aransiola	
Orientação: Cloris Porto Torquato	146
ANA MIRANDA E A FIGURAÇÃO DE ESCRITORES NO ROMANCE A ÚLTIMA QUIMERA	
Thiago Bittencourt	
Orientação: Rosana A. Harmuch.....	152

OS DISCURSOS DA MORTE INFANTIL DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XXI

Adriele Siqueira

Orientação: Ione da Silva Jovino

Resumo: Esse trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento no mestrado em Estudos da Linguagem e tem como objetivo geral verificar as modificações dos discursos ocorridos entorno da visão da morte infantil no período do século XIX até o século XXI com um olhar para a região de Ponta Grossa. Como referencial teórico, utiliza-se Morin (1976) e Rodrigues (1983) para se fazer um apanhado histórico sobre as modificações dos discursos da morte ao longo dos séculos. Utiliza-se também, Ariès (1975), Heywood (2004) e Sarmento (1997) para se perceber as percepções que se tinha da infância em determinados períodos e Van Dick (2010) e Fairclough (2001) para se entender a relação das mudanças discursivas em relação à morte infantil na sociedade. Realiza-se também a análise de imagens, apoiando-se nos fundamentos de Burke (2004) que defende que cada vez mais as imagens têm lugar ao lado de textos literários, verificando traços dos discursos da morte infantil em lápides e fotos pós-morte de crianças. Como recorte, pretende-se expor apenas alguns discursos sobre a morte infantil e a evolução do sentimento pela infância, percebendo-se assim, discursos que foram instintos e os que ainda permanecem em relação à criança e seu falecimento.

Palavras-chave: Criança, morte, discurso.

Introdução

O objetivo desse trabalho é verificar as modificações dos discursos ocorridos entorno da visão da morte infantil no período do século XIX até o século XXI focando na cidade de Ponta Grossa e região. Por isso, busca-se analisar através de fotos pós-morte de crianças no século XIX e XX como elas eram vistas e retratadas pelos adultos, além de fazer um apanhado histórico sobre a visão da morte durante os séculos XIX, XX e XXI e verificar a percepção que a sociedade tinha da infância durante esse período, para logo após se fazer uma comparação com a morte infantil atual. Com isso, procura-se entender de que modo os discursos, conforme a época em que as pessoas vivem, podem modificar ou influir

na forma como as identidades e representações sobre a morte da criança são vistas pela sociedade.

O interesse na pesquisa do tema se dá pela transformação da visão da morte no século XIX até os dias atuais. Ou seja, os discursos sobre o tema foram sendo alterados ao longo dos anos e por isso, indaga-se: Quais as modificações de discursos e comportamentos ocorreram do século XIX ao XXI frente ao tema da morte? Qual a relação existe entre a morte natural sob uma visão mais antiga e a morte tabu dos dias atuais com o sentimento que se aflorou pela criança no decorrer desses séculos? Por que as formas de retratos pós-morte de crianças eram comuns antigamente e atualmente esse tipo de recordação deixou de existir e passou a ser transferida para o cemitério com a imagem da criança ainda viva? Como eram os discursos da morte infantil antigamente e como esses mesmo discursos estão na sociedade atual de Ponta Grossa e região?

Assim, tentando responder essas questões busca-se descobrir a modificação dessa visão da morte infantil sempre focando nas identidades e discursos inseridos em determinadas épocas, através das representações das crianças mortas antigamente e das atuais.

Com base nesse estudo procura-se entender como a morte da criança colaborou para um sentimento da infância e as diferentes formas de tratamento com ela durante o passar dos séculos. Sendo, que esse trabalho pode contribuir para estudos sobre a visão da morte infantil pela sociedade, em vista que, esse tema é muito pouco abordado e ainda existem poucos trabalhos nessa área.

Revisão de literatura

As visões da morte são definidas em quatro momentos: a morte medieval, a morte do eu, a morte de tu e a morte tabu. Sendo que a morte medieval, que vai até aproximadamente o século XII é vivida coletivamente e sempre vista como natural; já a morte do eu é sentida pelo indivíduo como algo que rompe com a sua existência e por isso, ele passa a ter medo dela, até esse momento, a preocupação com a morte é entorno de si mesmo. Porém, após algum tempo surge a morte do tu, na qual as pessoas se preocupam mais com a morte dos outros do que com sua própria morte, e por isso passam a se importar mais com o falecimento de um ente

querido. Desta forma, até esse período, a morte é domesticada, onde todos se preparam para ela. Porém, com o avanço da medicina, surge a morte tabu, onde o foco é evitá-la e negá-la, por isso “a regra em nossa sociedade é a neutralização dos ritos funerários e a ocultação de tudo que diga respeito à morte” (Rodrigues, 1983, p. 187).

Sabendo disso, e pensando na morte infantil, reconhece-se que o sentimento pelo falecimento infantil foi se tornando mais intenso na medida em que o sentimento pela infância foi sendo desenvolvido, já que a criança antes era vista como adulto em miniatura e não em sua individualidade. Por esse motivo, não se sentia a perda de uma criança.

Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma ou outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato”. (Ariès, 1975, p.10).

Contudo, esse sentimento foi evoluindo conforme se foi percebendo a inserção da criança na sociedade, e passou-se a importar-se mais com ela, uma prova disso, foi a grande número de retratos infantis a partir do século XVII, onde os pais procuravam conservar fotos de crianças vivas ou mortas como lembranças. Sendo que a partir do século XIX a ideia de desperdício de crianças começa a mudar, e “ninguém ousaria então consolar-se da perda de uma criança com a esperança de ter outra”. (Ariès, 1975, p. 268). Assim, o avanço social aliado ao grande sentimento que se nutria pelo ser único da criança, fez com que a dor pela sua perda aumentasse significativamente.

Visto isto, é importante que se tenha a consciência de que a criança é um constructo social, pois ela “se transforma com o passar do tempo e, não menos importante, varia entre grupos sociais, étnicos dentro de qualquer sociedade” (Heywood, 2004, p.21), e assim, as crenças, identidades e representações da infância em cada momento são construções sociais que foram sendo disseminadas na sociedade através dos discursos.

Afirma-se isso, visto que nesse trabalho se pensa em discurso como constructo social, já que Fairclough (2001) considera que o discurso é uma linguagem como forma de prática social, e por isso ele acredita nas práticas discursivas como constitutivas, pois contribuem para reproduzir a sociedade e

transformá-la. Nessa mesma linha, Van Dick (2012) defende que o discurso é qualquer forma de língua manifestada, como texto ou fala em interação, e que as identidades são construídas e desempenhadas através dele.

Conhecendo essas visões, a verificação dos discursos da morte infantil ao longo do tempo é necessária para se entender como as transformações da sociedade definiram as representações e identidades que as crianças assumiam e assumem após a sua morte, já que os constructos sociais são

Fundamentados em conhecimentos socialmente compartilhados e esquemas socialmente adquiridos, e que são usados em situações e interações sociais e que incorporam representações (subjetivas) e de situações sociais” (Van Dick, 2012, p. 170).

Resultados e Discussão

Nesse trabalho, considerou-se o discurso como constitutivo, e por isso responsável por construir e transformar identidades das crianças e das representações da morte infantil dentro da sociedade. Sendo assim, qualquer forma de linguagem, na qual se interaja com o objetivo de comunicar ideias ou sentimentos através de qualquer tipo de signo, é considerado discurso.

Desta forma, utiliza-se não somente o discurso escrito (análise de lápides infantis) como também as fotografias pós-morte e em lápides, para se entender a representação da morte infantil. Nesse sentido “é a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (Kossoy, 2001, p. 28). Desta maneira, conhecendo esse caráter documental da fotografia, sabe-se que as fotos de crianças pós- morte são registros documentais do passado que podem oferecer informações sobre a visão e discursos da morte infantil no século XIX e ainda uma percepção da modificação da morte dessas crianças durante os últimos séculos.

Como o trabalho ainda está em andamento, em uma análise apurada, notou-se que as crianças são representadas em fotos pós-morte do século XIX e XX como se estivessem dormindo, em um sono tranquilo, sempre passando uma ideia de calma e paz, juntamente com a necessidade de se transmitir a inocência delas. Assim, antigamente se fazia questão de lembrar-se da imagem da criança, mesmo

que morta em retratos, enquanto hoje, mesmo dentro dos cemitérios em seus túmulos, a recordação que se quer manter delas é de sua identidade em vida.

Com tudo isso, perceber-se que nos discursos da morte domesticada, faziam com que a recordação da criança morta fosse natural e comum, enquanto que com o surgimento da morte tabu, a sociedade faz de tudo para apagar o que remeta ao registro da criança morta, pois o que importa é sua identidade enquanto viva.

Conclusões

Os discursos sobre a morte da criança sofreram transformações na sociedade e por isso as representações e a preservação de uma identidade infantil após a morte se modificou. Sendo assim, o falecimento que antes era visto como natural sofreu modificações e passou a ser um tabu na sociedade atual.

Deste modo, é interessante perceber, que juntamente com as modificações da percepção sobre a morte, um sentimento pela criança também começou a ser desenvolvido, já que ideia de registrar a criança após a morte surgiu como uma forma de demonstrar que os adultos passaram a sentir a perda delas e não mais consideravam esse momento inevitável. Assim, essas representações da criança na sociedade podem contribuir com a visão sobre a evolução do sentimento pela criança através do registro delas em fotografias após seu falecimento.

O interessante é que a visão de morte antigamente, considerada como natural, registrava a criança em fotos após a sua morte, para que sua lembrança permanecesse, porém, atualmente, o registro da criança mesmo no local do seu túmulo é de uma fotografia dela em vida, objetivando-se de qualquer forma esconder a realidade de sua morte, ou seja, a sociedade atual, ainda profere o discurso da morte como tabu e por isso representa-se a pessoa falecida com suas imagens em vida, numa tentativa de amenizar a ideia de morte como fim.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

BURKE, Peter. Visões da sociedade. In: _____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.p. 127-151.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004. Trad. Roberto Cataldo Costa.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Europa América Editora, 1976.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. **As crianças, contextos e identidades**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Contexto: Uma Abordagem Sociocognitiva**. Trad. R. ILARI. São Paulo: Contexto, 2012.

A DESCONSTRUÇÃO DOS POETAS E DA POESIA EM MACHADO DE ASSIS

Bianca Meira Lopes

Orientação: Rosana Apolonia Harmuch

Não é difícil deparar-se com um poeta dentro dos contos de Machado de Assis, isso porque esta figuração está presente em muitos de seus textos. Dentre este tipo de personagem há aqueles que simplesmente são citados rapidamente como tais, que é o caso de Tito, protagonista de “O país das Quimeras” (1862), um escritor que vende seus versos para sobreviver e nada mais é dito sobre seu trabalho. Já em outros contos em que também há a presença de personagens poetas, a arte destes tem grande peso na história de suas vidas, tanto que para compreender os protagonistas, há que se considerar seus versos, como em “Possível e impossível” (1867), “Aurora sem dia” (1870), “A mulher pálida” (1881), “Vênus! Divina Vênus!” (1893) e “Uma por outra” (1897). Através dos personagens destes contos abre-se espaço para a discussão tanto da profissão exercida por eles, como seus resultados de trabalho, no caso, seus poemas.

De acordo com Jorge Fazenda Lourenço (1998), no século XIX havia uma insistência na figuração de personagens poetas por parte dos escritores, como Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco e Almeida Garrett. Segundo o estudioso, isso se deve ao fato de que aquele que fazia poemas era considerado “o ser sensível por excelência” (Lourenço, 1998, p.67), e que a partir disto, passa a acontecer uma “disputa entre gêneros literários” (Lourenço, 1998, p.67). Os romancistas então criavam poetas da ficção para tentarem provar que o romance era superior à poesia.

A hipótese de Lourenço para explicar a constância de autores do século XIX em figurarem poetas deve ser apenas uma das que aparecerão no trabalho que

está sendo desenvolvido, já que possivelmente novas explicações para esse fenômeno podem surgir no decorrer do estudo, e assim, ajudarem a compreender melhor as narrativas que são objetos de análise da dissertação.

Assim, a presente pesquisa pretende analisar os seguintes contos machadianos: “Possível e impossível” (1867), “Aurora sem dia” (1870), “A mulher pálida” (1881) e “Vênus! Divina Vênus!” (1893). A partir deles, será analisado como os personagens poetas e seus poemas são apresentados pelos narradores dos textos e como é realizada a desconstrução desses escritores da ficção. O propósito é de se chegar a uma conclusão aprofundada sobre os possíveis motivos de tantas atribuições estereotipadas que constroem um modelo vulgar, excessivamente sensível deste tipo de escritor. Para amparar o estudo, contaremos com a noção de autoria de Michel Foucault (2001), considerando que os personagens analisados são supostos autores. Sendo assim, a proposta que o filósofo apresenta será de grande valia para o trabalho.

Nos contos surgem questões como: se assumir como autor, ganhar dinheiro com publicações e ser reconhecido como superior pelo *status* adquirido através de seu nome como autor. É exatamente sobre isso que o filósofo trata em seu texto ao definir a noção de autoria da seguinte forma:

(...) a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela nasce e se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar. (Foucault, 2001, p.283).

Portanto, a noção de autoria não é uma simples atribuição a um indivíduo real, isso porque há uma série de manifestações que tecem uma rede discursiva sobre o escritor, como o “tratamento que se dá aos textos, das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem ou das exclusões que se praticam.” (Foucault, 2011, p.280). Um exemplo disto é a crítica feita sobre o autor, pois ela ajuda a construir sua imagem, seu estilo, dá credibilidade ou não a seu trabalho. Deste modo, tudo isso é o que

constitui o sujeito autor, e assim, apenas escrever uma obra não é o que basta para se tornar de fato um.

A partir disto, poderão ser pensados os lugares onde essa função-autor aparece nos contos que são objeto de estudo, além de verificar que muitos dos poetas da ficção que serão analisados na pesquisa têm uma noção equivocada de autoria. Isto, por vezes, contribui para uma visão negativa deles mesmos, pois para alguns, o fato de apenas escrever poemas os leva ao patamar de autor. No caso de Luís Tinoco, poeta protagonista de “Aurora sem dia” (1870), ele sonha em publicar um livro, sem ao menos dedicar-se de fato ao conhecimento da poesia, afinal, ele acreditava que isso “não se aprende; traz-se do berço.” (Assis, 2011, p.104).

Ao cabo de cinco meses tinha Luís Tinoco produzido uma quantia razoável de versos, e podia, mediante muitos claros e páginas em branco, dar um volume de cento e oitenta páginas. A idéia de imprimir um livro sorriu-lhe; e daí a pouco era raro passar por uma loja sem ver no mostrador um prospecto assim concebido: GOIVOS E CAMÉLIAS POR LUÍS TINOCO Um volume de 200 páginas...2\$000 rs. (Assis, 2011, p.106-107).

O jovem poeta queria ser reconhecido por sua obra, mas, além disso, sustentar-se através dela. Vale lembrar que foi no século XIX, segundo Foucault, que se estabeleceu a noção de autoria, e com ela, todo um sistema de venda de livros, que por consequência, gerava lucro tanto às editoras, como aos escritores. Mas no caso de Luís Tinoco, seu sonho não deixa de ser uma zombaria a si mesmo, já que ele não tem competência para tanto, uma vez que esnoba o estudo, pensando ser alguém sensível dotado de grande capacidade.

Assim como ele, Teófilo de “Possível e impossível”, Josino de “Uma por outra” e Ricardo de “Vênus! Divina Vênus!” também são ociosos no que diz respeito aos estudos sobre a literatura. Todos eles não têm distanciamento crítico sobre aquilo que escrevem, pois o que realmente importa para todos é o tema dos versos, que sempre tratam de amor. Deste modo, a concepção que eles têm sobre escrever poesia é a de que o importante é a inspiração. Pensam que ter uma experiência de vida, principalmente romântica, basta para conseguirem escrever poemas perfeitos, e a partir desta ideia, pensam serem gênios da literatura.

Eles debruçam-se sobre o papel e escrevem rapidamente, sem uma maior reflexão. A diferença é que Luís Tinoco almeja o *status* social através da poesia e

os outros três desejam conquistar o coração de suas amadas. Por isso, percebe-se que a concepção que todos os poetas dos contos têm sobre a noção de escrita é uma ideia equivocada. Afinal, se fosse necessário apenas uma inspiração para compor versos, qualquer pessoa poderia se tornar poeta, e assim também um autor. O caso é que todos eles são indiferentes aos atos de estudo, reflexão e dedicação.

Por meio destes fatores, os personagens são totalmente estereotipados, como pessoas que se acham diferentes das outras, sensíveis e dotadas de capacidade poética, não necessitando, portanto, dedicar-se ao escrever. Para eles, basta apenas a pena de escrever como seu objeto de trabalho. Além disso, os versos de todos têm um grau de subjetividade muito alto, que transbordam suas histórias amorosas. Neste caso, pode-se pensar que além da ridicularização dos poetas, o que está também sendo criticado é um tipo específico de poesia, a que derrama sentimentos e à qual não pode faltar uma lua, uma mulher amada e um céu estrelado, ou representa ainda o que Carlos Reis (1999) chamou de “instituição poeta romântico”.

Em suma, a pesquisa deve ser relevante para concluir que a figuração dos personagens poetas tem grande relação com a atmosfera literária em que foram apresentados, e que assim, os estereótipos atribuídos aos protagonistas não ridicularizam apenas eles mesmos, mas também seus poemas carregados de um sentimentalismo exagerado.

Por agora, pode-se considerar que os narradores dos contos buscaram inferiorizar o estilo de poesia feita por Luís Tinoco, Ricardo, Teófilo e Josino. Além disso, os personagens poetas desconsideram um longo processo de estudo, escrita e dedicação para tornarem-se de fato verdadeiros poetas, pois já se sentem desta forma. A partir disto, também vamos ao encontro da função-autor de Michel Foucault (2001), concluindo que todos eles ignoram a construção da autoria como um processo complexo e de longo prazo, já que pensam que uma vez inspirados a escrever poemas, tornam-se autores. Ainda pode-se dizer que ambos creem na literatura como um sistema espontâneo, simples e sem muita complexidade.

Como a pesquisa ainda está em andamento, novas discussões acerca dos contos possivelmente surgirão para complementá-la. Por enquanto, o trabalho que vem sendo realizado e que resultará em uma dissertação foi resumido aqui.

Contamos com a ajuda de Foucault (2001) para compreender melhor as questões de autoria dentro dos contos analisados e com críticos literários como Lourenço (1998) e Reis (1999) para entender o contexto literário em que Machado de Assis estava envolvido, além de outros que ainda serão estudados no andamento do trabalho.

Referências

ASSIS, Machado de. A mulher pálida. In: **Contos selecionados**. Rio de Janeiro: Sociedade Editora e Gráfica Ltda, 1960. p. 203-217. Prefaciado e revisto por H. Pereira da Silva.

ASSIS, Machado de. Aurora sem dia. In: **Histórias da meia-noite**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p.102-124. (Ed. especial).

_____. **Possível e impossível**. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000131pdf.pdf>>. Acesso em 15 de fev. de 2016

ASSIS, Machado de. Vênus! Divina Vênus! In: **Escritos Avulsos III**. São Paulo: Globo, 1997, p. 163-176. (Obras completas de Machado de Assis).

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)**. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

LOURENÇO, J. F. Poetas do romance: alguns casos e o caso de Tomás de Alencar. In: **Revista Colóquio/Letras**. Ensaio, n.º 147/148, Jan. 1998, p. 67-80.

REIS, Carlos. Eça de Queirós e a Literatura como Ficção. In: **Estudos Queirosianos: Ensaio sobre Eça de Queirós e a sua obra**. Lisboa: Presença, 1999. p. 17-30.

ETHOS DISCURSIVO NA ESCRITA DE BORJA REIS

Carolina Correia Machado

Orientação: Andréa Correa Paraíso Müller

Nosso propósito com este trabalho é apresentar parte da dissertação de mestrado *BORJA REIS, DISCURSO E IMPRENSA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS EMPREGADAS EM O PROGRESSO/DIÁRIO DOS CAMPOS EM PONTA GROSSA-PR*. Nesta pesquisa estudamos como um jornalista numa cidade de interior, no início do século XX, concebia o que era imprensa. Os textos de Hugo Mendes de Borja Reis foram publicados, entre idas e vindas, no jornal *O Progresso* de 1909 a 1924. Este jornal foi fundado em 1907, na cidade de Ponta Grossa, no interior do Paraná. Utilizamos ferramentas da Análise do Discurso de Linha Francesa na dissertação e neste resumo em específico, trabalhamos com o conceito de *ethos* discursivo desenvolvido por Maingueneau (1997, 2008).

O *ethos* retórico é um conceito que teve origem em Aristóteles, quando no livro *A Retórica*, o filósofo analisa o posicionamento e a imagem de um locutor diante do público. Maingueneau (2008, p.56) explica a partir da filosofia clássica, que na enunciação discursiva, o *ethos* contribui para a confecção de uma imagem do locutor.

Ducrot, também utilizado como fonte teórica por Maingueneau (2008, p.59), faz uma distinção entre locutor-L (enunciador) e o locutor-lambda (locutor enquanto ser no mundo), a partir disto Maingueneau (2008, p.59) conclui que o “*ethos* se mostra no ato da enunciação, ele não é dito no enunciado.”

Ou seja, o *ethos* é uma imagem construída por meio do discurso, percebida por meio da enunciação. O locutor traz o público para seu mundo discursivo e ali o público consegue ler aquela imagem específica do locutor.

Maingueneau (2008, p.59) aponta que “o destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são intradiscursivos, já que são

associados a uma forma de dizer.” Esta forma de dizer faz com que o público adentre o mundo discursivo do locutor.

O analista francês (MAIGUENEAU, 2008, p.60) ainda separa o *ethos* entre discursivo e pré-discursivo. O *ethos* discursivo é o conceito que Aristóteles já elaborou, traduzido como a imagem do locutor elaborada pelo público. O *ethos* pré-discursivo tem a ver com o gênero discursivo que está sendo utilizado para difundir e/ou elaborar um discurso específico. Dependendo do gênero, o público já cria um “pré-*ethos*”, uma imagem já sugerida por meio do gênero.

Maingueneau (2008, p.60,61) explica que o “*ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa que mobiliza a afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente.” Analisando sob este ponto de vista, o jornalista estudado neste trabalho é percebido pelo leitor por meio de sua escrita no jornal e o ambiente de época da cidade e do jornal, contribuíam para isto.

Utilizamos nesta pesquisa fontes primárias, adquiridas na Casa da Memória, localizada na cidade de Ponta Grossa, no Paraná. Nosso estudo é bibliográfico e utilizamos ferramentas da Análise do Discurso de Linha Francesa para realizar nossa análise. Para este trabalho, estudamos o texto *Obrigado meu Povo*, publicado em 1914 no jornal *Diário dos Campos*.

Concernente a Borja Reis, citamos Maingueneau (2008, p.61):

Há sempre elementos contingentes em um ato de comunicação, em relação aos quais é difícil dizer se fazem ou não fazem parte do discurso, mas que influenciam a construção do *ethos* pelo destinatário. É, em última instância, mais uma decisão teórica do que saber se se deve relacionar o *ethos* ao material propriamente verbal, atribuir o poder às palavras, ou se se devem integrar a ele elementos como a vestimenta do locutor, seus gestos, e, eventualmente, o conjunto do quadro da comunicação. O problema é mais delicado se considerarmos que o *ethos*, por natureza, é um *comportamento* que, enquanto tal, articula verbal e não verbal para provocar no destinatário efeitos que não decorrem apenas das palavras (MAINGUENEAU, 2008, p.61).

Borja Reis foi um jornalista que teve forte atuação dentro e fora do jornal. Além de escrever em *O Progresso*, ele participou de grupos de intelectuais, participou da organização da Greve de 1917, publicou a ata de fundação do Partido Socialista do Paraná, promoveu a campanha anti-hermista a favor de um governo

civil da República. Inferimos que muitos leitores conheciam as ações do jornalista fora do jornal.

No entanto, por meio de nossa análise, avaliamos que em seus textos, Borja Reis se dedicou a construir uma imagem de jornalista que estaria defendendo o povo, a verdade e se colocando como porta-voz da população. Além dessas características, encontramos elementos que remetem à função do jornalista e o que era a imprensa. Porém, a partir destas elaborações, Maingueneau deixa claro que nem sempre o *ethos* “visado” é o “produzido” (MAINGUENEAU, 2008, p.61).

Quanto a recepção dos textos de Reis, Maingueneau, baseado em Kerbrat-Orechione (1996, p.78), discorre sobre a comunidade que recebe um discurso:

Pode-se, de fato, supor razoavelmente que os diferentes comportamentos de uma mesma comunidade obedecem a alguma coerência profunda, e esperar que sua descrição sistemática permita extrair o “perfil comunicativo”, ou *ethos*, dessa comunidade (isto é, sua maneira de se comportar e de se apresentar na interação – mais ou menos calorosa ou fria, próxima ou distante, modesta ou imodesta, “inconveniente” ou respeitosa do território do outro, susceptível ou indiferente à ofensa etc.) Tal “*ethos* coletivo” constituiu, para os locutores que o partilham, um quadro, invisível e imperceptível, como tal do interior (MAINGUENEAU, 1996, p.78).

Nossa perspectiva sobre a comunidade que recebia este jornal advém dos próprios textos de Borja Reis, que expõem as dificuldades e perseguições pelas quais ele passou, mas também retrata pela ótica do autor como seus textos deveriam ser recepcionados pelo público. A imprensa para este jornalista era o fiel da balança entre o povo e a política, na busca pela verdade.

Apresentamos a seguir um dos textos estudados:

Obrigado, meu povo...

Uma vez assisti a uma representação de um circo de cavallinhos relissimo e boçalissimo onde havia o palhaço e a chalaça, mas a chalaça alvar, mas o riso estúpido. Era elle por si mesmo ridiculo. Ninguem ria da graça, ria-se do palhaço. Mas, ao fim, o publico, farto de rir da sua cretinice fez-lhe uma estrondosa ovação, e o typo, réles, do tablado, agradecia, commovido: - obrigado meu povo! obrigado meu povo! Feriu-me como uma lança o embargo daquela voz a suffocação daquelle sentimento, o rictus tremulo daquela bocca, o marejar daquelles olhos. Como elle era sincero! Suppunha que tudo aquillo era para elle, e, agradecia, o miserando.

Eu, também, palhaço da Comedia Humana, dou um pincho para a columna de honra e digo, sincera, lealmente: - obrigado, meu povo!

Porem, digo-o em nome dos milhares de leitores do 'Diario dos Campos'e dos duzentos e tantos espiritos que aqui trabalham,

redactoriando, collaborando, correspondendo, telegraphando e noticiando.

Porque, a mim, me toca a parte minima de regente da orchestra.

Exemplo: o violino do Flavio, a flauta do Santos, a eythara do Alcidio, o rabeção do Jacob e os pratos do Trindade funcionaram hontem admiravelmente e eu não fui ouvido e cheirado. O maestro, porem, encasacado, vem á ribalta, dizer: Obrigado meu povo! Obrigado meu povo!

Quando um exercito ganha uma batalha o general é que diz obrigado meu povo, e assim por diante.

(Neste ponto houve apartes do povo que estava presente).

Elles não concordaram com a figura do palhaço.

Palhaço é o jornalista.

Como na ópera de Leoncavallo elle ri para o publico, muitas vezes ferido no coração...

Não tem tempo para uma coisa prosaica, ficar doente, por exemplo. Mesmo com uma furiosa dor de cabeça é preciso ser espirituoso depois de vir do enterro de algum amigo.

Ao mesmo tempo dá parabéns e pezames, numa promiscuidade horrivel, que assassina a alma e embota o ser.

(Fecha o parenthesis).

Chegou o Santo agora mesmo e fez discurso, e pois, a Trindade, o Diabo, e o gerente honorario não deixam acabar o 'Obrigado, meu povo!'

Mais uma vez:

Obrigado, meu povo.

Hugo dos Reis (REIS, 1914)

No texto objeto desta análise, Borja Reis comparou a sua profissão com a do palhaço, especialmente o personagem da ópera de Ruggiero Leoncavallo, denominada *Pagliacci*. Abaixo apresentamos a ária "Vesti la giubba pagliaccio" da ópera:

Recitar, mentre preso dal delírio!
Non so più quel che dico
E quel che faccio
Eppure... è d'uopo... sforzati
Bah! Sei tu forse un uomo?
Tu sei Pagliaccio!
Vesti la giubba
E la faccia in farina
La gente paga e ridere vuole qua
E sei Arlecchin,
T'invola Colombina.
Ridi, Pagliaccio, e ognun applaudirà
Tramuta in lazzi lo spasmo ed il pianto,
In una smorfia il singhiozzo e il dolore.
Ah! Ridi, Pagliaccio
Sul tuo amore infranto.

Ridi del dolore che t'avvelena il cuore (LEONCAVALLO, 1892).¹

O enredo desta ópera é sobre um palhaço e a infidelidade de sua esposa. A história se passa na Calábria, na Itália, onde o circo se instala para apresentar seu espetáculo. O Palhaço acaba descobrindo as traições de sua companheira e, no fim da peça, acaba por assassiná-la.

O aspecto interessante dessa obra é que o personagem Palhaço mantém a sua função até o fim da peça. O público ri, no entanto, não sabe que interiormente ele sofre. Em um certo momento, o personagem não finge mais e discute com a esposa. Ele se sente humilhado e quer vingança.

O *ethos* discursivo foi construído de modo que o leitor tivesse a imagem de um maestro a frente de uma orquestra, na qual cada componente tem seu instrumento. Esta imagem seria facilmente elaborada pelos moradores da cidade de Ponta Grossa no início do século XX, pois havia muitas bandas na cidade e competições entre elas (HOLZMANN, 2004; BUCHOLDZ, 2007). O próprio fundador do periódico era maestro de uma dessas bandas, existente até os dias atuais, a *Banda Lira dos Campos*.

Num parênteses colocado no texto – após já relembrar no início do artigo uma peça em que assistiu a um palhaço ser aplaudido pelo público, mas no seu julgamento, a plateia não riu pelas graças e sim pelo sofrimento e miserabilidade

¹ Tradução do trecho da Ópera:
Recitar, enquanto preso ao delírio!
Não sei mais o que digo
E o que faço.
Contudo, depois esforçar-ti.
Ah! És tu um homem?
Tu és palhaço!

Veste a fantasia
E a face maquilada,
As pessoas pagam e aqui querem rir.
E tu és Arlequim,
Esqueça Colombina.
Ri, Palhaço, e cada um aplaudirá.

Transforma em lazer o espasmo e o choro,
Em careta o soluço e a dor.

Ah! Ri, palhaço
Do teu amor partido.
Ri da dor que te envenena o coração.

Fonte: <<http://interludico.blogspot.com.br/2015/03/aria-da-opera-palhacos-com-traducao.html>>.
Tradução não identificada.

do palhaço – Borja Reis declara que "Palhaço é o jornalista", ou seja, que as mesmas condições que acometem a um, acometem ao outro. Não há tempo para ficar doente, por exemplo. (O motivo para o jornalista ter vindo para Ponta Grossa foi para tratamento de saúde.)

Discursivamente, Borja Reis elaborou não somente uma imagem de si, mas também um *ethos*. Este foi o caráter assumido pelo jornalista que foi homenageado justamente por seus colegas acreditarem em seu esforço, dedicação e abnegação.

Não temos acesso ao *ethos* discursivo que a população que lia o jornal construiu de Borja Reis, mas temos à imagem e ao caráter que seus colegas jornalistas elaboraram, e não está distante de como ele mesmo se descrevia.

Entretanto, nossa análise se discorre sobre como Borja Reis construiu a sua imagem e como a explorou para conceituar jornalista e imprensa. A sua imagem perdura no tempo. O jornal sendo datado, não perde a sua atemporalidade, quando encontramos um texto no qual um jornalista se esforça em construir seu *ethos*. A imagem poderia ser importante para que Borja Reis pudesse ter apoio para continuar a escrever ou para que o jornal continuasse a ser vendido.

O que podemos considerar como fato é que reafirmar a sua função de jornalista e fincar as raízes da imprensa em Ponta Grossa teve seus efeitos, a partir de Borja Reis Ponta Grossa desenvolveu o jornalismo.

Referências

MANGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Tradução: Sírio Possenti. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução: Freda Indursky, revisão dos originais da tradução Solange Maria Leda Gallo, Maria da Glória Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

_____. **Cenas da Enunciação**; organização Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEVANTAMENTO LINGUÍSTICO DA LÍNGUA KAINGANG NA COMUNIDADE INDÍGENA DE MANGUEIRINHA/PR

Elisangela Wilchak Queiroz
Orientação: Letícia Fraga

Resumo: Esta pesquisa tem em vista a construção de instrumentos de coleta de dados junto à comunidade indígena de Manguieirinha, PR, que serão utilizados para a pesquisa de mestrado trazendo algumas discussões sobre a questão da vitalidade da língua Kaingang na referida comunidade. A proposta dessa atividade se baseou no grande número de trabalhos acadêmicos realizados na perspectiva do “sobre” e não no “com” as comunidades. E somente no trabalho “com” é que seus pontos de vista podem ser levados em consideração. Do ponto de vista metodológico, serão realizadas discussões sobre língua com os indígenas participantes da pesquisa e a partir destas discussões serão construídos os instrumentos (questionários, roteiros de entrevista etc.), elaborados a partir de questões eleitas pelos indígenas que depois serão aplicadas a comunidade. Como resultados parciais, apontou-se que esta dinâmica de trabalho é mais respeitosa em relação às comunidades indígenas, uma vez que estas podem emitir suas opiniões e apontar o que consideram relevante em relação à temática da língua, coisa que raramente é possível.

Palavras-chave: Levantamento sobre língua indígena. Comunidade Kaingang. Trabalho "com" indígenas.

Introdução

Esta pesquisa corresponde a uma pesquisa de mestrado em andamento realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEPG e tem como objetivo geral realizar, um trabalho em conjunto com a comunidade indígena a partir de uma discussão feita com alguns professores indígenas para a elaboração das perguntas de um questionário sobre língua indígena, que em seguida será aplicado à comunidade. Trata-se de um trabalho onde será avaliada a situação da língua indígena Kaingang na comunidade indígena de Manguieirinha situada no estado do Paraná. Nesse sentido, parte-se do princípio de que há um grande histórico de não respeito aos povos indígenas quando da realização de pesquisas em contexto indígenas. Segundo Silva e Grubtiski (2006):

Há inúmeros casos de pesquisadores que coletaram seus dados e nunca mais voltaram às reservas para apresentar e discutir os resultados das investigações; publicaram trabalhos sem que os próprios grupos soubessem ou autorizassem; apropriaram-se de conhecimentos da cultura e desapropriaram seus próprios donos desse conhecimento. (SILVA; GRUBTIS, 2006, P. 2).

Somente esse trabalho em conjunto garantirá a elaboração de instrumentos de coleta de dados que levem em consideração o que os indígenas pensam sobre língua, uma vez que em geral os instrumentos são definidos unicamente na perspectiva do pesquisador, que no caso é não indígena e não tem condições de, portanto, considerar o modo indígena de compreender as línguas.

Em termos de contextualização, esclarecemos que a Terra Indígena de Mangueirinha se localiza no sudoeste do estado do Paraná e possui cerca de 1.200 habitantes segundo o último Censo (IBGE, 2010). Dentro desta T.I., existe uma comunidade Kaingang e outra Guarani, sendo que cada etnia possui sua própria língua. No mapa a seguir, é possível ver a localização da Terra Indígena de Mangueirinha.

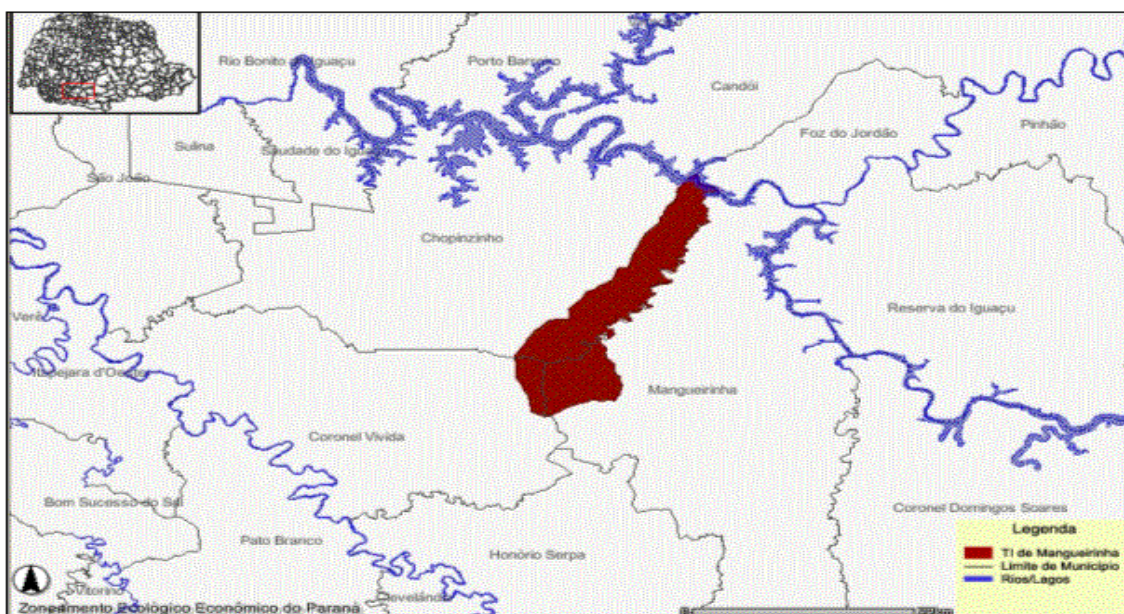


Figura 1. Localização da TI de Mangueirinha.
Fonte: Zoneamento Ecológico Econômico do Paraná,
Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA), 2006.

Cada terra indígena possui uma realidade linguística e a realidade da T.I. de Mangueirinha vem se contrapondo a outras, pois no Paraná existem comunidades

onde praticamente 100% dos indígenas falam língua indígena, como é o caso da T.I. de Faxinal, dados esses oriundos do Censo de 2010. Já na T.I. de Mangueirinha, há uma impressão coletiva de que a língua Kaingang está desaparecendo, pois muitos já não a falam no seu dia a dia, principalmente os jovens. No entanto, como os dados não são precisos do ponto de vista linguístico (FRAGA, TASSO, 2015; FRAGA, TASSO, KASTELIC, 2016), daí a proposta de estudar esta realidade, para saber de forma mais precisa a quantidade de falantes bem como suas opiniões sobre o fato de falar ou não falar a língua indígena.

O objetivo geral da pesquisa é realizar junto à comunidade indígena a construção dos instrumentos (com questões pertinentes, na visão dos indígenas) de levantamento de dados sobre as línguas faladas na comunidade, instrumentos esses que depois serão aplicados na comunidade indígena para os indígenas da T. I. de Mangueirinha/ PR, para que se possa assim fazer um estudo sobre a realidade linguística dessa comunidade indígena.

Como objetivos específicos, propõe-se realizar uma discussão sobre língua, para assim saber o que é relevante para os indígenas que residem na Terra Indígena de Mangueirinha/ PR sobre este tema; propõe-se também elaborar um questionário-base com perguntas referentes à língua indígena e portuguesa para avaliação da comunidade indígena de Mangueirinha/PR.

Para realizar a pesquisa nos moldes mencionados, primeiramente se fará contato com as lideranças da comunidade indígena de Mangueirinha/PR, para agendar uma visita a comunidade e assim explanar para os indígenas interessados quais os objetivos da atividade. O foco é procurar professores indígenas para participar desta atividade, deixando em aberto para que qualquer indígena morador da T.I. de Mangueirinha possa participar também. O local considerado mais propício para fazer a apresentação da atividade é a escola, pois este é um ambiente que se podem reunir todas as pessoas interessadas em participar do trabalho.

Depois de explanar os objetivos da atividade para os participantes, será elaborado em conjunto com os indígenas os instrumentos de coleta de dados contendo as perguntas que estes acham pertinentes em relação à língua indígena e língua portuguesa. Quando pronto este questionário, pretende-se voltar à comunidade e aplicar os instrumentos elaborados. A aplicação dos instrumentos se dará com o objetivo de fazer um levantamento sobre a vitalidade da língua

Kaingang na Terra Indígena de Mangueirinha/PR, considerando que vários indígenas desta comunidade principalmente os mais novos já não falam a língua indígena, somente português.

Os resultados encontrados até o momento dizem respeito a como a proposta de atividade de construção em conjunto dos instrumentos de levantamento de dados junto à comunidade foi recebida por alguns membros da comunidade com os quais se entrou em contato no sentido de observar como a atividade seria recebida.

Estes mencionaram que se trata de uma forma mais respeitosa de conduzir trabalhos, que possibilita que os indígenas efetivamente participem do trabalho, tendo sua opinião e julgamento levados em consideração, uma vez que muitas vezes respondem a questionários com perguntas “sem sentido”, porque não foram elaborados visando à forma como o indígena compreende o fenômeno da língua e o que esta significa para eles.

Para este texto nos propomos fazer uma discussão sobre a proposta de uma pesquisa sobre língua indígena junto aos indígenas da T.I. Mangueirinha/PR. Esta pesquisa visa possibilitar o desenvolvimento de um trabalho efetivamente “com” comunidade indígena e não “sobre”, de modo que resulte na construção de instrumentos de coleta de dados sobre língua adequados à realidade da comunidade (que depois de prontos serão aplicados à comunidade, cujo objetivo é fazer um levantamento linguístico referente à língua indígena e portuguesa).

Espera-se obter como resultado final desta pesquisa que os instrumentos elaborados juntamente com os indígenas possam identificar os conceitos de língua na visão dos indígenas e que possamos obter dados mais precisos sobre língua na comunidade indígena de Mangueirinha/PR.

Referências

CENSO 2010. Disponível em:
<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/>>. Acesso em: 03 de set. 2015.

Mapa Terra Indígena de Mangueirinha/PR. Disponível em:<
<http://www.efdeportes.com/efd112/esportes-de-natureza-e-ecoturismo-terra-indigena-de-mangueirinha.htm>>. Acesso em 05 de jul. 2017.



FRAGA, L.; TASSO, I. E. V. S. A realidade linguística das comunidades indígenas do Paraná: o que dizem os dados do Censo Demográfico. In: **XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA**, 2016, Campo Grande. ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA. Campo Grande: CBLA, 2015. p. 150-162.56 15.º CONEX – Resumo Expandido - ISSN 2238-9113

FRAGA, L.; TASSO, I. E. V. S.; KASTELIC, E. S. D. A realidade linguística das comunidades indígenas do Paraná. In: AMARAL, Wagner Roberto do; FRAGA, Letícia; RODRIGUES, Isabel Cristina. (Org.). **Universidade para indígenas a experiência do Paraná**. 1ed.Rio de Janeiro: FLACSO/LPP-UERJ, 2016, v. 1, p. 157-170. MOTA, T. L.; ASSIS, de S. V. **Populações Indígenas no Brasil: história, cultura e relações interculturais**. Maringá, 2008. 134 p.

SILVA, da C. P. M.; GRUBTIS, S. **Relações Éticas em Pesquisas com Populações Indígenas**. Publicado em “Psicologia Ciência e Profissão”, vol. 1, p. 46-57, ISSN 1414- 9893, Brasília, 2006.

A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA: IMAGENS DO EXÍLIO

Emanuelle Alves Adacheski

Orientação: Keli Cristina Pacheco

Intentamos, com a dissertação, explorar alguns movimentos, imagens e trajetórias presentes no romance *A rainha dos cárceres da Grécia* (publicado em 1976), de Osman Lins, em relação aos pensamentos sobre o exílio, o qual não se entende aqui como deslocamento geográfico, mas se refere a uma reflexão sobre a subjetividade entendida como movimento para fora e desprovida de essência, cuja fundamentação encontra-se principalmente em Jean-Luc Nancy.

Lançamos mão do exílio não apenas como tema, mas também ao situar a análise em espaços intervalares, balizados por imagens que aparecem no próprio romance em exílio, pois são citações exteriores que ingressam no livro pelo trabalho fragmentário de Lins: um documentário sobre as linhas de Nazca, paisagem arqueológica localizada no Peru; e citações retiradas de *Alice no País das Maravilhas*.

Sobre o fragmentário, explica Mauricio Mendonça Cardozo que Jean-Luc Nancy se coloca “[n]a esteira de uma resistência a diferentes formas e ordens de totalização, assumindo o fragmentário como condição de existência no mundo” (in NANCY, 2013, p. 414). O fragmento, portanto, pode ser a primeira pista que aproxima o livro de Lins e a fundamentação teórica que estamos acionando. O fio que nos conduz pela narrativa é a trajetória do narrador-personagem.

Comprometido com o ofício de escritor e dedicado a encontrar caminhos inovadores na literatura, o escritor pernambucano Osman Lins (Vitória de Santo Antão, 1924 – São Paulo, 1978) legou obra singular, na qual se destaca a produção em prosa, marcada pela exploração de novas técnicas de composição e pela

reflexão metalinguística. A crítica e o próprio Lins dividem sua obra em duas fases: uma mais tradicional e outra mais experimental, que inclui *A rainha dos cárceres da Grécia*.

Sanda Nitrini escreve: “[...] desde o início o autor pernambucano vai se valer da observação e da reflexão sobre a pintura, sobretudo, [...] para compreender o processo de criação e nos esclarece [...] a estreita relação de sua literatura com as outras artes” (NITRINI, 2010, p. 31). De fato, é perceptível em toda a sua obra que a relação da escrita com a imagem foi um dos pontos em que incidiram as tentativas de criação pessoal de Osman Lins. Sua literatura explora a visualidade de muitos modos.

A rainha dos cárceres da Grécia tem como narrador um professor que escreve um diário, no qual analisa o romance “A rainha dos cárceres da Grécia”, escrito por Julia Marquezim Enone, que era amante do narrador e morreu pouco tempo depois de terminar o livro. Como a obra foi legada a outros parentes de Julia, o narrador não pode tentar publicar o romance, então inicia esse comentário ensaístico no diário para lembrar de Julia e resgatar sua obra. Por fim, o narrador terminará fundindo-se ao livro: transforma-se numa das personagens, o Espantalho. Essa bizarra reversibilidade, que insere no interior do livro lido aquele que o lê, livro esse que, fictício, inexistente fora do romance de Lins, só se dá a ver justamente por essa leitura do narrador, podemos relacionar com um palíndromo.

O palíndromo, que, para além do que diz, espanta por ser reversível, recolocando num espaço de jogo a linguagem; de modo que a reversibilidade é já criadora de sentido, pois esse segundo olhar (desconfortável, desautomatizado, maravilhado) coloca em relevo o objeto língua, sua decomposição, seu artifício, sua maleabilidade e seus limites. A reversibilidade também é, lembremos, característica do texto plural, idealizado por Barthes em *S/Z*.

A proposta de Barthes refere-se enfaticamente a uma postura da crítica e da instituição literária que procedem em fechamento; ou, por outro lado, pode-se agir contra essa postura e disseminar o texto numa interpretação, inspirada em Nietzsche, que quer perceber de que plural é feito o texto, quer continuar a escrevê-lo, agindo fora de uma institucionalização. Os textos mais plurais resistem ao fechamento mesmo que a crítica busque fechá-los. *A rainha dos cárceres da Grécia*, arriscamo-nos a afirmar, pode receber esse epíteto de plural.

A atuação como crítico do narrador é sempre às margens da oficialidade, uma vez que se trata de um professor de História Natural, cuja paixão por literatura o impele a escrever sobre os livros que lê há já vários anos. Assim, a erudição que só serve como estilo acadêmico é sempre parodiada. Basicamente todas as personagens do romance de Lins lidam com “condenações” relativas ao lugar que ocupam no mundo ou que vieram a ocupar, e sua construção literária desafia esses mesmos lugares.

Há esse narrador que rasura o lugar do crítico literário. Julia, por seu turno, passou a vida sendo violentada de diversas maneiras, por ser mulher, por ser nordestina, por não seguir as determinações da família etc. E Julia subverte também esse destino, ligando-se a causas sociais, não se submetendo à disciplina do mundo do trabalho e engendrando sua própria liberdade pelo nomadismo e pela literatura. Segundo a leitura do narrador, Julia faz uma literatura que também se liberta dos fechamentos, dos determinismos técnicos. O mundo, no entanto, continua fechado à forma que deu a seu destino: o livro que escreveu foi recusado pelas editoras.

Há, ainda, Maria de França, pobre operária, empregada doméstica, louca. A história que se lhe desenha no romance é a de uma busca por benefício na Previdência Social, por alienação mental. Num périplo absurdo pelas instituições burocráticas, Maria de França (oficialmente diagnosticada como louca, tendo já sido internada em hospício) precisa provar-se a louca que é por meio de papéis, declarações, atestados. Mas é justamente sua consciência alterada que cria a perfeita desculpa para uma emissão nova, tecida por Julia: uma narradora em primeira pessoa, que fala com os jargões do rádio para seus ouvintes, com laivos de onisciência, sempre descentrada.

Quanto ao centro magnético da dissertação, trata-se das reflexões sobre exílio e subjetividade em Nancy. O filósofo deseja rearticular o termo “exílio” identificado à existência através da negação de toda uma tradição ocidental, em busca de um novo pensamento, de abertura, revelado pela história mesma do Ocidente. Nancy pretende afastar seu pensamento sobre o exílio de duas frentes tradicionais, a redentora, de retorno ao próprio e a da deportação desapropriadora, de retorno impossível; concebe: “un exilio que sería la constitución misma de la existencia, y por lo tanto, recíprocamente, la existencia que sería la consistencia

del exílio” (NANCY, 1996, p. 37). Fazemos um paralelo dessas concepções com a discussão de Judith Butler e Athena Athanasiou em *Dispossession* (2013), que colocam a despossessão (ou desapropriação), como um conceito ambivalente cujas duas valências não se excluem, mas giram em torno de um mesmo eixo: “Nós só podemos ser despossuídos porque já somos despossuídos. Nossa interdependência estabelece nossa vulnerabilidade às formas sociais de privação (BUTLER; ATHANASIOU, 2013, p. 4-5).

Se pensarmos no romance de Lins, apenas o périplo burocrático, a que Maria de França é empurrada pelas circunstâncias e pelas características do sistema sócio-político, já fala da expropriação do corpo (cuja presença exaustiva é requestada, bem como submetida ao poder médico), da linguagem (pela impossibilidade de atuar nas malhas insanas dos papéis, atestados etc.) e do ser-com (ao despossuí-la de um direito, determinado oficialmente numa comunidade), os lugares de exílio descritos por Nancy.

Não devemos ignorar a singularidade da vida de Julia e o que isso representa na sua relação com a linguagem. Se Julia seguisse a ordem estabelecida, nunca escreveria: sua escrita é já uma resistência. De forma que, se ela emulasse a forma canônica, facilmente identificada com o masculino, com o burguês etc., estaria reproduzindo uma linguagem que não lhe é própria, ou seja, uma expropriação da *sua* linguagem (potente de singularidade). Claro que nos referimos à linguagem de Julia (*sua própria*) na medida em que a linguagem pode ser própria, ou seja, numa relação asilar, em que se faz de próprio aquilo que é coletivo, aquilo que é de ninguém. Esse processo nos interessa na medida em que nos permite introduzir a escrita como lugar de exílio e asilo de uma coletividade, que traz à tona o ser-com que atravessa o escritor.

LIBRAS E ACESSO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM QUESTÃO

Evelin Seluchiniak Nunes

Orientação: Letícia Fraga

A inclusão de alunos surdos na escola comum teve como ponto de partida a regulamentação do Decreto nº 5.626, que dá ênfase a Lei Federal nº 10.436/ 2002, ao garantir em seu texto o acesso a Língua Brasileira de Sinais (Libras) na sala de aula. Passado quinze anos da aprovação da lei e doze do decreto, houve poucos avanços, devido à precariedade das práticas e o desconhecimento da população acerca do *status* linguístico, prejudicando a aprendizagem do surdo e sua integração no espaço escolar. Partindo deste pressuposto e com a finalidade de avaliar tais práticas em sala de aula, se propõe como objeto de pesquisa a análise da lei municipal nº 12.213, de 23/06/2015, do município de Ponta Grossa, referente ao Plano Municipal de Educação, mais especificamente direcionada aos pontos referentes à realidade do ensino bilíngue para os alunos surdos inclusos na rede regular de ensino. Com esta análise, busca-se identificar propostas relacionadas ao bilinguismo e que foram colocadas em prática, bem como refletir sobre problemas que impedem a inclusão da língua de sinais (Libras) como disciplina nas escolas. Como são estas práticas? O acesso ao currículo escolar (disciplinas e conteúdos) se dá a partir e na língua de sinais? O Projeto Político Pedagógico (PPP) contempla o acesso a Libras dentro da instituição? São algumas questões a serem investigadas.

A inclusão dos alunos surdos no ensino regular tem sido considerada um desafio aos estados e municípios, tendo como característica marcante o conceito da diferença do sujeito surdo: sua língua, sua cultura. Essa língua, a de sinais, é a língua materna (L1) do surdo e seu acesso a ela deve ocorrer dentro do espaço familiar, o que não acontece, como afirma Fernandes (2014), uma vez que as famílias de surdos constituem contextos monolíngues em língua portuguesa. O fato

de a Libras ser a L1 se deve a sua importância como um instrumento de comunicação que se apresenta como uma construção social. Sendo o Português na modalidade escrita como L2, devido ser a língua oficial do Brasil. Dessa forma, por não ter esse acesso, grande parte destas crianças, ao conviver com os ouvintes, acaba tendo um acesso tardio à língua de sinais, sendo possível que esse contato tenha início a partir da vida escolar. Assim, não se apropriam de referências culturais da comunidade surda, não tendo interlocutores fluentes em Libras para garantir seu direito à língua materna até os três anos.

Diante deste posicionamento e devido à escola comum não proporcionar um ambiente linguístico favorável à pessoa surda, é necessário que tenhamos escolas bilíngues com profissionais surdos com formação em nível superior, mas também é preciso que se compartilhe esse idioma de forma que ocorram mudanças significativas em nossa sociedade. A educação bilíngue para surdos se fundamenta na convivência com pares falantes da mesma língua, ou seja, a língua de sinais. Essa prática exige um ambiente que considere o surdo como dotado de uma língua viso espacial, diferente do ouvinte que apresenta uma língua de modalidade oral auditiva, ou seja, considerando o surdo como um “estrangeiro”, que deva aprender a partir e na língua de sinais.

Com o sancionamento da Lei Federal nº 10.436/ 2002 e do Decreto nº 5.626 de 2005, ocorre o reconhecimento linguístico da Libras e sua inclusão como disciplina nos cursos de formação de professores, bem como a criação de cursos em nível de graduação (Pedagogia Bilíngue e Letras-Português-Libras) que contemplam a língua de sinais com a finalidade de formar professores surdos e ouvintes proficientes em Libras. Se compararmos a situação atual com há dez anos, é possível perceber que hoje há mais profissionais surdos/ouvintes buscando formação na área da educação bilíngue para surdos, para futuramente atuarem dentro dos diferentes espaços educacionais.

Para podermos compreender melhor a importância da difusão da língua de sinais, é preciso entender o quão essencial ela é para a criança surda. Essa afirmação conta com o suporte de pesquisas na área da linguística, psicologia e sociolinguística que desmitificam o preconceito linguístico da Libras. Há também pesquisadores que defendem o bilinguismo como forma de satisfazer as necessidades da criança surda, como Grosjean (1992), que afirma ser preciso dar

acesso a uma língua de sinais ao invés de aceitar o risco de um atraso no desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e pessoal. É também a partir desta língua que a criança surda se identificará com o mundo surdo construindo sua identidade.

O ensino da Libras é um dos caminhos necessários para que haja mudanças no atendimento escolar de alunos surdos, é uma língua viva que contribui para o desenvolvimento cognitivo e social, sendo de extrema importância para a comunicação.

A experiência/vivência como professora auxiliar surda na rede municipal de ensino, a percepção da falta de propostas concretas relacionadas à metodologia bilíngue para a língua de sinais e a língua portuguesa, a “exclusão” e “subalternidade” linguística observada e vivenciada dentro deste espaço têm me levado a questionar as práticas impostas aos alunos surdos usuários da língua de sinais dentro do ensino regular. Neste ambiente, a Libras encontra resistência pela dominação da língua majoritária: o português. Ao lado desse dilema, existe a falta de políticas (sociais e linguísticas) que melhorem a acessibilidade e a qualidade da educação de surdos visando à planificação linguística em nosso município, uma proposta que se volte para a comunidade surda e as vantagens do bilinguismo para nossa sociedade (Skutnabb-Kangas, 1994). Quanto a essa afirmação, no caso da Libras, que vantagens o bilinguismo trará aos surdos e ouvintes? Essa questão reflete que a língua tem que beneficiar a ambos, a função do bilinguismo não se restringe a garantir um direito linguístico, mas cumprir com rigor o que já vem escrito na lei, no plano municipal de educação: ‘assegurar a educação bilíngue para crianças surdas’, ‘garantir a oferta de educação bilíngue: Libras como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua, na modalidade escrita, aos estudantes surdos de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos e EJA, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos da legislação vigente’ (pontos retirados da lei municipal).

Oliveira (2009) chama a atenção para o fato de o governo usar políticas que criam visibilidade, publicidade, sendo que política linguística é um ‘tipo de política pública, de pouca visibilidade, mas cuja invisibilidade não é derivada de uma intenção do Estado ou do governo’, ou seja, enquanto uma língua é usada com

rigor perante as outras línguas, que representam minorias, essas podem ser reprimidas, reconhecidas e até promovidas (são alguns casos, com exceções).

Sobre o direito ao acesso, ainda há a preocupação em relação à participação da comunidade surda e ao modelo/ metodologia bilíngue que se pretende seguir, exigindo um debate em que os surdos tenham voz (SPIVAK, 2010).

Neste caso, deve-se pesquisar que metodologias e práticas bilíngues se caracterizam de forma a garantir o ensino da língua de sinais que contemple a subjetividade cultural e identitária da comunidade surda. Para tanto, Quadros (2006) afirma que a alfabetização de crianças surdas só faz sentido se acontecer na língua de sinais, e esta língua deve ser usada na escola para que a criança surda a adquira, de modo que aprenda os conteúdos a partir desta língua e aprenda sobre a língua, diferentemente do que ocorre atualmente.

Portanto, a investigação sobre as práticas bilíngues tem a finalidade de observar como está ocorrendo o acesso a Libras nas escolas através da análise da lei e da proposta de ensino bilíngue da atual Escola Bilíngue para Surdos Geny de Jesus Souza Ribas, tendo como sujeitos os alunos inclusos na rede regular e na escola bilíngue. Através de uma pesquisa aprofundada (bibliográfica e a partir de vivência), que contemple o PPP e as práticas a fim de apresentar aspectos da política bilíngue e inclusão/exclusão dos alunos surdos.

Pretendo nessa investigação desenvolver uma pesquisa que contemple os princípios da pesquisa qualitativa, desvendando crenças, valores, hábitos, atitudes, representações e opiniões para aprofundar o tema, discutindo, portanto, a complexidade contextualizada dentro e fora do espaço educacional.

Segundo Luz (2013, p.71), ao descrever o “estado de aparição”, narrando o que representa essa situação, é certo também que o pesquisador perceba sua ligação com a pesquisa, lutando também pela sua própria aparição.

Na pesquisa qualitativa, por ser empregada para compreender fenômenos que caracterizam um alto grau de complexidade interna (no meu caso, um grupo cultural e linguisticamente singular), devem ser levados em consideração vários aspectos com a finalidade de interpretar a realidade.

No caso da investigação das práticas do ensino da Libras para os alunos surdos nas escolas, é importante compreender que práticas pedagógicas emanam dentro dos espaços escolares, e se a lei está garantindo este direito linguístico.

Para isso, é preciso extrapolar o ambiente acadêmico, e entrevistar professores surdos e ouvintes que trabalham com a inclusão de alunos surdos no ensino regular, bem como ter a convivência com a comunidade surda, ter conhecimento de sua cultura e ser usuária da língua de sinais (no meu caso, devido à surdez pós lingual, como segunda língua).

A pesquisa que proponho tem como sujeitos os alunos surdos inclusos na educação infantil e primeira fase do ensino fundamental, das escolas da rede municipal de ensino.

Em paralelo, faz-se a investigação da lei municipal, envolvendo entrevistas com as pessoas responsáveis e que estão envolvidas com a proposta da educação bilíngue ou escola bilíngue para alunos surdos, pessoas que estejam envolvidas diretamente na luta por políticas (educacionais e linguísticas) para a inclusão da Libras nas escolas e por um ensino com qualidade para os alunos surdos (sujeitos), no qual se faz necessário o convívio e observação dessas realidades. Outro aspecto a ser investigado é a produção acadêmica sobre a temática (dissertações, teses, artigos, livros e filmes) que abordam aspectos do bilinguismo da língua de sinais e metodologias; políticas linguísticas para minorias e aspectos da aprendizagem escolar de alunos surdos; documentos emanados do Ministério da Educação (MEC) que orientam a implementação de políticas educacionais que tratam da inclusão de surdos nas instituições educacionais; bem como propostas referentes ao ensino bilíngue que envolva a comunidade surda e a inclusão da Libras como disciplina curricular.

Em relação às dificuldades encontradas para colocar em prática as propostas de ensino bilíngue, pode-se dizer que uma delas está na falta de estrutura, de profissionais e da valorização de políticas educacionais de Libras nas escolas, que contribuem para atrasar ainda mais o sonho da comunidade surda de ter escolas bilíngues com qualidade para surdos, considerando que, nas palavras de Quadros (2009, p. 28), o nível ótimo de bilinguismo deve ser o objetivo educacional para todas as crianças surdas.

Luta pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), por um sistema de avaliação que considere a diferença linguística e cultural dos surdos, por intérpretes, pela divulgação da Libras na sociedade, entre tantas outras. (Karnopp, 2004, p. 106).

Como pesquisadora, devo lutar pela singularidade desta pesquisa, de forma a transformar a realidade e não apenas manter o *status quo* (LUZ, 2013, p. 71). O importante é o confronto dessas informações que mostrarão aspectos das práticas educacionais em nossas escolas e se o direito ao acesso a Libras e sua garantia pela lei estão sendo considerados, bem como se processa o conhecimento através da realidade social e educativa de forma a contribuir com a academia, abrindo espaço para novas pesquisas no ramo da linguística da língua de sinais, políticas linguísticas e educação de surdos.

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. OLIVEIRA, Sonia Regina de. **Concepções de língua(gem) e seus efeitos nas conquistas políticas e educacionais das comunidades surdas no Brasil**. In: Libras em estudo: política linguística. Neiva de Aquino Albres e Sylvia Lia Grespan Neves (org.). São Paulo: FENEIS, 2013. 169 p.

BRASIL, LEI Nº 12.213, DE 23/06/2015. **Legislação Municipal de Ponta Grossa- PR: Plano Municipal de Educação**. Disponível em <<http://leismunicipa.is/dpliu>> Acesso em 08 jul. 2017.

CAVALCANTI, Marilda C. **Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias**. D.E.L.T.A. Vol. 15, Nº Especial, 1999 (385-417).

FERNANDES, Edicléia m. e Hello Orrico. **Políticas linguísticas para comunidades surdas do texto da lei às práticas pedagógicas**. Cadernos do CNLF, série X, n. 6 (ano e local) disponível em <http://www.filologia.org.br> Acesso em 16 jun. 2016.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

GROSJEAN, F. (1992). **The bilingual and the bicultural person in the hearing and in the deaf world**. Sign Language Studies. 1992, p. 307-320.

LUZ, Renato. **Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo?** 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SKUTNABB-KANGAS, T. **Linguistics Human Rights**. A prerequisite for bilingualism. In Bilingualism in deaf education. Ahgren & Hyltenstam (eds) Hamburg: Signum- Verl. 1994. (139-160)

KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais na educação de surdos**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corsini (Orgs.). A invenção da surdez: cultura, alteridade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. 236 p.



MULLER, J. I.; STURMER, I. E.; KARNOPP, L. B.; THOMA, A. S. **Educação bilíngue para surdos**: interlocução entre políticas linguísticas e educacionais. UFRS-Porto Alegre, 2013. Disponível em <<http://seer.uniritter.ed.br>> Acesso em 16 jun. 2016.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Brasileiro fala português**: monolingüismo e preconceito lingüístico. IN: SILVA, Fábio Lopes da & MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92.

QUADROS, Ronice M. **Políticas linguísticas para comunidades surdas do texto da lei às práticas pedagógicas**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 141-161, maio/ago. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 20 jun. 2016.

_____. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artemed, 2009.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte.

WILCOX, Sheman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver**: o ensino da Língua de Sinais Americana como segunda língua. Tradução de Tarcísio de Arantes Leite. São Paulo: Arara Azul, 2005.

O GRITO SUBALTERNO NO *QUARTO DE DESPEJO*

Everton Meneguzzo

Orientação: Ione da Silva Jovino

Em nossa história, há uma questão importantíssima que mostra como as sociedades têm se organizado – através do tempo – política e economicamente que é a questão do sujeito subalterno e como ele foi e ainda é tratado pelos intelectuais que muitas vezes assumem essa “voz” subalterna. Quem foram esses sujeitos dentro da história do Ocidente e quem são hoje? As questões de gênero, raça e condição socioeconômica influenciam na formação desse sujeito e, como ele é visto dentro de uma sociedade? Esse sujeito pode falar? E se ele realmente pode falar, ele é ouvido? Nessa perspectiva, o presente projeto tem como intenção analisar as questões do sujeito subalterno presente na obra “Quarto de despejo – diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus. A questão “Pode o subalterno falar?” levantada por Gayatri Chakravorty Spivak pode ser respondida a partir dos escritos de Carolina? Pretende-se fazer um estudo e análise da obra através de pesquisa bibliográfica. De acordo com os estudos sobre Discursos, representações: produção de sentidos esse projeto pretende levantar como se dá a construção do sujeito nessa obra.

Se a voz do subalterno é muitas vezes representada pelo próprio opressor, de quem é a voz na obra “O quarto de despejo – diário de uma favelada”? Carolina Maria de Jesus por ser negra, mulher e favelada representa o sujeito subalterno do Terceiro Mundo? Como se dá a representação identitária na obra através de seu discurso? Como a mulher subalterna é representada na história? O discurso de Carolina – presente em seus escritos – revela a condição da mulher negra, favelada e subalterna?

É necessário tentar traçar como a identidade é construída historicamente dentro dessa narrativa autobiográfica e se é possível definir Carolina Maria de Jesus como sujeito subalterno e/ou sujeito marginal e por que a linguagem dessa favelada escritora choca e/ou até mesmo agride às vezes.

Diante deste mundo globalizado, em crise, dominado pelo capitalismo e pela burguesia, Gayatri Chakravorty Spivak faz a pergunta: “Pode o subalterno falar?”. Ao abordar essa questão, Spivak assume uma postura marxista, pós-estruturalista e desconstrucionista em que discute o feminismo contemporâneo, o pós-colonialismo, a globalização e como a sociedade Ocidental trata esse sujeito subalterno.

Quem é esse sujeito subalterno? Ele realmente pode falar? Ao falar, ele realmente é ouvido?

De fato o que ocorre no pós-colonialismo, segundo Spivak, é a ausência de um caráter dialógico na fala do subalterno, o processo de sua autorrepresentação e o ato de ser ouvido não ocorrem. A tarefa do intelectual pós-colonial seria o de criar espaços para o subalterno falar de maneira que possa ser ouvido.

A autorrepresentação envolve as questões de identidade, segundo os estudos de Homi Bhabha, a partir do que teoriza Frantz Fanon, as “bases tradicionais de identidade racial são dispersadas pelos mitos narcisistas da negritude e pela supremacia racial branca”. Esses mitos muitas vezes são justificados pelos intelectuais que tratam das questões do subalterno.

Spivak em seu posicionamento, frente às indagações do sujeito subalterno, defende que a crença acerca do lugar do investigador é uma crença sem sentido, ela critica os esforços do Ocidente, hoje, sobre a problematização do sujeito e sua representação como sujeito do terceiro mundo. A produção intelectual do Ocidente atende a seus próprios interesses econômicos internacionais. O sujeito, quando não pertence nem ao trabalho nem ao gerenciamento, é definido como sujeito legal do capital socializado.

Na década de 70, ocorre a formação de uma classe artificial e econômica, segundo o que Spivak apreende de Althusser, o instinto de classe é subjetivo e espontâneo e a posição dessa classe é objetiva e racional. O sujeito não é visto como um representante coerente da realidade enquanto consciência representativa. O teórico não representa o grupo oprimido, pois não pode

representar aqueles que estão na luta. A consciência de classe não opera para criar um sujeito indivisível em que o desejo e o interesse coincidem.

Spivak analisa o que Marx argumenta sobre o sujeito que não pode representar a si mesmo, mas que deve ser representado e, seu mestre deve se mostrar como uma autoridade e como protetor maior das outras classes. Essa dissimulação social enquanto modelo implica (ou acarreta) uma crítica ao sujeito como um agente individual e à subjetividade de agenciamento coletivo. Dentro do que Marx trabalha a respeito de classe e identidade, Spivak traz que as condições econômicas determinam a classe, mas que ao não produzir uma identidade de interesses, os grupos não formam uma classe.

De acordo com BHABHA, Fanon ao identificar o sujeito colonial, questiona o alinhamento tradicional da história do EU, da Sociedade e da Psique. Ele faz uma associação heterogênea dos textos da história, da literatura, da ciência e do MITO. Fanon evoca profundamente a condição do sujeito colonial que é sempre “sobredeterminado de fora”.

Spivak revela que “os oprimidos podem saber e falar por si mesmos”. Segundo ela, “isso reintroduz o sujeito constitutivo em pelo menos dois níveis: o sujeito de desejo e poder como um pressuposto metodológico irreduzível; e o sujeito do oprimido, próximo de, senão idêntico, a si mesmo. Os intelectuais fazem uma declaração sobre o sujeito e analisam o funcionamento do poder e do desejo. Esse S/sujeito, curiosamente atado a uma transparência por meio de negações, se associa aos exploradores da divisão internacional do trabalho.

Quando Spivak trata da sociedade e da educação hindu, parte da própria experiência: “na ausência de um treinamento disciplinar avançado, esse acidente de nascimento e de educação me proveu um sentido do cenário histórico, um domínio das linguagens pertinentes [...]” Após relatar brevemente sobre a produção colonial hindu, ela argumenta: “[...] pode o subalterno falar?”

Segundo ela, há uma preocupação de Gramsci em relação ao papel do intelectual no movimento cultural e política do subalterno no âmbito da hegemonia, mas o que se observa nessa questão da hegemonia é que “certas variedades da elite indiana são, na melhor das hipóteses, informantes nativos para os intelectuais do Primeiro Mundo interessados na voz do Outro. Deve-se insistir que o sujeito subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo.

Para o verdadeiro grupo subalterno, cuja identidade é a sua diferença, pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo.

Metodologia

As indagações levantadas no presente projeto de pesquisa acerca do sujeito subalterno serão analisadas a partir do estudo de referencial teórico, bem como leitura e análise da obra “Quarto de despejo – Diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus”. Serão abordadas questões sobre a voz do sujeito subalterno, sobre a condição da mulher negra e pobre dentro de uma sociedade capitalista que, na história do Ocidente, negou e ainda continua a negar o direito de fala, e acima de tudo o direito de ser ouvido a esse sujeito. Analisar-se-á também a linguagem de impacto utilizada pela nossa favelada escritora Carolina acerca das relações entre culturas e processos identitários/

Referências

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BHABHA, Homi. Interrogando a identidade – Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007. p. 70 – 104.

GIL, A. C. Formulação do problema. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas, 1999. p.49 – 55.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo – Diário de uma favelada – 9. ed.** São Paulo: Ática, 2007.

UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DA PRODUÇÃO DE JOSÉ REZENDE JR.

Felipe Teodoro da Silva
Orientação: Silvana Oliveira

O objetivo desse trabalho é propor uma análise filosófica da produção literária do autor brasileiro José Rezende Jr, realizando um estudo de sua ficção completa, a partir dos conceitos desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre Literatura e Filosofia, para compreender melhor os processos que constituem a produção do autor, assim como o funcionamento da sua escrita e efeitos da obra no leitor.

A Literatura Brasileira contemporânea ainda não ocupa seu devido lugar na academia, poucos são os estudos, mas realizar esse movimento é muito importante, não só para difundir a escrita desses autores que não se enquadram no cânone de estudos literários, como também para entender melhor o momento atual da produção ficcional do nosso país. São vários os nomes que representam nossa Literatura nos dias de hoje, dentre eles, o escritor mineiro José Rezende Jr., que atualmente vive em Brasília, foi o escolhido para a realização dessa pesquisa. Com cinco livros publicados, sendo três deles de contos, um de micro-histórias e outro de Literatura Infanto-Juvenil, o autor que apesar de ter vencido em 2010 o prêmio Jabuti de Literatura, uma das premiações mais importantes do Brasil e também receber elogios de um dos maiores contistas da geração, Moacyr Scliar, José Rezende Jr. ainda é pouco conhecido.

Sua escolha para estudo surge pelo força que sua narrativa apresenta através de contos que criam um diálogo com várias situações da nossa sociedade, reflexões sobre a vida e a morte e vozes dos mais variados tipos de sujeitos que

fazem parte da nossa realidade, tudo isso dentro de uma escrita singular, carregada de potencial.

O objetivo principal da pesquisa é entender o funcionamento da produção ficcional de José Rezende Jr. produzida até 2017, assim como estabelecer relações entre sua narrativa com Filosofia, realizando um trabalho experimental, com o objetivo de estabelecer paralelos dentro da produção como um todo, encontrar aspectos em comum, localizar temas e estruturas chaves para a formação de sua literatura. O trabalho levará em consideração em um primeiro momento um estudo da linguagem utilizada pelo autor, com intuito de conhecer melhor e delinear a voz narrativa de Rezende Jr., com o objetivo de entender o que revela a escrita do autor no que diz respeito à Língua. Na sequência o estudo será focado em temas recorrentes da sua obra, com o objetivo de traçar paralelos entre toda a produção e encontrar aspectos recorrentes nos contos dos seguintes livros: *A Mulher-Gorila e outros demônios* (2005), *Eu perguntei pro velho se ele queria morrer (e outras histórias de amor)* (2010) e *Os Vivos e os Mortos* (2016). Como referencial teórico, partiremos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, principalmente da obra *Mil Platôs* (1995), que apresenta conceitos filosóficos importantes para a compreensão do Literatura. Conceitos como o Rizoma, o Devir e a Desterritorialização, servirão como ponto de partida para identificar os processos que constituem a obra de José Rezende Jr.

No primeiro ensaio do livro *Crítica & Clínica* (1997), Deleuze escreve que a Literatura é um caso de devir e traça um paralelo entre o movimento da criação do diferente e a escrita como criação de uma língua estrangeira. Para Deleuze o autor de Literatura é aquele que cria um delírio na linguagem que revela o diferente. O literato é aquele que escreve o que os outros não enxergam e não escutam, é aquele que tem:

Visões verdadeiras ideias que escritor vê e ouve nos interstícios da linguagem, nos desvios de linguagem. Não são interrupções do processo, mas paragens que dele fazem parte, como uma eternidade que só pode ser revelada no devir, uma paisagem que só aparece no movimento. Elas não estão fora da linguagem, elas são o seu fora." (DELEUZE. 1997, p. 16).

É partindo dessas ideias que examinaremos a ficção de José Rezende Jr, para descobrir se essa vidência e audição literária estão presentes em suas narrativas em um primeiro momento no que diz respeito à própria linguagem.

Na sequência, o objetivo é estabelecer uma relação entre os conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari de Devir com a produção do autor, observando os narradores e personagens das obras, levantando os temas principais dos textos, assim como as reflexões que cada um deles produz no leitor. Dentre os temas tratados por José Rezende Jr. podemos destacar as relações entre personagens de classes sociais diferentes, o encontro entre homem e animal, as narrações sobre suicídio e tragédias familiares, traumas de infância e a narração sobre a morte. De modo geral todas as narrativas tem como característica, encontros. Encontros que acabam produzindo determinado efeito, como por exemplo o encontro entre empresário e assaltante, no conto 59 Segundos. Levantaremos a possibilidade de esses encontros funcionarem da mesma forma que o conceito de Devir. No volume quatro da obra Mil Platôs, Deleuze apresenta um dos significados de Devir:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de proximidade ou de aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma zona de vizinhança ou de co-presença de uma partícula quando entra nessa zona" (DELEUZE, 1997, p.16).

Sendo assim, um dos pontos a serem considerados na leitura e análise da obra de José Rezende Jr. é identificar essas "Zona de Vizinhança" dentro da obra e procurar descobrir se o conceito de Devir realmente aparece nas narrativa e junto com isso, de forma articulada, utilizar o conceito de Rizoma para buscar um melhor entendimento da produção do autor. As narrativas, ou seja, os diversos contos, serão estudados como um conjunto de linhas que se atravessam, se cruzam, carregadas de intensidade. E entre essas linhas, buscar identificar linhas de fuga, movimentos de agenciamento que escapam do modelo pré-estabelecido. Para tal análise ainda serão utilizados outros conceitos de Deleuze e Gatarri, como o Corpo sem Órgãos. No momento atual o trabalho a pesquisa se encontra em processo

final de consolidação, assim como levantamento da bibliografia teórica para dar início à escrita.

Referências

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997

_____. **Mil Platôs Vol. 1**, capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs Vol. 3**, capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs Vol. 4**, capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

REZENDE JR., J. **A Mulher-Gorila & Outros demônios**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

_____. **Eu perguntei pro velho se ele queria morrer & Outras Histórias de Amor**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

_____. **J. Os Vivos e os Mortos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

ANTROPÓFAGOS DA POESIA MARGINAL

Isabel Cristina Bichinski

Orientação: Miguel Sanches Neto

Esta pesquisa tem como objetivo estabelecer uma relação entre o conceito de antropofagia proposto pelo modernista Oswald de Andrade na década de vinte, com a poesia marginal dos anos setenta e o tropicalismo, que retomarão o espírito da antropofagia oswaldiana, especialmente em poemas piada e em músicas. Pretende-se resgatar discussões em torno da identidade que a literatura brasileira conquistou na década de vinte com a Semana de Arte Moderna e posteriormente com a revolução antropofágica e para isso será feita uma retomada histórica do período. Busca-se compreender de que forma esse resgate antropofágico é feito em poetas contemporâneos como Paulo Leminski e Chacal. Tomando o conceito de antropofagia oswaldiana como norte, busca-se refletir em que medida a antropofagia aparece dentro da poesia marginal e do tropicalismo. Para isso, a pesquisa baseia-se além de Oswald de Andrade, Paulo Leminski e Chacal, autores como João Cezar de Castro Rocha, Benedito Nunes, Caetano Veloso, Cacaso, Haroldo de Campos, Raul Bopp, entre outros. O trabalho ocorrerá por meio de revisões de literatura que contemplem a antropofagia, a poesia marginal e o tropicalismo a fim de se encontrar um ponto de ligação relevante entre ambos.

É possível relacionar o conceito de Antropofagia oswaldiana com a Poesia Marginal e o Tropicalismo?

Ressalta-se que a antropofagia oswaldiana é uma metáfora da antropofagia praticada pelos índios: como o guerreiro da tribo capturava, convivia e depois se alimentava da carne de seu inimigo, acreditando que com isso ele assimilaria todas as virtudes do outro, Oswald de Andrade propunha que a literatura brasileira fosse acima de tudo nacional, mas que soubesse aproveitar a cultura do “inimigo” (o outro, a cultura europeia) e que dessa forma trouxesse ideias para uma poesia

inovadora que se constituísse do outro, sem ser uma cópia, mas que conseguisse teorizar e praticar uma seleção que nunca perdesse seu viés nacional, viés que fora tão importante para a ruptura do modernismo com a tradição em 1922. De acordo com as versões de Tarsila do Amaral e de Raul Bopp, como Wilson Martins (1991) relembra, a Antropofagia teria nascido em um restaurante de São Paulo, onde diante de um prato de rãs, Oswald de Andrade explicou que "a linha de evolução biológica do homem na sua longa fase pré-antropóide passava pela rã", e Tarsila comentou "Com esse argumento chega-se teoricamente à conclusão de que estamos sendo agora uns... Antropófagos!":

Alguns dias mais tarde, o mesmo grupo do restaurante reuniu-se no palacete da Alameda Barão de Piracicaba para o batismo de um quadro de Tarsila, Antropófago. Nesta ocasião, depois de passar em revista a exígua safra literária, posterior à Semana, Oswald propôs desencadear um movimento de reação genuinamente brasileiro. Redigiu um Manifesto. (Martins, 1954, p.109).

Oswald de Andrade foi antropófago quando se apropriou deste conceito indígena e o trouxe para a década de vinte como uma tentativa de redefinir a literatura brasileira, ele evidencia isso em seu *Manifesto Antropófago*, de 1928, como Benedito Nunes afirma em seu livro *Oswald Canibal*.

Paulo Leminski e Chacal na década de setenta incorporam e resgatam o mestre antropófago, especialmente em seus poemas piada, marca registrada da irreverência e humor de Oswald de Andrade. Chacal em *Uma história a margem* comenta sobre seu primeiro contato com Oswald:

Um dia, Charles me apresentou um livro que mudou meu destino. Creio que estávamos indo para Teresópolis ou voltando de Mangaratiba quando ele tirou um livrinho do bolso e me deu. Era um pequeno exemplar de capa cinza de coleção Nossos Clássicos, da editora Agir, e o poeta era Oswald de Andrade. Sabia quem era Oswald pela peça *O rei da vela*, dirigida por Zé Celso Martinez Corrêa, e pelas muitas citações tropicalistas. Mas quando li o livrinho com excelente introdução de Haroldo de Campos, fiquei três dias abobado, rindo sozinho, besta feito um jubileu. (Chacal, 2010, p. 22).

Chacal (2010) ressalta que a poesia marginal era trabalhada em três frentes: "na rua, com suas artimanhas, sua lira delirante, seu jeito informal de ir até os leitores/ouvintes; nas universidades durante as aulas, nas teses e ensaios; na mídia com apaixonados e contundentes prós e contras". (p.65). Nesse sentido, Chacal afirma que a poesia marginal era de corte rápido, urbana, corporal em diálogo

informal com a tradição, aberta para vozes alheias, para insights, para o olho da rua e a fala da cidade.

Caetano Veloso em *Verdade Tropical* (1997) afirma: Eu já havia escrito "Tropicália" havia pouco tempo quando *O rei da vela* estreou. Assistir a essa peça representou para mim revelação de que havia de fato um movimento acontecendo no Brasil. Um movimento que transcendia o âmbito da música popular. (p.244).

E de fato transcendeu. O movimento ao qual Caetano se refere é a antropofagia oswaldiana, que norteou vários os poetas marginais e embasou muita coisa do Tropicalismo, como ressalta Caetano: "A ideia do canibalismo cultural servia-nos, aos tropicalistas, como uma luva. Estávamos "comendo" os Beatles e Jimi Hendrix" (p.247). E ainda se referindo ao Oswald: "Esse antropófago indigesto, que a cultura brasileira rejeitou por décadas, e que criou a utopia brasileira de superação do messianismo patriarcal por um matriarcado primal e moderno, tornou-se para nós o grande pai". (Veloso, 2010, p. 257)

Nesse sentido retoma-se a ideia de João Cezar de Castro Rocha da importância e contemporaneidade da antropofagia de Oswald de Andrade.

Haroldo de Campos em *Uma poética da radicalidade* cita que "a radicalidade da poesia oswaldiana se afere, portanto, no campo específico da linguagem (...) sendo a linguagem, como a consciência, um produto social, um produto do homem como ser em relação". Se a radicalidade em Oswald de Andrade se afere na linguagem, compreender a antropofagia como portadora de uma linguagem diferente é fundamental para compreendermos a sua retomada dentro do campo das linguagens na década de setenta.

"Não quero o reino dos céus: só me interessa o que não é meu" (Veloso, 1971). Dos tropicalistas, talvez Caetano Veloso foi quem mais deglutiu e assimilou Oswald de Andrade. A esse respeito, o crítico e concretista Augusto de Campos ressalta:

Atualmente componho depois de ter visto *O Rei da Vela*... Acho a obra de Oswald enormemente significativa. Fico apaixonado por sentir dentro da obra de Oswald um movimento que tem a violência que eu gostaria de ter contra as coisas de estagnação contra a seriedade... Todas aquelas ideias dele sobre poesia pau-brasil, antropofagismo, realmente oferecem argumentos atualíssimos que são novos mesmo diante daquilo que se estabeleceu como novo. O Tropicalismo é um neo- antropofagismo. (CAMPOS, 1974).

Campos salienta a importância de Oswald de Andrade para as gerações futuras, afirmando que o conceito oswaldiano da década de vinte é atualíssimo. Em recente entrevista a El País, Chico Buarque revive o princípio antropófago quando afirma "A música brasileira não exclui, assimila".

Com esse panorama, retoma-se Rocha (2011) que propõe a antropofagia como um modelo teórico de apropriação do outro. Levando em conta que a antropofagia possui uma vocação antropológica, ela pode ser uma estratégia fundamental e possível para lidar com o mundo contemporâneo, mundo que possui uma multiplicidade e pluralidade de linguagens, um fluxo imenso de informações e meios de comunicação. A antropofagia nesse sentido funcionaria como uma imaginação teórica capaz de processar dados oriundos de múltiplas circunstâncias e contextos; ou seja, seria uma assimilação crítica e de seleção do outro, daquilo que realmente pode ser assimilável e reaproveitado.

A devoração do outro é a chave do mundo moderno, como ressalta um dos primeiros antropófagos, Arthur Rimbaud em "*Je est un autre*", e como reafirma Rocha (2011, p. 13): "É apenas através do outro que podemos conhecer (um pouco) de nós mesmos". Ressalta-se que a presente pesquisa está em andamento, estão sendo realizadas várias leituras e reflexões sobre a problemática aqui apresentada.

Referências

ANDRADE, Oswald de. **Pau-Brasil**.- 5ª Ed.- São Paulo: Globo: 1991. Apêndice: Uma poética da radicalidade/ Haroldo de Campos.

ANDRADE, Oswald de. **O manifesto antropófago e manifesto da Poesia Pau-Brasil**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

BOPP, Raul. **Vida e morte da Antropofagia**. 2ªed.-Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira/** 43 ed. São Paulo, Cultrix, 2006.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. **Os dentes do dragão: entrevistas/ Oswald de Andrade**.- 2ed.- São Paulo: Globo, 1990.



CAMPOS, Haroldo de. **“Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”**. Boletim bibliográfico- Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v. 44, jan./ dez.

CHACAL, **Uma história à margem**.- Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**- São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARTINS, Wilson. **Pontos de Vista - Crítica Literária**. Queiroz: 1991.

NUNES, Benedito. **Oswald Canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ROCHA, João Cezar de Castro Rocha & RUFINELLI, Jorge. (org.). **Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena**.- São Paulo: É Realizações, 2011.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**.- São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RECORTE DA PESQUISA SOBRE OS ROMANCES: *LA HORA VIOLETA* DE MONTSERRAT ROIG E *BECOS DA MEMÓRIA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Izabel Sandra de Lima

Orientação: Marly Catarina Soares

Este resumo expandido visa apresentar um recorte da pesquisa de dissertação de mestrado em andamento cujo tema geral é a análise do compromisso ético e estético da escrita de autoria feminina nos romances: *La hora violeta* de Montserrat Roig e *Becos da Memória* de Conceição Evaristo.

No projeto inicial constava somente o romance espanhol, ao longo das disciplinas cursadas e após a mudança de orientadora, fez-se a inclusão do romance brasileiro pela necessidade de pensar também as questões femininas e de autoria feminina no Brasil, em especial, de uma escritora brasileira negra, cujas personagens estão marcadas por questões não apenas racial mas também de classe social. As romancistas escolhidas, portanto expressam em suas obras uma militância literária e um compromisso ético e estético relacionados às questões de: classe, raça e gênero.

A escrita está em fase de construção sob a orientação da Profa. Dra. Marly Catarina Soares, por enquanto o título escolhido é: “Escrita engajada de lá e cá. História, Memória na escrita feminista de *La hora violeta* da escritora catalã Montserrat Roig e em *Becos da Memória* da escritora mineira Conceição Evaristo”.

No desenvolvimento da dissertação busca-se analisar como o entrelaçamento das memórias: individual e coletiva representadas pela polifonia de vozes femininas e masculinas nos ajudam a compreender as relações entre classe, raça e gênero.

Cabe destacar que a pesquisa em andamento não é um trabalho comparativo, posto que os contextos de produção das romancistas são diferentes. Os elementos que as aproximam são menores do que as dessemelhanças. Cada uma à sua maneira, desvela as vivências das mulheres nos problemas nacionais, históricos e sociais de seus respectivos países: Espanha e Brasil. O que move o trabalho é o desejo de apresentar como as duas escritoras apresentam por meio de uma escrita literária feminista as questões que a história oficial de seus países muitas vezes tendem à ocultar ou mesmo se recusam a registrar.

As demandas das mulheres catalãs no contexto da Guerra Civil Espanhola, da ditadura franquista e a entrada na democracia após a morte do ditador Francisco Franco estão presentes na obra da romancista catalã Montserrat Roig. Jornalista e escritora pertencente à uma família de classe média, nasceu e cresceu sob o Regime Ditatorial de Francisco Franco Bahamonte, a resistência da escritora e de sua família durante o regime franquista ocorreu por meio de diferentes atuações, dentre elas, o uso da língua catalã, na época proibida.

As reivindicações das mulheres negras e de seus entes brasileiros é um tema recorrente na obra da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. Professora, poeta e ensaísta oriunda da classe trabalhadora, possui uma história de vida marcada por resistência e luta contra o racismo, que se apresenta de forma estrutural na sociedade brasileira, as personagens em seu romance tem as vozes das mulheres negras, percebe-se que a experiência/vivência da classe trabalhadora negra no sistema capitalista brasileiro estão registrado a partir do “lugar de fala” da própria romancista.

O romance *Becos da Memória* (2006) teve uma segunda edição em 2013, porém segundo a autora “esta narrativa nasceu em 1987/88”. Conceição Evaristo revela no texto de agradecimento da terceira edição (2017) que relembra “os vinte anos de espera, depois de frustradas buscas para publicação”. Este grande intervalo de tempo entre a escrita e a publicação como afirma Simone Pereira Shmidt (2006, p. 185) “é por si só revelador das imensas dificuldades que enfrentam, em geral, aqueles que, vindos de lugares distintos dos centros – sejam eles geográficos, sociais, econômicos – lutam, para transpor barreiras”.

A transposição de obstáculos para publicação podem ser vistas também como uma resistência a esta obra que trata de questões doloridas da sociedade

brasileira, memórias que não apagam o regime escravista, que desvelam as condições de ontem na “senzala” e na pós-abolição nas “periferias e favelas”.

A narrativa está organizada em curtos e longos relatos por meio da representação de personagens negras e negros e a enunciação dessas vozes masculinas e femininas, idosos, adultos, jovens e crianças que percorrem pelos becos da “favela” e da “memória” rememoram os caminhos do passado, suas heranças identitárias familiares.

Entende-se que a literatura ao longo dos séculos tem apresentado uma reflexão sobre a escrita e sobre o fazer literário. A literatura tem o poder e a capacidade de não apenas contar/narrar as questões relacionadas ao “eu individual”, mas também contextualizar temáticas que contemplam as problemáticas da humanidade, tais como as violências, as catástrofes, os problemas sociais, econômicos etc.

Neste sentido, para análise do contexto espanhol no século XX se faz por meio do romance *La hora violeta* (1980) da jornalista e escritora Montserrat Roig (1946-1991). A obra faz parte da trilogia: *Ramona, Adiós* (1972) e *Tiempos de cerezas* (1976). Nesta narrativa, as(os) leitoras(es) acompanham como a memória individual das personagens: Judit, Kati, Patricia, Norma, Natália e Agnès contribuem para compreendermos a história/memória coletiva espanhola, dentre outros acontecimentos importantes do século XX.

Estudar essas duas autoras e suas obras no século XXI, em especial, nesse período em que no âmbito mundial e nacional a sociedade passa por uma onda conservadora de perseguição aos direitos das mulheres, negros e comunidade LGBT. Estudar o passado por meio dessas obras, permite observar como se faz atual a necessidade de uma escrita literária engajada que desvela por meio da construção de seus romances como a sociedade em seus diversos espaços mantém as estruturas de desigualdades sociais nos âmbitos das questões de raça, gênero e classe social.

No desenvolvimento da dissertação busca-se apresentar as diferenças entre as questões femininas nacionais no Brasil e na Espanha, considerando que no território brasileiro as relações femininas e sociais estão intimamente ligadas às questões raciais e às problemáticas das divisões de classe na sociedade capitalista.

A metodologia de pesquisa é bibliográfica a partir das leituras e re-leituras dos romances *La hora violeta* (1980) da escritora catalã Montserrat Roig e *Becos da Memória* (2006) da escritora mineira, radicada no Rio de Janeiro, Conceição Evaristo, e as respectivas historiografia já publicada sobre elas.

A análise das obras está sendo construída a partir das leituras de pensadores que elaboram sobre: a linguagem e a crítica literária, a memória sob a perspectiva sociológica e as formulações do pensamento filosófico feminista e o feminismo sob o enfoque das questões raciais no Brasil.

O aporte teórico de Michael Pollak (1989) e Maurice Halbwachs (2006) direcionam a análise da memória, em ambos os romances, do ponto de vista sociológico. Sob o ponto de vista da linguagem e crítica literária busca-se analisar a polifonia dos discursos enunciados pelas personagens e narradores referenciando-se nas obras de Iris M. Zavala (1993), Myriam Díaz-Diocaretz (1993) e Mikhail Bakhtin (2005).

Para embasar a escrita de si da mulher negra brasileira os textos de Lélia González (1984) e Sueli Carneiro (2001), entre outros, são referências para analisar como se dá a reflexão sobre vivência da mulher negra e de seus entes na sociedade brasileira. O pensamento filosófico feminista da estadunidense Angela Davis se faz imprescindível para a análise de um feminismo que pensa e problematiza a interligação étnico-raciais, de classe e de gênero.

A produção literária afro-brasileira, a questão da “(in)visibilidade”, entre outras questões estão sendo desenvolvidas por meio do aporte teórico de Eduardo Assis Duarte, contribuições da romancista Conceição Evaristo dentre outras(os) pesquisadoras(es) que elaboram suas críticas evidenciando as conflitantes relações raciais e sociais de desigualdade na sociedade brasileira.

As feministas Celia Amorós (1985), Amelia Valcárcel (1991) e Rosa Rossi (1993) são relevantes para a análise do contexto feminino na Espanha, já que postulam uma crítica a sociedade patriarcal desde o continente europeu.

Nas análises desenvolvidas até o momento sobre a obra *La hora violeta* (1980). Percebe-se que as diferentes personagens femininas representam a diversidade de vozes e papéis sociais vivenciados pelas mulheres espanholas nesse período conturbado da história contemporânea. A narrativa está dividida em cinco partes: “*Primavera de 1979*”, “*La hora perdida*”, “*La novela de La hora violeta*”,

“*La hora dispersa*” e “*La hora abierta*”. Aparentemente a trama trata das relações amorosas entre as diferentes personagens, no entanto, em uma leitura mais atenta percebe-se que o debate e a constante análise desses relacionamentos amorosos funcionam como pano de fundo para uma crítica e reflexão sobre as questões de classe e gênero e para reconstrução não apenas da subjetividade dos indivíduos, mas também o tempo e os espaços coletivos do século XX na Espanha e Europa.

Percebe-se que a escrita de Roig é uma escrita comprometida com as problemáticas sociais de seu tempo, com a denuncia contra as atrocidades do nazismo, com a preocupação em produzir uma narrativa que dê vozes às mulheres e aos sujeitos marginalizados. Segundo Christina Duplàa, a escritora catalã é uma:

intelectual comprometida con la lucha por la obtención de las libertades democráticas em España, participa de esa respuesta feminista al discurso androcéntrico. Su solidaridad con los marginados e ignoradas la lleva a plantearse la necesidad de recuperar la memoria histórica de las mujeres, que vivieron su propia realidad a partir de mitos y modelos sociales creados para negarles, en la práctica cotidiana, el estar en el mundo en libertad.(...) Para dar voz a tanta palabra negada, Roig las convierte en protagonistas, entrevistándolas, investigando sobre ellas y caracterizándolas en la ficción. (Duplàa,1996, p. 91)¹

Esse comprometimento ético e estético com as questões de seu tempo histórico e social demonstrado na obra de Montserrat Roig também pode ser observado na produção da escritora brasileira Conceição Evaristo.

De uma forma contundente a romancista brasileira em entrevista à Revista Conexão Literatura em junho de 2017 faz uma faz uma descrição belíssima sobre a capacidade literária. Quando indagada se suas obras tornam-se “ferramentas contra a discriminação racial e injustiças sociais” ela afirma que “(...) sim, assim como há discursos literários fomentadores de posturas racistas, machistas, homofóbicas e outras práticas cruéis de uns sujeitos sobre outros, há uma literatura que pode concorrer para relações mais humanas entre as pessoas” (EVARISTO,

¹ Intelectual comprometida com a luta pela liberdade democrática na Espanha, participa dessa luta com uma resposta feminista ao discurso androcêntrico. Sua solidariedade com los grupos marginalizados e ignorados leva a escritora a enfocar a necessidade de recuperar a memória histórica das mulheres que viveram sua própria realidade a partir de mitos e modelos sociais criados para negar-lhes na prática do dia-a-dia, estar no mundo em liberdade. (...) Para dar voz a tanta palavra negada, Roig converte essas mulheres em protagonistas, entrevistando-as, pesquisando sobre elas e representado-as na ficção. (Duplàa,1996, p. 91) Tradução realizada pela mestranda Izabel Sandra de Lima.

2017b, p.8). O papel humanizador de determinadas obras literárias apontado pela escritora está sendo analisado em *Becos da memória*, nessa e em outras obras a escritora afro-brasileira demonstra na construção/representação de suas personagens femininas e masculinas uma escrita engajada, comprometida com a denúncia das desigualdades sociais a que estão submetidas a população afro-brasileira.

Conceição Evaristo, em *Becos da memória*, evoca um feminismo enegrecedor das reivindicações femininas. A(s) identidade(s) negra(s) no Brasil durante muito tempo foi subalternizada, excluída e até mesmo negada, sob as ideias de “democracia racial” e “miscigenação” as desigualdades sociais e econômicas persistiam e persistem. Conforme apontava Florestan Fernandes (1972) não poderia existir uma sociedade recém-egressa da escravidão e na qual a concentração da riqueza, do poder e do prestígio social não abrisse um fosso intransponível nas relações entre os diferentes segmentos da população.

É pois no campo literário que encontra-se o registro de vozes anti-escravidão, e na pós-abolição a denúncia das desigualdades e da luta antirracismo. A escrita como forma de re(escrever) a História oficial se dá por meio da memória, uma re(escrita) por meio de uma “Memória Social” realizada nas publicações de intelectuais negros(as) que não possuem um “olhar distanciado e neutro sobre o fenômeno do racismo e das desigualdades raciais, mas sim, uma análise e leitura crítica de alguém que os vivencia na sua trajetória pessoal e coletiva” (GOMES, 2010, p.496) *apud* (SALGUEIRO, 2016, p. 14). É essa escrita engajada, compromissada que se percebe na produção intelectual de Conceição Evaristo quando se observa a condição da(s) identidade(s) negra(as) brasileira na construção de suas personagens e no conjunto de suas entrevistas, artigos e ensaios, daí a construção do conceito de “escrevivência” desenvolvido por ela.

As leituras e re-leituras dos romances *La hora Violeta* e *Becos da Memória*, bem como dos aportes teóricos para o desenvolvimento da dissertação tem demonstrado até o momento como a literatura tem a capacidade por meio da linguagem de seus personagens possibilitar a recuperação e o registro de memórias individual e coletiva nacionais que muitas vezes, a História oficial de seus países ocultam ou recusam-se a registrar.

Desde já agradeço: ao meu companheiro Odair Rodrigues pelas leituras e observações no processo de construção do texto, à amiga/irmã Luzimeire Lima pela sempre prontidão em me ouvir, ao amigo Renan Fagundes que me acolheu em Ponta Grossa e que me ajuda criticamente neste processo, às amigas Janaína Muller e Roberta Bahia pelas leituras e longas conversas.

Referências

AMORÓS, Celia. **Hacia una crítica de la razón patriarcal**. Barcelona: Anthropos. 1985

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra Ed. Hucitec. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2005. 3ªed.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Artigo apresentado no Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero, organizado por Lolapress em Durban, África do Sul, em 27 – 28 de agosto 2001. Publicado em espanhol na revista LOLA Press nº 16, novembro 2001.

CUTI. **Literatura negra brasileira: notas a respeito de condicionamentos**. IN: QUILOMBOJE (ORG.) Reflexões sobre literatura afro-brasileira. São Paulo: Conselho de Participação e desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985. p.15-24.

DAVIS, Angela. **As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia**. São Paulo, Geledés, 12 jul. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/> Acesso em 26 de agosto de 2017.

_____. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo. Boitempo, 2016. 1ed.

DÍAZ-DIOCARETZ, Myriam. **La Palabra no olvida de dónde vino – Para una poética dialógica de la diferencia**. In: Breve historia feminista de la literatura española (en lengua castellana). Barcelona. Anthropos Editorial, 2011. p.77-124

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, no. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 11-23.

DUPLÁA, Christina. **La voz testimonial en Montserrat Roig**. Barcelona. Icaria editorial. 1996

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro. Pallas. 2017.a

_____. Especial: Conceição Evaristo. In: **Revista Conexão Literatura**. n. 24 Junho/2017. Disponível em: http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura24.pdf Acesso em 26 de agosto de 2017b.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.c

FERNANDES, Florestan. Aspectos da Questão Racial. In: **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo, Difusão Européia, 1972. p. 21 – 44.

GONZÁLEZ, Lélia. **Enegrecer o feminismo**; a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In.: Cadernos de formação Política do Círculo Palmarino. n. 1. Batalha de Ideias. 2011.

_____. **Mulher Negra**. 1984, p. 1- 13.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro Editora, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**, Trad. Dora Rocha Flauman. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Volume 2, n.3, 1989

ROIG, Montserrat. **La hora violeta**. Trad. Enrique Sordo. Barcelona. Plaza & Janes Editores. 2ed. 1987.

ROSSI, Rosa. **Instrumentos y códigos – La mujer y la diferencia sexual**. In: Breve historia feminista de la literatura española (en lengua castellana). Barcelona. Anthropos Editorial, 2011. p. 13-25.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **O ensaio feminino na historiografia literária afro-brasileira: reflexões iniciais, novas perspectivas**. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. (Org.) O ensaio negro ibero-americano em questão: apontamentos para uma possível historiografia. Curitiba. UFPR – SCHLA, 2016. p. 11 – 24.

SPIVAK, Gaytri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VALCÁRCEL, Amelia. **Sexo y filosofía. Sobre mujer y poder**. Barcelona: Anthropos.1991

ZAVALA, Iris M. **Las formas y funciones de una teoría crítica feminista. Feminismo Dialógico**. In: Breve historia feminista de la literatura española (en lengua castellana). Barcelona. Anthropos Editorial, 2011. p. 27-76

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **O ensaio feminino na historiografia literária afro-brasileira: reflexões iniciais, novas perspectivas**. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. (Org.) O ensaio negro ibero-americano em questão: apontamentos para uma possível historiografia. Curitiba. UFPR – SCHLA, 2016. p. 11 – 24.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Posfácio: A força das palavras, da memória e da narrativa**. In. EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro. Pallas.

**A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS/ES ACERCA DO INGLÊS
COMO LÍNGUA FRANCA E INTERSECÇÃO COM IDENTIDADE DE
GÊNERO NO LIVRO DIDÁTICO: ESTUDO INICIAL**

Jessica Martins de Araujo

Orientação: Aparecida de Jesus Ferreira

Este trabalho discorre sobre minha pesquisa de dissertação de mestrado que está em fase inicial, tendo como objetivo: entender como os/as professores/as participantes da pesquisa compreendem o ensino de Inglês como língua franca (CRYSTAL, 2003; JENKINS, 2006). Além de também perceber de que maneira eles/as entendem a representação de mulheres não nativas no material didático que utilizam, fazendo assim, intersecção com identidade social de gênero (LOURO, 2008).

No referencial teórico, trarei definições de pesquisadores/as acerca de Inglês como língua franca (SEIDLHOFER, 2001), de identidade social de gênero (Auad, 2003) e identidade de professor de língua inglesa (BOHN, 2005). Bem como, faço reflexões de como essas identidades podem ser entendidas de forma interseccionada (SHIELDS, 2008). Além de trazer pesquisas recentes acerca de identidades sociais de gênero em livros didáticos de língua inglesa, para estabelecer as possíveis lacunas de pesquisa presentes.

Usando metodologia qualitativa, a geração de dados será através de entrevistas de grupo focal dirigidas aos/às professores/as de um centro de línguas, na cidade de Ponta Grossa (Paraná) e também, realizando uma análise do material didático utilizado no curso, juntamente com os/as professores/as, compreendendo qual visão eles/as têm acerca dos aspectos mencionados. Para melhor poder atender aos objetivos, primeiramente, será feita a coleta de narrativas autobiográficas dos/as professores/as participantes da pesquisa e portanto, a questão da identidade de professor/a de língua inglesa será também um tópico no

referencial teórico utilizado. A dissertação de mestrado é de cunho interpretativista e qualitativo, com geração de dados. A geração dos dados será realizada no ano de 2018.

É possível afirmar que pesquisas acerca de língua franca e questões de identidades de gênero ainda não foram bem exploradas, conforme levantamento já feito no banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)¹, o que demonstra a necessidade desta pesquisa, pois, nesse levantamento inicial, é possível afirmar que no banco de teses e dissertações não foi encontrado nenhum trabalho que faça o elo entre inglês como língua franca e identidade social de gênero. Ao buscar o termo “língua franca”, (entre aspas), foram encontrados 38 resultados, ao todo, entre teses e dissertações, no período de 2013 a 2016, na grande área de conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

Tabela 1- Banco de teses e dissertações da CAPES

Tipo/Ano	2013	2014	2015	2016	Total
Dissertações	12	7	4	7	30
Teses	2	3	0	3	8
Total	14	10	4	10	38

Fonte: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses>>. Organização das autoras

Desses 38 trabalhos, apenas 2 deles trazem a palavra “identidade” no título, sendo eles: 1. “Políticas Linguísticas no Ensino de Línguas e a Identidade do professor de Língua Estrangeira Inglês”, (PRADO, Silvana Aparecida Carvalho do, 2014 – UEPG, mestrado) e 2. “Questionando o Falante Nativo de Inglês: Representações e Identidades de estudantes em um Instituto Federal de Educação”, (SOUZA, Jefferson Adriano de, 2014 – UEL, doutorado).

Porém, nenhum desses 38 trabalhos traz no título a palavra “gênero”, o que demonstra uma lacuna de pesquisa que pretendo preencher com a realização deste trabalho e por isso, tal pesquisa mostra-se necessária e relevante, podendo, até mesmo, se tornar referência para pesquisadores/as que vierem a se interessar pelo tema.

¹ Busca realizada em Abril de 2017.

É válido destacar uma pesquisa que abordou sobre identidade de professor/a e inglês língua franca (KALVA, 2012), a qual contou com a participação de alunos/as e professor de língua inglesa, fazendo uma intersecção importante entre esses estudos, contudo, não aborda acerca de identidade de gênero, um elo que será feito em minha dissertação.

Referências

AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. **REVISTA USP**, São Paulo, n.56, p. 136-143, 2003.

BOHN, Hilário. A formação do professor de línguas – a construção de uma identidade profissional. **Investigações** (UFPE. Impresso), Recife, v. 17, n. 2, p. 97-113, 2005.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2^o edição. Reino unido: Universidade de Cambridge, 2003

JENKINS, Jennifer. Points of view and blind spots: ELF and SLA. **International Journal of Applied Linguistics**, London, n. 2, v. 16, p. 137-162, 2006.

KALVA, Julia Margarida. **Identidade nacional e língua franca: negociações no processo de ensino e aprendizagem de inglês**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

PRADO, Silvana Aparecida Carvalho do. **Políticas Linguísticas no ensino de Línguas e a Identidade do professor de Língua Estrangeira Inglês**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem): Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

SEIDLHOFER, Barbara. Closing a conceptual gap: the case for a description of english as a lingua franca. **International Journal of Applied Linguistics**, Oslo, v. 11, n. 2, p. 133-158, 2001.

SHIELDS, Stephanie. Gender: An intersectionality perspective. **Sex roles**, v. 59, n. 5-6, p. 301-311, 2008.

SOUZA, Jefferson Adriano de. **Questionando o Falante Nativo de Inglês: Representações e Identidades de estudantes em um Instituto Federal de Educação**, 2014. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual De Londrina, Londrina, 2014.

**A DÚVIDA E O MEDO COMO MOTIVADORES, GUIAS E
IMPULSIONADORES DA NARRATIVA EM *GRANDE SERTÃO:
VEREDAS*”**

João Israel Ribeiro
Orientação: Silvana Oliveira

A escolha do objeto de análise de nossa pesquisa veio como uma sugestão que a princípio nos causou certo “*frisson*”, tanto pela riqueza da obra quanto pela fortuna crítica que ela acumulou¹ desde sua publicação, nele uma miríade de veredas já foram mapeadas, de modo que para nós ainda caminhantes a passos assentes sobre a experiência de outros qualquer ineditismo seria um inesperado prodígio ou demasiada pretensão.

Conscientes de que a literatura é também um objeto de apreciação estética e que, portanto está sujeita as diversas perspectivas dos olhares que para ela sejam dirigidos, retomamos uma vereda constantemente trilhada e ao mesmo tempo pouco mapeada, talvez pela aparente obviedade do tema, assim voltamos nossa visão para Grande Sertão: Veredas, focando nossa atenção nas múltiplas faces do medo que ele engloba.

O objetivo de nossa pesquisa é analisar a dúvida e o medo como motivadores, guias e impulsionadores da narrativa em Grande Sertão: veredas, para tanto necessitamos trazer os conceitos de medo pelo qual desenvolveremos nossa perspectiva.

Embora o termo medo não traga dúvidas quanto a sua significação, suas múltiplas manifestações são classificadas pela literatura freudiana² em três interligados e distintos conceitos, sendo o primeiro deles o medo (*Furcht*) que alude

¹ Em 2004, Willi Bolle contabilizou mais de 1500 estudos sobre a obra.

² FREUD, S. *Obras completas. Vol. VII.* Tradução Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Brito e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

diretamente a um objeto ou ser específico, em que a atenção de quem o sente é dirigida; o segundo é a angústia (*Angst*), que, por sua vez, faz alusão a um estado de expectativa em que pode ou não existir uma ameaça real ou objeto para o qual o indivíduo possa dirigir sua atenção, relacionando-se a um evento futuro; o terceiro é susto ou pavor (*Schreck*), situação de surpresa por um evento que a *Angst* não foi capaz de prever, é o confronto com o inesperado.

Grande Sertão: Veredas é um extenso “monólogo” autobiográfico em que Riobaldo, o narrador, conta de suas experiências como jagunço, centrando sua fala em seu amor por Diadorim, seu companheiro de bando, e principalmente da dúvida em ter ou não realizado um pacto com diabo que o permitiu vencer seu inimigo. A história é contada a um interlocutor silencioso, um doutor que o visitava, mas por que Riobaldo conta sua história? O que o motiva sua narrativa?

Nossa hipótese é de que Riobaldo o faz na intensão de livrar-se da dúvida, que gera nele a *Angst*, pelo parecer que lhe daria o doutor depois de ouvir e ponderar a respeito dos acontecimentos de sua vida, talvez confirmando o que de muito tempo ele já “desconfiava”, essa hipótese é confirmada por Willi Bolle³ que escreve:

[...] com efeito, é a questão do pacto que fundamenta toda narração. Atormentado pela culpa, Riobaldo quer saber se de fato ele firmou um pacto com o Diabo, sendo que ele não tem certeza de que o Cujo existe. Ele narra sua história para o interlocutor, querendo ‘[...] armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho... Riobaldo gostaria que o doutor da cidade o reconfortasse na ideia de que o Diabo não existe. (BOLLE, 2004, p. 36).

A questão dos pactos é bastante antiga e segundo as lendas principalmente católicas alguns nomes famosos entre eles Cornelius Agrippa, Giuseppe Tartini, e o reconhecido violinista Nicolo Paganini, seriam pactuários, mas conformes essas mesmas histórias, seria possível se arrepender e encontrar salvação, a exemplo de Teófilo de Adana que teria se arrependido do pacto, jejuado e rogado a virgem Maria para que o salvasse, o que a Santa consentiu, dando a ele o contrato assinado que foi então destruído por um bispo.

O diabo e os pactos seriam para os pactuários um atalho na travessia/vida, um instrumento por meio do qual eles poderiam superar as barreiras que somente

³ BOLLE, Willi. *Grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.

com esforço e tempo talvez ruíssem, tempo nem sempre suficiente e esforço nem sempre recompensado; esse atalho que tem um preço, metafisicamente a perda da própria alma, psicologicamente a perda da experiência que se ganharia ao percorrer todas as veredas.

Ressaltamos que em nenhum momento intencionamos tratar Grande Sertão: Veredas, doravante G.S:V, como literatura de horror, o que certamente seria uma interpretação delirante, embora provavelmente alguns teóricos dessa forma de literatura sejam trazidos, pelo seu fino trato com a temática do medo.

O medo em G.S:V é questão intuída por vários pesquisadores da obra, entre eles Willi Bolle que chama o de “culpa” e Walnice Nogueira Galvão⁴ para quem Riobaldo teria se entregado a uma espécie de ascese, para vencer o medo.

Apesar da obviedade da questão, ela não pode ser ignorada e como escreve Lovecraft⁵: “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido”, sendo a travessia-vida um eterno caminhar para o desconhecido, seja do futuro quase sempre incerto, seja para a morte, única certeza, viver é se deparar constantemente com o desconhecido.

Riobaldo ao longo de sua narrativa conta dos muitos medos que viveu, e das dúvidas que experimenta, seja daquilo que se sabe, ou do desconhecido que assim permanecerá, talvez para sempre, talvez até seja tarde e só reste a lembrança associada as respostas que não se intuiu no tempo apropriado.

O protagonista de G.S:V ao experimentar o medo e a dúvida, reconhece-se não como herói, ou imortal, mas torna-se humano levado a ter coragem, uma coragem muito diferente da heroicidade como a qualidade já pronta que se pode ter ou não, mas como uma qualidade que se constrói ao longo da travessia.

Apesar de sempre reconhecer a presença do medo como fundamento da narração e assinalar suas mais diversas manifestações e nuances, a crítica o tem estudado marginalmente, examinando costumeiramente a dualidade medo-coragem, sem muita atenção as suas implicações para a narrativa.

⁴ Vide página 98 em GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

⁵ Vide página 1 em LOVECRAFT, Howard P. *O horror sobrenatural na literatura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

Sendo uma delas o *Furcht* que Hermógenes e seu suposto “corpo fechado” provocam em Riobaldo que crê ser seu inimigo “invulnerável” e para vencê-lo procura realizar o pacto, cuja concretização ou não o fazem experimentar a *Angst* ao longo de sua vida.

Propomos desse modo, guiar nossa visão a essas implicações e direcionamentos que o medo em suas diversas facetas apresentadas pela narrativa de Riobaldo traz; pois em nossa hipótese o medo participa da obra como um “personagem” invisível e sempre presente hora inimigo e hora aliado, às vezes nonada às “vezes na rua, no meio do redemoinho”.

Referências

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.

FREUD, S. **Obras completas**. Vol.VII. Tradução Themira de Oliveira Brito, Paulo Henrique Brito e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LOVECRAFT, Howard P. **O horror sobrenatural na literatura**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

**POLÍTICA LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS: UM OLHAR
CRÍTICO PARA O PAPEL DO PROFESSOR COMO AGENTE DE
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS**

Joelma de Souza Rocha

Orientação: Djane Antonucci Correa

Pretendemos, por meio do presente estudo em desenvolvimento, problematizar o papel do professor de língua como agente de políticas linguísticas. Assim, buscamos: realizar um estudo teórico e crítico (AHEARN, 2000-2001; ASAD, 2000; DURANTI, 2004-2006; CALVET, 2007; RAJAGOPALAN, 2013, 2014; CORREA, 2010, 2011, 2014, 2015, 2017) sobre questões relacionadas à temática, como políticas linguísticas, ensino de línguas e agenciamento; analisar a Base Nacional Comum Curricular (em sua última versão¹), de modo a observar a forma com que esse documento norteia o ensino de língua no Brasil; analisar os Trabalhos de Conclusão de Curso apresentados pelos alunos de Letras, relativos ao ano de 2017, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, assim como/ou outros trabalhos produzidos pelos acadêmicos que julgarmos relevantes para nossa pesquisa – os trabalhos a serem analisados ainda estão sendo definidos -, buscando verificar se os alunos do curso de Letras, em suas pesquisas, se preocupam com questões relacionadas ao ensino de línguas, bem como com as políticas linguísticas e o papel do professor como agente.

Dessa forma, por meio dessa pesquisa, pretendemos responder às seguintes perguntas:

- Qual o papel do professor de língua – profissional da interação linguística – frente às políticas linguísticas?
- O que prevê a Base Nacional Comum Curricular para o ensino de língua no Brasil?

- Os alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em suas pesquisas, se preocupam com questões relacionadas ao ensino de línguas, bem como com as políticas linguísticas e o papel do professor como agente?

Durante a graduação (2013-2016), pudemos perceber que a discussão sobre políticas linguísticas, seja em formato de disciplina ou não, é muito pequena se considerarmos a sua importância para a formação dos acadêmicos. Fraga (2014), sobre esse fato, afirma que “a discussão sobre políticas linguísticas em formato de disciplina que se dedica sistematicamente à temática ainda é rara e, quando acontece, é mais comum que ela se dê em âmbito de pós-graduação”. (Fraga, 2014, p. 52)

Dessa forma, ao longo dos anos de graduação, sentimos falta dessa discussão sobre políticas linguísticas, o que nos levou a buscar mais conhecimento na área, por meio de um projeto de iniciação científica (PROVIC-CNPQ), que tinha por objetivo discutir a relação entre políticas linguísticas e documentos oficiais (DCE, 2008; PCN, 1998). A partir dos resultados dessa pesquisa de iniciação científica e por meio do que afirma Correa (2010, p. 40) sobre a necessidade de se observar como funcionam as políticas linguísticas e debater sobre elas, começamos a refletir sobre a importância de se discutir sobre políticas linguísticas.

Nesse sentido, como aponta Correa (2010):

[...] é necessário observar como funcionam as políticas linguísticas, trazendo-as para o centro do debate. Entre os muitos conhecimentos, que são exigidos daqueles que estão em fase de formação para atuar como docentes e como pesquisadores e também dos que já estão formados e atuando em sala de aula, termos como planejamento linguístico, norma culta, norma padrão, acordo ortográfico, entre outros afetos aos estudos da linguagem, precisam tornar-se palavras ou expressões significativas por assim dizer, passíveis de reflexão mais aprofundadas. Dessa forma, é possível contextualizar melhor as escolhas linguísticas, os panoramas plurilíngues, os contextos da variação linguística, e também a defesa das configurações monolíngues e homogêneas, incluindo as exigências de domínio das regras que fazem parte de tais configurações. (CORREA, 2010, p. 40)

Portanto, salientamos que esta pesquisa busca problematizar o papel do professor de língua como um agente de políticas linguísticas, uma vez que eles estão “o tempo todo tomando decisões sobre qual língua/norma ensinar/cobrar e

sobre como trabalhar tendo em vista a variação linguística e noções de adequação, por exemplo” (CORREA; GÜTHS, 2015, p. 145)

E essa pesquisa se justifica na medida em que a política linguística possui a capacidade de intervir no passado, no presente e no destino de uma língua e seus agentes por meio de duas gestões: *in vivo* e *in vitro*. Os professores, como agentes de políticas linguísticas, podem interferir diretamente no destino da língua, por meio da gestão *in vivo* e *in vitro*, podendo ou não contribuir para a manutenção do mito do monolingüismo, tendo em vista as consequências de suas “escolhas”.

Portanto, como apontam Correa e Güths (2015):

ao se olhar abertamente para o histórico das políticas linguísticas, é possível perceber como o Estado, por diversas vezes, utilizou-se da escola para colocar em prática suas políticas linguísticas que agiam no sentido de construir um ideal de nação que não deixava espaço para a diversidade. Ter em mente todas essas políticas é fundamental para que olhemos criticamente para o modo como a língua é ensinada na atualidade, para os currículos e para os documentos oficiais que norteiam o ensino, de modo a percebermos quais os discursos perpassam a noção de língua a ser trabalhada em sala de aula. (Correa; Güths, 2015, p. 157)

No que diz respeito aos encaminhamentos metodológicos, esta pesquisa se ampara nos pressupostos da pesquisa qualitativa (Lüdke e André, 1986; Oliveira, 2007), a qual, segundo Oliveira (2007), envolve um estudo detalhado de um fato, objeto, grupo de pessoas e fenômenos da realidade. Busca informações fidedignas para “explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa”, utilizando dados obtidos por meio de pesquisa bibliográfica, análise documental, entrevistas “e todo instrumento (técnica) que se faz necessário para obtenção de informações” (Oliveira, 2007, p. 60). Assim, entre os métodos de coleta desse tipo de pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a análise documental.

Esta pesquisa consistirá em uma primeira etapa numa revisão bibliográfica centrada na leitura de referências que versem sobre política linguística, ensino de língua e agenciamento, assim como sobre suas relações, uma vez que a pesquisa bibliográfica tem por finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” (Lakatos e Marconi, 2010, p. 43-44).

Em seguida, analisaremos a Base Nacional Comum Curricular, uma vez que os documentos, de acordo com Lüdke e André (1986), são uma fonte 'natural' de informação contextualizada, pois "surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto". (Lüdke; André, 1986, p. 39), de modo a observar a forma com que esse documento norteia o ensino de língua no Brasil. Posteriormente, analisaremos os Trabalhos de Conclusão de Curso apresentados pelos alunos de Letras, relativos ao ano de 2017, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, assim como/ou outros trabalhos produzidos pelos acadêmicos, buscando verificar se os alunos do curso de Letras, em suas pesquisas, se preocupam com questões relacionadas ao ensino de línguas, bem como com as políticas linguísticas e o papel do professor como agente.

No que corresponde aos avanços da presente pesquisa, considerando que a iniciamos neste ano de 2017, foram poucos ainda. Nesse sentido, durante o primeiro semestre, por meio das disciplinas concluídas, conseguimos fazer uma revisão bibliográfica centrada na leitura de referências que versavam sobre políticas linguísticas e ensino de língua.

Assim, mais especificamente, realizamos um estudo teórico inicial sobre as políticas linguísticas do/no Brasil, desde o período colonial até os dias atuais, de forma a vislumbrarmos as consequências dessas políticas para o contexto linguístico atual, em que há uma crescente valorização e visibilidade da língua portuguesa e, conseqüentemente, uma naturalização do monolinguismo. Nesse sentido, após visualizarmos grande parte das políticas de monolinguismo adotadas pelo Estado brasileiro, percebemos que as constantes investidas do Estado contra a diversidade cultural e linguística brasileira contribuíram muito para que nosso país perdesse, ao longo dos anos, parte de sua pluralidade linguística.

Dessa forma, até o presente momento, podemos concluir que, como consequência dessas políticas linguísticas de monolinguismo, colocadas em prática desde o período colonial, a concepção que se tem do país é a de que aqui se fala uma única língua, a língua portuguesa. E nesse sentido, "ser brasileiro e falar o português (do Brasil), nessa concepção, acabam sendo sinônimos". Assim, por meio de preconceito, desconhecimento da realidade linguística brasileira ou através de projetos políticos intencionais, objetivou-se a construção de um país monolíngue.

Portanto, observamos que o Estado está atuando na naturalização do monolinguísmo, uma vez que a valorização da língua portuguesa em detrimento das outras existentes em nosso país é cada vez maior. Por outro lado, não podemos deixar de admitir que isso favorece a valorização do Brasil enquanto nação.

Referências

- AHEARN, Laura M. **Agency**. *Journal of Linguistic Anthropology* 9(1-2): 12-15. Copyright © 2000, American Anthropological Association. University of South Carolina.
- AHEARN, Laura M. **Language and Agency**. *Annu. Rev. Anthropol.* 2001. 30: 109-137. Copyright © 2001 by Annual Reviews. All rights reserved.
- ASAD, Talal. **Agency and Pain: na Exploration. Culture and Religion**, 1:1, 29 — 60. City University of New York, USA, 2000.
- BRASIL. MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.
- CORREA, D. A. **Política linguística e o curso de licenciatura em Letras**: um estudo inicial sobre o PEC-G. *Linguagem em Foco*, n. 1, v. 1, p. 39-52, 2010.
- CORREA, D. A. Práticas Linguísticas e ensino de língua: Variáveis Políticas. In: CORREA, D. A. (org.). **Política Linguística e ensino de língua**. Campinas: Pontes Editores, 2014.
- CORREA, Djane Antonucci; GÜTHS, Taís Regina. **Por um constante repensar sobre nossas visões sobre língua: revisitando o conceito de Política Linguística**. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 16(2), p. 140-159, 2015.
- DURANTI, Alexandre. **Agency in Language**. *A companion to Linguistic Anthropology*: 452-473. Copyright © 2004, 2006 by Blackwell Publishing Ltd.
- FRAGA, Letícia. Políticas linguísticas na formação do licenciado em letras: uma discussão introdutória. In: CORREA, D. A. **Política Linguística e Ensino de Língua**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 45-58.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.



LÜDKE, M.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**; abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PARANÁ. Governo do Estado. **Diretrizes Curriculares da educação Básica – Língua portuguesa**. Paraná: SEED, 2008.

RAJAGOPALAN, K. O professor de línguas e a suma importância do seu entrosamento na política linguística do seu país. In: CORREA, D. A. **Política Linguística e Ensino de Língua**. Campinas: Pontes, 2014. p. 73-82.

RAJAGOPALAN, K. Política Linguística: do que é que se trata, afinal? In: NICOLAIDES, C; et al. (Org.) **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013. p. 19-42.

**INSTÂNCIAS AUTORAIS: AUTOR, EDITOR, VOZ NARRATIVA E
LEITOR EM *SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO* DE
ITALO CALVINO**

José Wander de Paula

Orientação: Marly Catarina Soares

A dissertação *Instâncias autorais: autor, editor, voz narrativa e leitor em Se um viajante numa noite de inverno* de Italo Calvino analisa o romance publicado, em 1979, pelo italiano Italo Calvino: *Se um viajante numa noite de inverno*. Os objetivos desta pesquisa são relativos ao autor/texto/leitor e suas interposições no romance. Nosso trabalho se divide em dois capítulos: o autor e o leitor. No capítulo autor, discutimos a respeito da função para os estudos literários da intenção autoral e indicamos o editor como uma espécie de “coautor” dos romances por seu trabalho de revisor e compilação de obras. Já, o segundo capítulo desta parte do trabalho diz respeito ao leitor e sua habilidade de jogador.

A teoria utilizada neste trabalho foi escolhida a partir da questão demandada pela própria narração, Hermes Marana, um tradutor infiel personagem do livro e que teve serviços na Editora que publica o romance principal pergunta: “que importa o nome do autor na capa?” (Calvino, 1979, p. 96). O que ocorre com esta indagação é que ela é relevante para o campo da metodologia de leituras: qual a pertinência da intenção do autor para a leitura de seu texto?

Aliás, esta não é a única problemática do romance de Calvino, imbricada entre os demais temas, a narração diz respeito a um personagem denominado Leitor que entra em uma livraria e adquire entre as dezenas de livros *Se um viajante numa noite de inverno*, romance no romance, no entanto, o primeiro capítulo encontra-se supostamente interrompido e o leitor volta à livraria para adquirir um livro completo sem estes problemas na edição. Ocorre que o próximo tomo não tem

também uma continuação, Distanciando-se de Malbork, o suposto desenvolvimento do romance que o Leitor tinha em mãos é outro primeiro capítulo não-terminado e assim sucessivas vezes o personagem que sonha encontrar a continuação depara-se com uma nova narração.

A estrutura romance dentro do romance, a discussão levantada acima sobre o que importa o autor na capa, as questões que se relacionam com autoria – estilo, editor, autor-empírico e autor-modelo, bem como, a voz narrativa e o papel do leitor frente à recepção do texto literário são o cerne deste trabalho.

Estes temas têm como fundamentação teórica, as afirmações de Antoine Compagnon no livro *O demônio da teoria* (2001), sobre a relevância do autor para a leitura e reflete sobre “A Morte do Autor” proclamada por Barthes, uma teoria cujo central argumento é de que o nascimento do leitor paga-se com a morte do autor. A partir disso, problematizamos os estudos literários e a intenção. Se o autor morre, isto é, se ele não importa, existiria uma intenção, um segredo final que apenas o criador do texto literário saberia? Segundo Antoine Compagnon ao analisar esta categoria da teoria nos faz entender que alguns leitores buscam nos livros esta intenção original, em contrapartida, outros recusam terminantemente até mesmo que esta exista. No entanto, o estudioso afirma que “a presunção da intencionalidade permanece no princípio dos estudos literários” e que “mesmo entre os anti-intencionalistas mais extremados” (Compagnon, 2001, p. 95) – para quem não há intenção original ou esta não deve ser buscada – esta questão não findou. Se por um lado há os intencionalistas, do outro há os que são contra, todavia a intenção está imbricada, ainda, a estes estudos, no que concerne a busca por esta significação que apenas autor, supostamente, saberia.

Assim, a pergunta o que o autor quis dizer? Tem que ver com este tema.

Para este trabalho também foram utilizadas as referências de Compagnon que dizem respeito ao “estilo”, uma categoria que traz alguns problemas para a sua identificação. Apesar disso, no que concerne ao estilo outras palavras que tentam explicá-lo é tom e escritura. Novamente o livro de Calvino serve como base para esta discussão, a voz no *Viajante* pergunta “quem disse que este autor tinha um estilo reconhecível? Sabe-se: é um autor que muda muito de um livro para o outro. É justamente nisso que podemos reconhecê-lo”. (Calvino, 1979, p. 14). A esta indagação segue-se a afirmação de que o livro pode ser lido independente do que

se esperava do autor. Assim, o estilo está ligado ao autor no Viajante quando é possível entender em que momento esta assinatura autoral é relevante para a leitura ou em que sentido existe uma assinatura/tom de um indivíduo denominado de estilo.

Umberto Eco ao construir sua teoria do autor-modelo confere à categoria um patamar superior ao do estilo, este englobaria aquele: “pode-se reconhecer o autor-modelo também como um estilo” (Eco, 1994, p. 21, grifo nosso), o autor modelo é uma voz que nos fala ou ainda, pode se entender a partir da teoria de Eco, é aquela que pode seduzir leitores. Ademais, Compagnon considera que estilo é um “conjunto de traços característicos de uma obra que permite que se identifique e se reconheça (mais intuitivamente do que analiticamente) o autor” (Compagnon, 2001, p. 194, grifo nosso). Desta forma, a questão “autor” e seu papel são reafirmados quando é possível entender que se os estudos literários ainda falam de estilo o autor ainda não morreu, pelo menos não totalmente, ou sua morte foi outra e é necessário, conseqüentemente, estudar com mais pormenores a sua relação com o texto escrito.

Ao dissertar sobre o “estilo” analisamos a estrutura do Viajante, sua forma, o romance no romance, a voz narrativa e o que Calvino disse sobre a obra: o processo criativo, sua concepção sobre “A Morte do Autor” e a análise combinatória que une Matemática e Literatura – esta última como resultado das discussões efetuadas por Italo Calvino no OULIPO que criam um “tom” ou a identidade do romance. Dentre as afirmações de Italo Calvino a respeito da temática “autor”, encontramos:

A obra continuará a nascer, a ser julgada, a ser destruída ou continuamente renovada pelo contato do olho que lê; o que desaparecerá será a figura do autor, esse personagem a quem continuamos atribuir funções que não lhe competem, **o autor como expositor da própria alma na mostra permanente das almas, o autor como usuário de órgão sensoriais e interpretativos mais receptivos que a média; o autor, esse personagem anacrônico, portador de mensagens, diretor de consciências, declamador de conferências nos círculos culturais.** (Calvino, 2009, p. 206, grifo nosso)

É possível entender, portanto, que a concepção de Calvino sobre *A morte do autor* dizia respeito à sacralidade desta categoria e sua constante procura como alguém cujas funções atribuídas não eram as suas reais funções. A figura autoral

como alguém de órgãos sensores melhores que o do resto da humanidade, esta figura que alguns poderiam, em vez de tentar interpretar realmente o lido, procurar como apoio para a sua leitura.

O segundo capítulo deste trabalho em andamento se refere às diversas representações do leitor e seu momento de leitura ao longo do romance de Calvino e tem como questões centrais: o que o **Viajante** apresenta como sendo o papel do leitor em contato com o texto literário? Por que a defesa ou caracterização do protagonista como leitor médio?

Em **Se um viajante numa noite de inverno**, Italo Calvino caracterizou algumas das principais questões que dizem respeito ao mundo escrito – autor, leitor, voz narrativa, editor – e também, por meio da narração, fez afirmações que problematizam estes temas relativos à teoria que deles são feitos. Entende-se que ao lidar com estas questões o autor estava com inteligência mastigando e deglutindo algumas das principais discussões de seu tempo, o que resultou em um mundo escrito exótico e criativamente proposital.

Referências

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O Grau Zero da Escritura**. s/d. Disponível em: <<http://www.eduardoguerreiroloso.com/BARTHES-O-Grau-Zero-Da-Escritura.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

BERARDINELLI, Alfonso (1991). **Calvino moralista ou, como permanecer são depois do fim do mundo**. Trad. Maria Betânia Amoroso. Rev. Novos Estudos. CEBRAP. N. 54, julho, 1999, pp. 97-113. Disponível em: <http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/88/20080627_calvino_moralista.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.

CALVINO, Italo. **Lettere (1940-1985)**. A cura di Luca Baranelli. Introduzione di Claudio Milanini. Cronologia a cura di Mario Barenghi e Bruno Falchetto. Avvertenza di Luca Baranelli. 2. ed. Milano: Mondadori, 2001.

_____. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Círculo do livro, 1979.

_____. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Se una notte d'inverno un viaggiatore**. Disponível em:
<<http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Calvino/italo-calvino-se-una-notte-dinverno-un-viaggiatore-1/at_download/file>>, acesso em 25/11/16.

_____. **Assunto encerrado** – discursos sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Mundo escrito e mundo não escrito** – artigos, conferências e entrevistas. Trad. Maurício Santana Dias. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo Perspectiva, 2004.

_____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. In: _____. **Estética, literatura e pintura, música e cinema**. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **O que é um autor?** 7. ed. Lisboa: Nova Vega: Passagens, limitada, 2009.

GREENBLATT, Stephen. **Novo historicismo**: ressonância e encantamento. Trad. Francisco de Castro Azevedo. Revisão Dora Rocha. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 244 – 261. Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>>. Acesso em: 27 out. 2016.

**ENTRE TARLATANA ROSA E CABELOS AZUIS: O PAPEL DE
CADA UM DOS NARRADORES NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DAS PERSONAGENS E NA SIGNIFICAÇÃO DO
TEXTO**

Juliana Ristow Weisz

Orientação: Fábio Augusto Steyer

Este resumo trata-se do projeto de pesquisa apresentado para o programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O objetivo desta proposta é apresentar uma leitura analítica dos contos “O Bebê de Tarlatana Rosa” de João do Rio e “Dentes Negros, Cabelos Azuis” de Lima Barreto, propomo-nos a pensar no papel dos narradores/personagens dos contos, mais especificamente na consequência da escolha de um narrador em detrimento do outro. Ou seja, de que forma a significação do texto se modifica de acordo com a posição que o indivíduo que narra ocupa na sociedade.

O conflito se aplica uma vez que os dois contos tem a presença de narrativas em metadiegeese que se sobrepõem as primeiras narrativas tornando-se as narrativas principais. Temos como objetivo identificar quem são os narradores que detém, supostamente, a responsabilidade pelo sentido e pela significação do texto, bem como pela construção identitária das personagens principais. A metodologia consistirá no estudo dos contos citados; em pesquisa bibliográfica das obras crítica e literária de João do Rio e Lima Barreto; bem como obras teóricas que irão nos possibilitar e auxiliar na análise pretendida. Esperamos com a pesquisa vivificar ainda mais a discussão sobre o narrador e colocar a luz uma nova possibilidade de percepção das obras estudadas.

A presente proposta de pesquisa surgiu decorrente do meu trabalho de conclusão de curso, no qual pesquisou-se o exílio presente nas personagens enigmáticas dos contos “O Bebê de Tarlatana Rosa” (João do Rio) e “Dentes Negros, Cabelos Azuis” (Lima Barreto). Desde esse primeiro contato, a construção das narrativas em metadiegeese chamaram atenção, temos então dois narradores em cada conto, porém o trabalho de conclusão de curso não tinha como objetivo analisar a repercussão que cada narrador trazia para as obras.

Ao percebermos que um dos narradores de “O Bebê de Tarlatana Rosa” (João do Rio) é um homem da elite enquanto um dos narradores de “Dentes Negros, Cabelos Azuis” (Lima Barreto) é um suburbano, notamos que a posição social do narrador interferia na criação identitária de si e das demais personagens. É nesse sentido que pretendemos encaminhar nossa investigação, pensando de que modo o contexto em que os narradores estão inseridos modifica ou não modifica a imagem identitária do outro e de si.

Os dois contos foram escritos no início do século XX e ambos os autores têm como característica imprimir, mesmo em suas obras ficcionais, um retrato da sociedade em que viviam. A percepção no que tange as transformações pela qual passava o Rio de Janeiro naquele momento é convergente aos dois. “João do Rio dirá que havia muito de teatro, e Lima Barreto, de cenografia, nessa transformação do Rio de Janeiro, capital da República, em cartão postal do país.”(MAGNONI, 2013, p.96). A diferença está no posicionamento político e ideológico, João do Rio e Lima Barreto ficaram em lados opostos, embora em suas obras notemos que João do Rio admite que a modernidade tem evidenciado as injustiças sociais, ele fica do lado da elite carioca, apoiando as reformas da Era Passos, enquanto Lima Barreto é contrário a elas. Dessa forma, cabe a reflexão acerca da linguagem como ferramenta política e de que forma isso aparece nos contos estudados.

Nossa intenção não é fazer uma leitura biográfica, embora partilhemos da opinião de que a obra barretiana é autobiográfica, mas por meio do recorte histórico feito pelos próprios autores em suas obras, tentar observar, afinal, de que modo seus narradores registram as transformações do final do Império e início da República que culminaram na modernização e reurbanização do Rio de Janeiro.

Por necessidades metodológicas, optamos por permanecer com o foco de nosso estudo voltado para os contos “O Bebê de Tarlatana Rosa” (João do Rio) e

“Dentes Negros, Cabelos Azuis” (Lima Barreto), o primeiro publicado no livro de contos *Dentro da Noite* (1910) e o segundo publicado no livro *Histórias e Sonhos* (1920).

O preceito geral pedagógico é desvendar as diversas funções dos quatro narradores presentes ao longo das duas narrativas. Pensadores como Walter Benjamin debruçaram-se sobre a questão do narrador. Walter Benjamin (1993) desenvolve a ideia de que o autêntico narrador é aquele que possui “a faculdade de intercambiar experiências”. Para Benjamin: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes.” (BENJAMIN, 1993, p.201).

Nosso estudo é sobre a literatura brasileira do início do século XX, com destaque para os autores Lima Barreto e João do Rio, envolvendo as relações entre literatura e contexto histórico, pensando de que modo a experiência do narrador interfere em sua própria identidade e das demais personagens.

Segundo Benjamin (1993) o narrador é peça fundamental no processo narrativo. A pessoa do narrador é fundamental para conhecermos a versão do que está sendo dito. A imagem identitária das personagens está marcada por uma narração exterior, por algo que não é essencialmente delas, mas atribuído a elas. Há sempre uma anterioridade das relações do narrador, mesmo que oculta, que é usada como referência para a construção de sua própria imagem e dos demais. Stuart Hall (2005) diz que

a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (Stuart Hall, 2005, p. 07)

Mesmo tratando-se de uma noção pós moderna, aplicamos ao nosso estudo uma vez que o Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX passava a ser uma metrópole, e seus cidadãos cosmopolitas. No entanto, ainda assim, há uma potencialização nas posições sociais ocupadas, existe ainda uma arbitrariedade opressora que define a identidade daquele que não possui voz. As pessoas são um amontoado mutável de relações de diversos tipos, preconceitos sociais, desmandos políticos etc, e esse eu fragmentado, costurado pelas linhas da

vivência pode ser o narrador, e nesse caso imprime um pouco ou muito de sua própria subjetividade em si mesmo e em suas personagens.

Pensando nas teorias do espaço literário nos parece pertinente investigar as diferenças de tempo espaço entre o narrado e o momento da narração, por se tratar de memórias, principalmente no caso de Heitor em o Bebê de Tarlatana Rosa, fica a cargo do narrador escolher os fatos que serão evidenciados e ignorados na sua narrativa, podendo ou não alterar de forma significativa a identidade das personagens

Todorov (1967) publica um comunicado sobre os rumos da pesquisa do discurso narrativo discutidos em Urbino em 1967, onde conclui-se que “A análise de qualquer discurso narrativo particular transforma-se num estudo da teoria do discurso narrativo. (...)”, por outro lado “tomar como objeto de conhecimento um texto concreto, neste momento, a aplicação de vários métodos torna-se possível, pois não se trata mais de discutir as capacidades de um método, mas de melhor compreender um objeto particular”, admite-se então que as duas atitudes são complementares “a descrição não pode dispensar um instrumental teórico, a teoria tem necessidades concretas para testar suas noções”, é nesse sentido que encaminharemos nossa pesquisa aliando as análises do objeto com o aporte teórico.

No mesmo texto sobre o encontro de 1967 na Universidade de Urbino, Todorov (1967) fala da relação entre texto e contexto, que também será explorada em nosso trabalho sob a seguinte perspectiva:

o contexto pode fazer parte da estrutura do texto. O único meio sério de estudar o contexto é passar pelo texto (e não pela série de circunstâncias anedóticas que a história nos traz); mas a relação dos dois não é a do original com sua cópia. Seria mais justo dizer que o contexto faz parte do texto. A relação dos dois é mais contiguidade que de semelhança (TODOROV, 1967, p. 98).

Nossa busca pelas significações do texto a partir das relações dos narradores com as personagens e as posições identitárias dos próprios narradores e personagens tem embasamento teórico em Todorov no artigo A Descrição da Significação em Literatura, onde o estudioso afirma que “o último passo na análise da significação, será a reconstituição do modelo da obra. O modelo leva em

consideração, embora de maneira esquemática, as relações estruturais no interior da obra e maneira pela qual estão ligados”.

Pensar nos narradores de João do Rio e Lima Barreto, com base nessas discussões brevemente expostas é refletir sobre um contexto determinado, onde há variações da posição de onde fala o sujeito, ou seja, textos que de certo modo ganham sua significação a partir das imagens identitárias criadas ou não pelos narradores. O contexto se faz importante uma vez que tratamos de “ser social” influenciado pelo ambiente.

Referências

BARRETO, L. **Histórias e Sonhos**. São Paulo: Ática, 2000.

BENJAMIN, W. **O narrador**. In: . *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas, v. 1)

HALL, S. **A identidade em questão**. In: . *A identidade cultural da pós modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MAGNONI, M. S. **Dois Barretos e um Rio de Janeiro**. *Revista UFMG, Belo Horizonte*, v. 20, n. 1, p. 90 – 101, 2013.

RIO, J. do. **Dentro da Noite**. São Paulo: Antiqua, 2002.

TODOROV, T. **A Análise do Discurso Narrativo em Urbino; A Descrição da Significação em Literatura**. In: . *Literatura e Semiologia: Seleção de Ensaio da Revista “Communications”*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972. (Novas Perspectivas em Comunicação, v. 2)

**PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE ALGUMAS UNIDADES
GRAMATICAIS E CULTURAIS PARA MATERIAL DE APOIO NOS
NÍVEIS B2 E C1 PARA PROFESSORES E ESTUDANTES DE
ESPAHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (ELE) NA COLÔMBIA**

Laura Cardona Zapata¹

Orientação: Valeska Gracioso Carlos²

O ensino do espanhol como língua estrangeira na Colômbia

Por causa do desenvolvimento das principais cidades na Colômbia (*Bogotá, Medellín e Cartagena*), hoje há, por parte dos estrangeiros, o desejo de fazer grandes negócios e de conhecer nosso multiculturalismo. Por esta razão, existem cada vez mais os cursos do espanhol para estrangeiros no país. Partindo de pesquisas realizadas anteriormente para conhecer o estado atual do ensino do espanhol como língua estrangeira e da produção dos livros didáticos na Colômbia, o objetivo principal deste trabalho é construir algumas unidades gramaticais e culturais para material de apoio nos níveis B2 e C1 para professores e estudantes de Espanhol como língua estrangeira (ELE) que correspondam às necessidades linguísticas e identidade do nosso país. Como objetivo específico, pretende-se mostrar a forma das variedades linguísticas do espanhol da Colômbia; assim, o léxico e a gramática, em especial a formas de tratamento para a segunda pessoa

¹ Graduada em Letras: Filologia Hispânica pela Universidade de Antioquia (2013), Medellín-Colômbia. Aluna regular do mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (2017-2019). Foi professora do Curso de espanhol para estrangeiros na Universidade EAFIT (2015-2017) e na Universidade Pontifícia Bolivariana- UPB (2014 – 2016) de Medellín, Colômbia.

² Graduada em Letras Português/ Espanhol/ Inglês pela Universidade Estadual Paulista – UNESP (1997/1999), Mestre pela em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL (2006) e Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL (2015). Professora Adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Departamento de Estudos da Linguagem, Mestrado em Estudos da Linguagem.

do singular do espanhol *Tú, usted* e *Vos*, vão ser as principais categorias para analisar. Portanto, esta pesquisa se inscreve no campo da sociolinguística e da dialetologia, pois a Colômbia se caracteriza por ser um território pluricultural e plurilinguístico; um território dividido em 6 regiões e cada uma com um dialeto diferente. Citando a Montes, dialetólogo colombiano:

La variedad real del habla en español es en Colombia difícilmente igualable por otro país hispánico. Esta variedad de lenguas y culturas es lo que ha llevado a que finalmente la Constitución de 1991 haya declarado que “el Estado reconoce y protege la variedad étnica cultural de la nación colombiana (Art.7). (Montes, 2000, p. 101).³

É importante dizer que o referencial teórico e os autores estão ainda em processo de seleção, dado que a pesquisa está no começo. Com base à metodologia e ao criação do material didático, será levada em conta o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas⁴: aprendizagem, ensino e avaliação. Alguns dos princípios do quadro indicam que os aprendizes das línguas estrangeiras precisam se desenvolver dentro do contexto social. Por outro lado, na medida em que a pesquisa avance, pretende-se também sugerir alguns possíveis exercícios feitos num site na internet para que os estudantes possam aplicar os conhecimentos adquiridos por meio das unidades aplicadas.

Como objetivos específicos, pretende-se promover o desenvolvimento da Colômbia e materiais próprios, ou que não sejam da Espanha. Assim mesmo, este projeto também questiona a forma de ensino tradicional e gera questões como: por que uma abordagem dialetológica e por que um material didático? Interessa ressaltar, no entanto, que na Colômbia, até agora, há cerca de 9 materiais didáticos validados pelas academias, porém, apenas 3 são validados pelos centros de línguas e certificados pelo Instituto Cervantes como material para as aulas.

De outro modo, é importante abordar o ensino do ELE a partir de uma perspectiva localista para o reconhecimento da manifestação cultural e linguística de cada região. O processo de aquisição de línguas estrangeiras requer estratégias

³ “A variedade do vernáculo na Colômbia é difícilmente igualável em outro país hispânico. Esta variedade das línguas e culturas é o que fez com que a Constituição de 1991 declarasse que “o Estado reconhece e protege a variedade étnica e cultural da nação colombiana” (Art.7). (Montes, 2000, p. 101)

⁴ INSTITUTO CERVANTES. **Plan curricular del Instituto Cervantes. Niveles de referencia para el español**. Madrid: Biblioteca Nueva/Instituto Cervantes, 2017.

para que o aluno seja parte de uma reciprocidade tanto de diversidade linguística quanto cultural. Além disso, o falante deve se apossar de um desenvolvimento cognitivo, volitivo e social da língua estrangeira que está aprendendo e, portanto, de sua imersão social, sempre, determinada por uma comunidade falante linguística específica.

Desta forma, o aluno vai se desenvolver com coerência em suas práticas educativas, tanto na sala de aula quanto no contexto real. É necessário falar que o padrão normativo não vai ser esquecido nesta pesquisa, contudo, esta é uma das questões que precisamos discutir para sair do lugar onde nos encontramos no momento atual do ensino de ELE na Colômbia. A proposta é, então, um ensino de espanhol como língua estrangeira com uma região subdialetal, como já mencionado anteriormente. Deve-se incorporar elementos de linguagem e de imersão cultural do país receptor e que seu registo na linguagem esteja adaptada a uma comunidade linguisticamente identificável.

Numa primeira instância, esta pesquisa pode levar à conclusão de que os próximos livros didáticos e as aulas, da mesma forma, deveriam incluir sempre o reconhecimento destas manifestações culturais e linguísticas colombianas, pois o aluno estrangeiro vai precisar comunicar-se em diferentes contextos comunicativos da língua. Consequentemente, as aulas, em especial, aquelas de gramática avançada, devem ter elementos de imersão cultural de cada região cultural da Colômbia. Entende-se que há uma complexidade crescente no desenvolvimento deste projeto: por um lado, as pesquisas de espanhol como língua estrangeira na Colômbia são muito recentes; por outro, nosso grande desafio como professores da língua é preparar os alunos estrangeiros para a cultura em que nós vivemos, uma cultura de pós-conflito em um mundo cheio de preconceitos.

Referências

INSTITUTO CERVANTES. **Plan curricular del Instituto Cervantes. Niveles de referencia para el español.** Madrid: Biblioteca Nueva/Instituto Cervantes, 2017.

MONTES, G. **Otros estudios sobre el Español de Colombia.** Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2000.

**UMA REFLEXÃO DIALÓGICA ACERCA DAS PROPOSTAS DE
REDAÇÃO DE VESTIBULAR E PROCESSOS SELETIVOS
SERIADOS DA UEPG**

Meire Anne Alves Bochnia

Orientação: Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh

Estudar os gêneros discursivos, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, é estudar o movimento dialético da vida. Mikhail Bakhtin, um dos primeiros filósofos a pensar a língua fora da sua condição interna – ao contrário do que explicitavam as correntes positivistas e estruturalistas que predominavam à sua época – concebe os gêneros como uma ferramenta para a concretização das práticas discursivas. A interação verbal é “o centro organizador de toda enunciação, toda expressão” (Bakhtin, 1997, p.214), desta forma os gêneros discursivos legitimam nossas práticas discursivas.

O trabalho com os gêneros discursivos, por vezes também chamados gêneros textuais¹, vem se delineando como uma prática de ensino da língua escrita cada vez mais recorrente. Os próprios documentos oficiais de ensino apresentam-nos como indispensáveis a uma prática escolar que considere a língua em uso – ou seja, que vise às práticas de linguagem – quando do ensino de língua (portuguesa) em sala de aula.

Poucos são os materiais que, hoje, ao tratar do ensino da língua(gem), não remetem aos gêneros discursivos como a forma ideal de se articular a prática escolar. A proposta amplamente divulgada é o envolvimento dos alunos com os

¹ Neste trabalho, adotaremos a nomenclatura gênero(s) discursivo(s) tendo em vista que esta é a concepção de gênero presente na obra de Mikhail Bakhtin, da qual nos utilizamos como suporte teórico.

textos, principalmente aqueles por eles produzidos, no que se refere ao aprimoramento do contato com a língua.

Esta é uma tendência que, atualmente, se evidencia entre os vestibulares de diversas faculdades e universidades. O vestibular e o Processo Seletivo Seriado (PSS) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) adotam em sua prova de Redação, desde o ano de 2014, a abordagem via gêneros. “A prova de redação da UEPG, tanto do vestibular quanto do PSS, tem como objetivo avaliar os níveis de leitura e escrita dos candidatos” (Saleh, 2015, p. 15); a mudança em relação às produções textuais, nestes concursos – que até então se situavam na perspectiva dos tipos textuais (narrativo e dissertativo) – é vista como uma tentativa de “aproximar ao máximo a proposta da redação às condições de uso efetivo da linguagem, ou seja, aos usos que se fazem da linguagem nas diversas circunstâncias da vida em sociedade” (Saleh, 2015, p. 15).

Dessa forma, o objeto de estudo deste trabalho é a prova de Produção Textual (designada Redação) do vestibular da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e do PSS da mesma instituição. O vestibular da UEPG acontece em duas edições anuais, sendo uma delas chamada vestibular de inverno e a outra, de verão. O PSS ocorre ao final de cada ano e é realizado em três etapas, correspondentes aos anos que compõem o Ensino Médio – 1º, 2º e 3º – sendo a soma dessas notas o critério para ingresso desta universidade.

O interesse por este objeto de pesquisa parte de uma motivação bastante pessoal, visto ser minha área de atuação profissional a 1ª e 2ª séries de Ensino Médio, para as quais ministro aulas da disciplina de Produção Textual. As dúvidas relacionadas à execução dos comandos dos enunciados das provas de Redação da UEPG, as incertezas com relação aos usos da linguagem, bem como a brevidade das explanações do Manual do Candidato acerca da prova de Redação são algumas das questões que apareceram – e ainda aparecem – durante as aulas de Produção Textual, e a partir das quais delimito meu objeto de pesquisa.

Como gêneros solicitados por esses concursos, conforme a Revista Arquitetura da Redação (UEPG, 2015, p.19), temos:

- PSS I: comentário em blog, crônicas jornalísticas, narração escolar; relato autobiográfico;
- PSS II: carta do leitor, notícia, texto de opinião dissertativo-argumentativo, resumo;

- PSS III: carta de reclamação, carta resposta à reclamação, texto de opinião dissertativo-argumentativo, notícia, resumo.
- Vestibular: carta de reclamação, carta resposta à reclamação, texto de opinião dissertativo-argumentativo, notícia, resumo.

Assim, a partir de uma perspectiva dialógica da linguagem – segundo a qual a construção de sentido acontece mediante o contato com o outro – interessa-nos analisar as propostas de Redação do vestibular e do PSS, da UEPG (compreendidas entre 2014 e 2016), estabelecendo um diálogo entre essas propostas, a concepção bakhtiniana de gênero e os documentos oficiais de ensino. É nosso foco, portanto, entender como acontece o diálogo entre o candidato-autor e essas propostas. Para isso, propomos a construção de referencial teórico pautado pelas reflexões de Bakhtin e do Círculo – principalmente do conceito de gênero discursivo –, a partir do qual serão analisadas as propostas selecionadas como objeto desta pesquisa.

A metodologia utilizada neste estudo contempla ainda: a pesquisa documental nos documentos oficiais de ensino que fazem referência à concepção de gênero (discursivo ou textual); a análise de alguns dos textos relacionados a tais concursos – Manual do Candidato da UEPG, provas de Redação dos vestibulares e PSS's I, II, III da UEPG, revista *Arquitetura da Redação* (2013; 2015) e *Expectativa da banca* –; e a análise dos enunciados das provas de Redação do vestibulares e PSS's I, II e III da UEPG, compreendidos entre 2014 e 2016, no que se refere ao tratamento conferido aos elementos principais que, segundo Bakhtin, são constitutivos do gênero: tema, estilo e construção composicional.

Para a elaboração do referencial teórico desta pesquisa utilizou-se, principalmente, os seguintes autores: Bakhtin (1997, 2015 a, 2015b) – *Estética da criação verbal*, *Problemas da poética de Dostoiévski*, *Teoria do romance I*; Bakhtin/Voloshinov (1997) – *Marxismo e filosofia da linguagem*; Costa-Hubes (2014); Faraco (2013); Fioron (2016); Rodrigues (2005); Rojo (2005, 2008). E ainda, a consulta aos documentos oficiais de ensino que adotam a noção de gêneros (discursivos ou textuais): *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa* (Brasil, 1999); *Orientações curriculares para o ensino médio* (Brasil, 2006); *Diretrizes curriculares da educação básica – língua portuguesa* (Paraná, 2008).

Bakhtin acreditava ser o trabalho com os gêneros discursivos algo que acompanha a existência das pessoas em toda a sua extensão, visto que, conforme

as suas proposições, a língua materna é forjada de acordo com os discursos a que se tem acesso durante a vida. E, desta forma, a língua em uso seria tanto a nascente dos gêneros discursivos como se realizaria a partir deles. Eis aí o sustento teórico principal que norteia esta pesquisa.

Ao analisarmos o conceito de língua trazido por Bakhtin, deparamo-nos com a seguinte questão: “entender a língua como discurso significa não ser possível desvinculá-la de seus falantes e de seus atos, das esferas sociais, dos valores ideológicos que a norteiam” (Cavalcante Filho & Torga, 2011). Por isso, ainda conforme os referidos autores, ao dialogarem com Bakhtin, “as relações dialógicas são impossíveis entre os elementos dos sistemas da língua”.

A forma lógica ou o revestimento concreto-semântico da língua não são capazes de formar enunciados; para isso, é necessário que esses elementos estejam inseridos no campo do discurso e, portanto, formem enunciados (Bakhtin, 2015). Considerando então os diferentes discursos que podem ser reconhecidos como constituintes da temática em discussão, esta pesquisa – que se alicerça na teoria dialógica da linguagem, conforme pensada por Bakhtin e pelo Círculo – assume uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem e propõe ainda outra questão dialógica: a reflexão sobre necessidade de um diálogo mais efetivo entre os organizadores do vestibular e do PSS da UEPG, os professores que corrigem essas provas e ainda aqueles que respondem pela revista Arquitetura da Redação.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov, V. N). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. **Teoria do romance I**. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE FILHO, U. & TORGA, V. L. M. **Língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito**: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). In: I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. Vitória: 2011.

COSTA-HÜBES, T. C. Os gêneros discursivos como instrumentos para o ensino de Língua Portuguesa: perscrutando o método sociológico bakhtiniano como ancoragem para um encaminhamento didático-pedagógico. In: Nascimento, E. L.; Rojo, R. H. R. **Gêneros de texto/discurso**: e os desafios da contemporaneidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: J. L. Meurer; Adair Bonini; Désirée Motta-Roth – **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: J. L. Meurer; Adair Bonini; Désirée Motta-Roth – **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. Gêneros de discurso /texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium? In: SIGNORINI, I. (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.

SALEH. P. B. O. Os gêneros nos processos seletivos da UEPG. In: **Revista Arquitetura da Redação/** Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa: UEPG, 2015 v. 1, n. 2.

NEGOCIAÇÃO DAS IDENTIDADES: A ESCRITA NAS PRÁTICAS SOCIAIS DE ALUNOS DO 5º ANO

Mirely Christina Dimbarre

Orientação: Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh

As perspectivas teóricas que definem o letramento como prática social consideram que a escrita adquire sentido em discursos e práticas sociais específicas. Assim, letramento “é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar” (KLEIMAN, 2005, p. 5), pois a escrita se faz presente em muitos lugares da vida cotidiana, desde um pequeno anúncio anexado em um muro qualquer até em murais de serviços públicos, jornais impressos, livros científicos, em eventos de letramentos em igrejas, em supermercados, na escola.

O conceito de letramento é destacado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998, p. 21) - documento este que norteia a criação das propostas educacionais, como sendo um produto resultante das participações dos sujeitos em contextos sociais - nos quais a escrita e a leitura são consideradas práticas discursivas que precisam da escrita “para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou de escrever”.

Sendo assim, ao tratar o letramento como prática social, deve-se focar as relações de poder que envolvem os letramentos nas esferas sociais, observando quais são as atividades desenvolvidas, quem são os sujeitos que as desenvolvem, qual o papel que o letramento desempenha e com qual propósito.

Nas palavras de Kleiman (2008, p.18), o conceito de letramento é definido como um conjunto de práticas sociais que fazem uso da escrita em contextos diversificados e com fins objetivos. Para a autora supracitada, a criação desse conceito é visto como “uma forma de explicar o impacto da escrita em todas as

esferas de atividades e não somente nas atividades escolares” (2005, p. 6). Assim, os usos e as práticas sociais da linguagem envolvendo a leitura e a escrita em contextos diversificados como, por exemplo, nas esferas religiosas, nas esferas midiáticas, na esfera familiar, entre outros, serão diferentes das desenvolvidas e praticadas na esfera escolar. Todas essas esferas acima mencionadas são conceituadas como agências de letramento.

Na esfera escolar, considerada a mais importante agência de letramento, é preciso observar como o conceito de letramento é posto em prática, como as interações orais que envolvem os eventos de letramento organizam as atividades que utilizam o(s) texto(s) escrito(s). Também, observar como o professor direciona o trabalho com os textos em sala de aula, como apresenta as funções sociais que cada texto possui aos alunos, considerando que estes são agentes sociais, pois estão inseridos e participam de esferas sociais diferenciadas constantemente (escola, família, amigos, entre outros). É nas esferas sociais das quais participam, que os alunos desenvolvem suas práticas de letramento e, na interação com o outro por meio das práticas discursivas, constrói e reconstrói a sua identidade e a do outro. Essas interações são dialógicas, pois, segundo os estudos bakhtinianos, as interações sociais acontecem por meio da linguagem, por meio de textos que a materializam, como “evento, como acontecimento da vida da linguagem” (BRAIT, 2016, p. 14). Para Bakhtin (1997) a linguagem envolve questões de alteridade, é dialogia, é interação, é cultura de valores, é ideologia e é através desses elementos que o sujeito se (re)constrói e, conseqüentemente, (re)constrói o outro.

É por meio das práticas de letramento, das interações sociais e das práticas discursivas que o sujeito afirma qual é a sua identidade, quem ele é e quem não é – não são somente pelas semelhanças que os sujeitos constroem e negociam suas identidades, mas também pelas diferenças –, por exemplo, se é brasileiro e não é italiano, se é homossexual e não é heterossexual, se é afrodescendente e não é branco, se é estudante e não é comerciário.

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente (SILVA, 2000, p. 74).

Apoiando-me nessas reflexões e estando inserida como professora no contexto escolar do Ensino Fundamental I, observando, a princípio, de maneira distante, parto da seguinte inquietação: **“Como os alunos do 5º ano se colocam como sujeitos nos textos produzidos em sala de aula a partir de suas práticas de letramento?”**. Com esse questionamento inicial, também surgiram outras dúvidas, como: **“O que os alunos leem dentro e fora da esfera escolar?”**, **“Produzem escrita somente dentro da escola?”**, **“Quais são as práticas de letramento presentes em seu cotidiano?”**, **“Como os textos são trabalhados na escola?”**, **“Quais são os gêneros discursivos abordados e como são trabalhados pelo(a) professor(a)?”**, **“Como são conduzidas as produções escritas em sala de aula?”**.

Dessa forma, a presente pesquisa intitulada (provisoriamente) **“Negociações das identidades: a escrita nas práticas sociais de alunos do 5º ano”** tem como objetivo investigar como os alunos do 5º ano negociam suas identidades em suas produções escritas a partir das práticas de letramento desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa.

Sendo assim, justifica-se a escolha por desenvolver a pesquisa no Ensino Fundamental I, pois: a) a maioria das investigações realizadas nessa esfera educacional, investigam o papel do professor (suas práticas pedagógicas e a sua identidade em sala de aula); b) quando há pesquisas sobre o conceito de letramento, este é confrontado com o conceito de alfabetização e esta é o foco da pesquisa; c) porque existe a necessidade de mais pesquisas nessa esfera de ensino que tenham como foco o aluno (com o objetivo de pesquisas que orientem o trabalho do professor em relação ao discente) e, por fim, d) é preciso direcionar “mais” pesquisas para essa esfera de ensino com o intuito de contribuir com questões relacionadas às práticas de letramento e com as questões de identidades.

Reconhecendo que uma pesquisa se desenvolve por meio da teoria e da prática, por meio de leituras teóricas que auxiliam a pesquisa etnográfica, toda a geração de dados ocorreu entre os meses de agosto a dezembro de 2016. Foram realizadas observações em sala de aula, aplicado de um questionário aos alunos participantes e às professoras regentes das duas turmas e recolhidos, para as análises, as produções escritas dos alunos (todas as produções foram fotocopiadas). Ressalto que as observações foram realizadas não para possíveis

questionamentos sobre as práticas pedagógicas das professoras, mas para verificar como o trabalho com a escrita era desenvolvido, como os eventos de letramento aconteciam e se concretizavam nas aulas de Língua Portuguesa.

Antes da geração de dados, houve uma conversa com os alunos de cada turma, explicando como seria o processo dentro da sala de aula, como eles participariam e a importância de suas participações. Entretanto, de 64 alunos, apenas 22 aceitaram participar e a partir dessa primeira aceitação, os pais foram informados e assinaram as autorizações para que fosse possível utilizar os textos produzidos pelos alunos. Mesmo sendo apresentadas essas informações numéricas, é necessário ressaltar que a presente pesquisa é de natureza qualitativa, pois visa analisar as negociações das identidades presentes nas produções textuais dos alunos.

A discussão teórica se organiza, primeiramente, na abordagem dos conceitos sobre letramento tendo como principais autores Kleiman (2005; 2008) e Street (2011; 2013). Em seguida, discussões sobre as questões da prática da escrita e sobre gêneros discursivos por meio dos estudos de Bakhtin (2011). Por fim, discussão e reflexão sobre o conceito de identidade permeado por autores como Moita Lopes (2002; 2003), Hall (2006) e Silva (2000).

Neste momento, a pesquisa se encontra na finalização do referencial teórico e de inicialização das análises da geração dos dados. Sendo assim, num primeiro instante e de maneira sucinta, o que já foi possível observar nos dados é a respeito das práticas de letramento que os alunos desenvolvem nas aulas de Língua Portuguesa.

Referências

BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editora: 2016.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais Curriculares: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?**. Não basta ensinar a ler e a escrever?. Ministério da Educação. IEL/Unicamp, 2005.

KLEIMAN, Angela. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paula da. **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (Org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

STREET, Brian. V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. 2007. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. **Cultura, escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

STREET, Brian. V. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 33, n. 89, p. 51 – 71, jan-abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v33n89/a04v33n89.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

A IDENTIDADE NEGRA NAS IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DO OLHAR DOS /AS ALUNOS/AS

Paola Clarinda de Freitas Oniesko – UEPG
Orientação: Aparecida de Jesus Ferreira

Este estudo visa fazer uma análise acerca da construção da identidade negra no livro didático do 8º ano da disciplina de História da coleção “História.doc”, do PNLD 2017, utilizado numa escola estadual da cidade de Ponta Grossa- PR. A pesquisa tem como foco a investigação sobre as influências sociais, culturais, políticas e ideológicas na construção identitária negra através das imagens constituintes do livro didático, e traz também a visão dos alunos diante desse processo. As perguntas a serem respondidas são: 1) Qual é a percepção dos/as alunos/as diante da construção da identidade racial negra pelas imagens do livro didático de história? 2) Como se dá a construção da identidade racial negra no livro didático de história de uma escola estadual da cidade de Ponta Grossa-Paraná? Os objetivos a serem alcançados são:

- Perceber como os alunos entendem a construção da identidade negra pelos discursos do livro didático de história.
- Analisar a construção da identidade racial negra através das imagens do livro didático de história do 8º ano de uma escola estadual da cidade de Ponta Grossa-Paraná.

A pesquisa documental se baseia na análise das Diretrizes Curriculares Estaduais da disciplina de História, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Lei 10.639/03, além do Guia de Livros Didáticos PNLD 2017. A Metodologia se pauta na Pesquisa em Linguística Aplicada; Pesquisa Qualitativa interpretativista e documental; Pesquisa Quantitativa; Análise Crítica do discurso; Análise de

imagens. Os resultados esperados são o entendimento de como os estudantes recebem as construções discursivas do livro didático no que se refere à identidade negra, e quais as influências desses discursos na construção das suas identidades. Visa também o estabelecimento de um perfil identitário negro representado pelas imagens do livro didático de história.

É urgente a necessidade de professores que construam práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano escolar. Para tanto, se faz necessário conhecer mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial (Gomes, 2002). A utilização do livro didático de maneira crítica pode ser uma estratégia de desconstrução de discursos racistas.

Apesar de vigorar desde 2003 a Lei Federal nº 10.639, que estabelece a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", ainda nos deparamos com a insistência na reprodução de discursos estereotipados dos negros nos livros didáticos (Carvalho, 2006). Partindo desse pressuposto, acredita-se na necessidade de análise do livro didático a fim de se entender a intencionalidade dos discursos presentes nesse material pedagógico, que podem ter consequências trágicas na construção identitária dos alunos negros.

Justifica-se a importância da inserção da opinião dos estudantes quanto à recepção dos discursos constituintes do livro didático que utilizam por se tratar de uma lacuna de pesquisa, já que, entre os trabalhos utilizados para fundamentar este estudo percebeu-se a pouca voz dos alunos diante da construção identitária negra.

Esta pesquisa foi desenvolvida no campo da Linguística Aplicada. Uma LA voltada para "as práticas sociais" (Moita Lopes, 2008). A abordagem escolhida foi a pesquisa qualitativa e quantitativa, necessárias para a análise do livro didático, e para a análise documental. Na sequência, foi tratado sobre a análise crítica do discurso e análise imagética. Posteriormente, a definição dos pressupostos teóricos dos instrumentos de geração de dados, que compreenderam: pré-teste, questionário, entrevista grupo focal, entrevista e diário de campo. Por fim a ética em pesquisa e contribuições para o local pesquisado.

A pesquisa foi realizada com os/as alunos/as e alunas do 8º ano do ensino Fundamental-séries finais de uma escola pública de Ponta Grossa/PR. Com a coleta de dados, foi estabelecido um perfil dos/as participantes. O primeiro instrumento de geração de dados utilizado foi o questionário. A partir da escolha dos participantes da pesquisa, foi aplicado o questionário no dia 29 de maio de 2017, que estabeleceu o seguinte perfil: 4 meninos, sendo 2 negros e 2 brancos, e 4 meninas, sendo duas negras e duas brancas. Os estudantes têm entre 13 e 15 anos.

A análise se alicerçou nas vozes dos oito participantes da pesquisa. As entrevistas foram realizadas em três etapas, todas com as mesmas perguntas. As primeiras entrevistas foram feitas antes de os participantes analisarem o livro didático de história. Dessa forma, a primeira entrevista foi realizada com os alunos negros, a segunda entrevista com alunos brancos, e a terceira entrevista com alunos negros e brancos juntos. O objetivo da repetição foi analisar as diferenças de respostas dadas entre um grupo e outro. Para a análise acerca da recepção dos alunos negros diante da construção da identidade negra no livro didático de história do 8º ano, foi feita entrevista de grupo focal.

De acordo com a prévia da análise estabelecida até o momento, acredita-se que os preconceitos étnicos e raciais são adquiridos e partilhados dentro do grupo branco dominante, através de várias linguagens (Van Dijk, 2010, p.155). As situações relatadas pelos estudantes demonstram que o racismo se faz sim presente na instituição escolar escolhida como foco da pesquisa. Apesar de serem inúmeros os casos de racismo na escola citados pelos estudantes, eles atestam que o preconceito racial é mais sentido na rua do que na escola.

Expressões pejorativas para associação com o negro, como “Petróleo, piche, gorila” são citadas pelos alunos como rotineiras. E eles têm ciência da carga de preconceito que a utilização desses termos carrega. A indagação sobre preconceito fez suscitar um debate não apenas sobre racismo, mas relacionado aos diversos tipos de preconceito que eles já observaram na escola. Os alunos descreveram sofrimentos de colegas que foram discriminados das mais variadas formas. Situações de discussões por motivos adversos pendem para a questão racial, de maneira a explicitar o comportamento discriminatório muito presente na vida deles.

A percepção dos integrantes desta pesquisa, mesmo antes da análise do livro didático, já indicava uma recepção ciente da posição do negro como inferior quantitativamente e socialmente subalterno em relação ao branco. A recepção também já denotava entendimento a respeito do estabelecimento de uma norma padrão associada ao branco, trazida pelas imagens constituintes do LD. A demonstração de uma raça apresentada de maneira majoritária na quantidade de imagens entrega uma tentativa de normatividade, que carrega um discurso de determinação de um padrão racial branco, que é percebido pelos alunos negros: “O branco foi por toda história (auto) representado como o ser humano ideal, o que lhe conferiu ao longo de séculos uma situação de privilégio que é legitimada na sociedade até os dias atuais” (Jesus, 2012, p. 2). Mais do que notada, essa normatividade branca apresentada pelo LD causa desconforto nos alunos negros.

Dessa forma, a recepção das imagens pelos estudantes demonstra que eles são capazes de reconhecer que existe uma associação do branco a uma identidade positiva, associado a bons postos de trabalho e à nobreza. Enquanto que o negro ocupa posições desprestigiadas, associado à pobreza e ao sofrimento, remetendo à estigmatização e inferiorização da identidade negra:

[...] os apagamentos da existência de raças diferentes no livro didático contribuem para a reprodução e a manutenção das relações raciais com a supremacia e superioridade brancas, o que não promove conscientização crítica sobre essa questão” (ANDRADE, RODRIGUES, 2014, p. 155).

Sendo assim, a predominância da representação da identidade branca confere um caráter de superioridade da identidade branca em detrimento da negra. A associação de pessoas negras a serviços de pessoas brancas é uma característica predominante na fala dos alunos. Esse tipo de construção carrega um discurso de inferioridade, de perpetuação do estereótipo do negro apenas para a lógica do trabalho, ajuda a “dar suporte a interiorização normativa na classe subalterna, sob a forma de fé, da concepção dominante, pelos mecanismos de articulação/desarticulação” (Cury, 1985, p. 94). A vinculação da imagem do negro associado ao trabalho escravizado gera incômodo por parte dos alunos, que veem sua identidade racial em situação de submissão em relação ao branco.

De acordo com os dados analisados até o momento, conclui-se que a construção da negação da identidade negra é um processo. A associação do negro

a situações de desprestígio e humilhação contidas nas imagens do LD atuam no sentido de gerar a negação dessa identidade, uma vez que os alunos negros não querem ser associados às mesmas situações de desvalorização. Para Bauman (2005), a identidade é uma faca de dois gumes, então é preciso um cuidado para não tornar a abordagem desse tema num instrumento de estereotipização, de desumanização, de estigmatização, ou o pior deles, de negação da identidade.

Sendo a escola também instrumento de socialização, ela poderia dar uma importante contribuição se ensinasse a conviver com a diversidade da população. A percepção dos alunos diante da construção da identidade racial negra pelas imagens do livro didático de história, antes de analisarem o referido livro didático, é caracterizada por um discurso de subalternidade associada à identidade negra. Portanto, as imagens constituintes do LD utilizados por esses estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental-séries finais demonstram uma postura que estabelece um perfil negativo do negro. Dessa forma, o livro didático é percebido como instrumento de perpetuação de discriminação racial, à medida que compõe uma identidade racial branca positiva, e uma identidade racial negra negativa, causando um sentimento de repulsa, por parte dos alunos negros, na identificação com sua identidade racial.

Referências

ANDRADE, Mariana R. Mastrella de; RODRIGUES, Jayfferson Alves. A construção de identidades no livro de inglês: Classe social, Raça e o outro. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **As políticas do Livro Didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade em classe em livros didáticos**: As Políticas. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 143-161.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JESUS, Camila Moreira de. Branquitude x branquidade: uma análise conceitual do ser branco. In: III ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 2012, Bahia. **Anais...** 2012. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/05/Branquitude-x-branquidade-uma-ana-Ãlise-conceitual-do-ser-branco-.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

CARVALHO, Andréa. **As imagens dos negros em livros didáticos de história**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.



GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossas escolas. São Paulo: Summus, 2001. (WATTHIER, 2015, p. 49)

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Uma linguística aplicada mestiça e ideológica**. Interrogando o campo como lingüista aplicado. In: L. P. da Moita Lopes (Org.). Por uma lingüística aplicada indisciplinar. São Paulo SP: Parábola, 13-44, 2006.

VAN DIJK Teun A. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ESPAÇO E LITERATURA: ENCONTROS EM *O CORCUNDA DE NOTRE DAME*

Paola Souza Gomes

Orientação: Andréa Correa Paraíso Müller

Victor-Marie Hugo é um dos mais importantes escritores franceses do século XIX. Nasce em 26 de fevereiro de 1802 em Besançon e falece em 22 de maio de 1885 em Paris. Autor de obras que vão desde *Hernani* – marco fundador do romantismo na França, a *Trabalhadores do Mar* e *Os Miseráveis* – seus romances mais importantes do seu período de exílio em Guernesey, Hugo também fez nome como poeta, teórico e ensaísta, não só de temas relacionados à literatura, como também arquitetura e ao patrimônio material francês.

Vinculado ao romantismo francês, e juntamente com outros escritores do período como Stendhal, Balzac e Gérard de Nerval, Victor Hugo propôs um rompimento drástico aos moldes clássicos da literatura. Além disso, ficou conhecido por transitar com certa liberdade nos mais diversos gêneros literários, e até em outras áreas do conhecimento, produzindo desde peças de teatro, novelas, ensaios, romances, odes, e até manifestos de conteúdo político e trabalhos como desenhista (BASTOS, 2013, p.9-14).

A preocupação do autor em estabelecer um projeto literário engajado em suas lutas sociais e políticas se expandiu também para o campo da arquitetura. Victor Hugo via na preservação do patrimônio francês uma forma de preservação e valorização da identidade nacional. Em seu manifesto intitulado *Guerra aos demolidores* (1841), escrito em 1825, Hugo expressa sua revolta com o descaso para com a arquitetura gótica visível nas ruínas abandonadas ou prestes a serem

demolidas por todo o país. Seu manifesto é também uma chamada à insurgência em favor da conservação do valor histórico e cultural do patrimônio.

Sua ampla visão de arquitetura apresentada em *Guerra aos demolidores* mostra-se fundamental ao longo de seu projeto literário, principalmente em *O Corcunda de Notre Dame*; é nesse seu primeiro romance, no qual, aos 26 anos, sua visão acerca dos rumos da arquitetura nacional, e sua preocupação com o descaso pelo patrimônio material francês se apresentarão de maneira mais apaixonada.

Em *O Corcunda de Notre Dame* a narrativa se passa em 1482 na capital francesa. O romance retrata Paris com suas Îles, becos, palácios e, como seu título já aponta, a Catedral de Notre Dame, para descrever o processo em que “a grande obra da humanidade não mais será construída, será impressa” (HUGO, 2013, p.199).

Nossa pesquisa empenha-se na análise dessa obra hugoana que, ao nosso ver, é a produção do autor que se debruça sobre o tema da arquitetura e do patrimônio material francês com maior intensidade e paixão. No romance *O Corcunda de Notre Dame* Victor Hugo recria a capital francesa da Idade Média, sendo ela, ao mesmo tempo, ficção e construção histórica, real e imaginária. Através de sua criação ficcional, apresenta-nos personagens e grupos sociais cheios de conflitos internos e entre si. É também real, porque, além de descrever e reconstituir com precisão a cidade medieval, constroi um discurso teórico sobre a arquitetura e sobre a relação estreita desta com o próprio fazer literário.

A análise do nosso objeto de pesquisa deu-se por meio da articulação entre literatura e arquitetura, visto que, cada uma a seu modo, reconstrói e representa o espírito de uma época.

A fim de embasarmos nossa análise, apresentamos abordagens teóricas acerca dos conceitos de espaço, e apontamos algumas relações possíveis entre literatura e espaço arquitetônico de autores como Ángel Rama (1998) e Paul Ricoeur (1998). O fato de não haver uma definição unívoca e definitiva para a ideia de espaço, uma vez que é, ao mesmo tempo concreto e abstrato, relativo e absoluto, faz com que a literatura seja uma forma interessante de representá-lo, e, ainda mais, analisá-lo. Por conta da abrangência do tema e do termo, foi preciso,

ainda, estabelecer um recorte nessas conceituações, com a intenção de ater-se às reflexões que dizem respeito ao espaço arquitetônico e urbano propriamente dito.

Ao iniciar nossa investigação e levantamento bibliográfico sobre o tema, observamos a multiplicidade de definições sobre o que seria espaço literário, e a pouca quantidade de textos dedicados exclusivamente a esclarecê-lo, quando se comparado, por exemplo, com a quantidade de análises teóricas dedicadas ao tempo na narrativa. Outrossim, nos deparamos com poucos trabalhos desenvolvidos exclusivamente sobre a obra *O Corcunda de Notre Dame*. Em que pese sua relevância e reconhecimento, o número de estudos sobre o romance, tanto no exterior e, mais ainda no Brasil, ainda são em pequena quantidade perto da fortuna crítica de outras obras hugoanas, como *Os Miseráveis* e *Hernani*.

No nosso entendimento, uma pesquisa que reúna diferentes perspectivas teóricas acerca do espaço literário, que, na sequência, se faça valer de uma metodologia para analisá-lo em uma obra que carece de maior atenção, como é o caso de *O Corcunda de Notre Dame*; e, por fim, permita levantar questionamentos sobre aspectos tangenciáveis entre literatura e arquitetura, poderia suscitar ainda mais interesse sobre os assuntos tratados. E é este o intento de nosso trabalho.

A decisão de trabalhar questões sobre literatura e espaço arquitetônico permitiu-nos levantar três possibilidades: a primeira é que seria possível analisar a narrativa hugoana como um discurso engajado na recuperação e manutenção do patrimônio arquitetônico francês, uma vez que incorpora fatos históricos e permite a reconstituição da imagética urbana parisiense. Desta forma, entende-se a obra como propositora de material teórico para o estudo da arquitetura: um documento.

A segunda possibilidade é analisar o romance em questão como um discurso autorreflexivo e ambíguo entre as práticas discursivas exploradas: literatura e arquitetura. Ou seja, de forma inversa à possibilidade anterior, é a arquitetura dentro do discurso interno da obra que se transforma em material teórico, fazendo da narrativa teorizadora de si própria, valendo-se da arquitetura para refletir não somente sobre a literatura, mas sobre o caráter geral da arte.

Por fim, a terceira possibilidade é uma análise interna da obra, de maneira a observar a forma com que o espaço arquitetônico e urbano é inserido e descrito na narrativa, e como o mesmo é tanto reflexo como refração das personagens nele inscritas.

Para isso, nossa leitura iniciou-se pelas análises gerais do espaço literário de autores como Foucault, Barthes e Bachelard, reunidas por Luis Alberto Brandão em *Teorias do Espaço Literário* (2013). Deve-se frisar que algumas dessas teorias são por vezes divergentes e não estruturam uma metodologia específica para a análise espacial. Assim sendo, tais abordagens são consideradas como leituras indispensáveis num primeiro momento apenas para a compreensão das múltiplas possibilidades de análise, mesmo que não utilizadas em nossa exploração.

Por isso, para lidarmos com questões estruturais do texto, nos valem, principalmente, do método da *Topoanálise*, desenvolvido pelo professor Oziris Borges Filho em *Espaço e Literatura* (2007). Esse método nos é valioso porque também dialoga e se faz valer de estudos de outras áreas do conhecimento, como filosofia, geografia, arquitetura e urbanismo.

Como se pretende, também, observar o caráter de articulador teórico que o espaço arquitetônico promove na obra, fez-se necessária a leitura de autores interessados no tema da autorreflexão literária, dando especial atenção ao recurso da Ironia Romântica, como Karin Volobueff (1999) e Luiz Costa Lima (2009).

De maneira a dar conta dos nossos objetivos, propôs-se neste trabalho, aproveitando o caráter interdisciplinar do estudo, um movimento excursional análogo ao definido na teoria da Arquitetura como *Promenade Architeturale*, que em nossa analogia denominamos *Promenade Littéraire*. Esta estratégia de apreensão do espaço construído, derivada da arquitetura árabe e reinventada por Le Corbusier no auge do Movimento da Arquitetura Moderna, visava estimular o usuário a conhecer o espaço arquitetônico através da deambulação de toda a sua extensão, fazendo da dimensão temporal o caráter fundamental para a compreensão da dimensão espacial (COBUSIER, apud. Maciel, 2002, s/p).

Sugerimos em nossa *Promenade Littéraire* três atos excursionais que possibilitam a compreensão tanto do tema espaço, quanto da especificidade do espaço arquitetônico e da sua presença dentro da obra literária.

No primeiro passeio apresentou-se um panorama geral da produção romanesca que se delineou em seu período de ascensão, e na qual a obra hugoana é representante. Da mesma forma, traçamos um paralelo com a produção arquitetônica e da teoria da arquitetura do mesmo período. Ainda nesse capítulo abordamos a especificidade irônica presente na obra de Victor Hugo e que se

apresenta como parte de seu projeto literário. Essa abordagem é importante para que, no último capítulo, possamos identificar seus traços em *OCND*, focando, principalmente, nas suas representações espaciais.

Na segunda parte de nosso ato excursional apresentamos algumas definições e conceitos importantes acerca do espaço para a elaboração da análise de *OCND*. No entanto, fez-se necessária uma visada, a princípio mais abrangente, compreendendo as noções gerais do espaço para, em seguida, abordarmos as possíveis manifestações desse dentro da literatura. Em meio a esse caminho, e como tal o trabalho se propõe interdisciplinar, apresentou-se, dentre um rol diverso, as possíveis relações entre literatura e arquitetura, teorizadas em ambas as áreas e de formas diferentes. Ao fim desse segundo capítulo, e já pretendendo proporcionar uma abertura para o capítulo seguinte, apresenta-se a metodologia da Topoanálise, elaborada pelo professor Ozíris Borges Filho (2007), a qual será fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

Nosso último passeio dedicou-se unicamente à análise de *O Corcunda de Notre Dame*, utilizando-se, para isso, as abordagens visitadas nos capítulos anteriores. Nesse capítulo olhamos para a nossa obra buscando desenvolver nossas três hipóteses: a obra como documento, a arquitetura como item de autorreflexão, e o espaço arquitetônico como conformador da narrativa. Assim, tanto método como resultado se complementam e definem o *corpus* deste trabalho, que toma forma através de um percurso, ou de uma *Promenade Litteráire*.

Após tais considerações, deixamos claro nosso interesse tanto pelo aspecto estrutural da obra quanto pela reflexão que ela suscita. Assim, utilizamos os dois métodos que julgamos fundamentais a uma crítica literária – uma abordagem estrutural e, portanto, interna à obra, cujo texto será analisado por intermédio dos próprios elementos que o constituem; e uma abordagem externa, considerando o contexto de sua produção e o conjunto literário hugoano como um todo, sem esquecer que ambos os aspectos são igualmente importantes e as abordagens se complementam.

Até o momento já foi possível elaborar o texto da pesquisa para a banca de Qualificação, contendo as três excursões na qual propusemos como estrutura do trabalho. Após as devidas considerações da referida banca, pretende-se fazer os ajustes necessários para a banca final.

Referências

BASTOS, Jorge. Apresentação. In: HUGO, Victor. **O corcunda de Notre Dame**. Tradução de: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: Introdução à toponálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HUGO, Victor. **O corcunda de Notre Dame**. Tradução de: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

HUGO, Victor. Guerre aux démolisseurs! .In: **Littérature et philosophie mêlées**. Paris: Furne et cie. libraires-éditeurs, 1841, p. 279-284. Disponível em: <<https://books.google.com.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

LIMA, Luiz Costa. A questão do controle. In: **O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, As relações perigosas, MollFlanders, TristamShandy**. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 179-210.

MACIEL, Carlos Alberto. Villa Savoye: arquitetura e manifesto. **Arquitextos**, São Paulo: ano 02, n. 024.07, Vitruvius, maio 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/> Acesso em 12 jul. 2017.

RAMA, Ángel. **La Ciudad Letrada**. Montevideo: Arca, 1998.

RICOEUR, Paul. **Architecture et narrativité**. 1998. Disponível em: <http://www.fondsriceur.fr>. Acesso em: 25 ago. 2017.

VOLOBUEF, Karin. Ironia Romântica. In: **A prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

O ENSINO DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: ESTUDO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E IDENTITÁRIAS

Regiane de Fátima Siqueira Alberti
Orientação: Valeska Gracioso Carlos

A motivação inicial para as reflexões acerca dos estudos sobre a variação linguística no ensino do espanhol originou-se do contexto de sala de aula, da necessidade de conhecer e conceber novas práticas pedagógicas que pudessem auxiliar no processo educacional, visto que a demanda de alunos que estamos recebendo vive num mundo globalizado, altamente tecnológico e que precisa interagir, rever valores, ideologias e falsos preconceitos, carecem da intervenção indispensável do professor para mostrar-lhes os diferentes cruzamentos entre as diversidades linguísticas, sociais e culturais.

O principal objetivo deste trabalho não é o de tentar responder de uma vez todas as questões epistemológicas e teórico-metodológicas que ora se impõem, mas sim, o de contribuir para que elas sejam evidenciadas e amplamente discutidas nos espaços educacionais. A principal justificativa das problematizações a serem apresentadas, é a de que não há como se pensar no ensino de língua estrangeira, sem remetê-la a seu papel de formadora de ideologias e de identidades.

As reflexões feitas neste estudo, pretendem proporcionar uma visão mais clara de como estão sendo tratadas as questões de variação linguística nas aulas de língua espanhola bem como as identidades prestigiadas na prática pedagógica. Pretende-se também discutir o envolvimento do professor, no papel reflexivo acerca das questões de identidade e como isso influencia, tornando-o mais ciente do seu papel de educador.

O embasamento teórico deste trabalho está centrado na Sociolinguística, ciência que estuda a língua em seu contexto social, e, a vê como fator importante na identificação de grupos e nas diferenças sociais demarcadas na comunidade, uma vez que a língua não é apenas uma ferramenta de comunicação, ela está repleta de significados, de aspectos ideológicos, sociais, culturais, etc., de maneira particular na Sociolinguística variacionista ou laboviana, uma área de estudos, que considera dialeto e falar como sinônimos de variedade. Portanto, “dialeto aqui não corresponde a uma variedade inferior ou estigmatizada de uma língua, mas sim, ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional” (Coelho et al., 2015, p. 15).

Procurando evidenciar e discutir como as múltiplas identidades se fazem presentes e influenciam o ensino-aprendizagem de espanhol, apresenta-se como referencial teórico, discussões sobre a construção de identidades, o prestígio de uma variedade linguística em relação à outra, os diversos espanhóis da América, do continente africano, asiático e o espanhol da Espanha (europeu), bem como o modo que estão sendo trabalhadas questões lexicais e culturais relativas a esse processo.

Outro ramo dos estudos linguísticos que contribui com as investigações sobre variação linguística, e da qual faço uso nesta pesquisa, é a Dialectologia, que “se interessa em identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (Cardoso, 2010, p. 15). Seus estudos acompanham as mudanças na língua, as transformações que ocorrem no mundo, as exigências frente aos perfis plurilinguísticos, a uma variedade de fatores, tanto no que se refere às gerações, ao sexo, às camadas sociais e aos diferentes estilos de uso da língua, como na definição primordial do seu campo de atuação que é a variação geolingüística.

O referencial teórico fundamenta-se em questões relacionadas ao ensino aprendizagem de espanhol, às variedades linguísticas e às múltiplas identidades que se estabelecem no ensino de uma língua estrangeira. Para tanto, utilizo pesquisa bibliográfica pautada nos estudos de MORENO FERNÁNDEZ (2000, 2005, 2010), LIPSKI (2005), CALVET (2002), RAJAGOPALAN (2014), SILVA-CORVALAN (2001), LÓPEZ-MORALES (2010), LABOV (1972) e nos documentos que norteiam o ensino de língua estrangeira, como os PCNs (1999), as DCNs

(2005), é uma pesquisa qualitativa com foco em variação linguística e identitária do espanhol – LEM, com abordagem no Estudo de Caso do tipo etnográfico. A análise dos dados é de caráter interpretativista, com o propósito de responder às seguintes perguntas de pesquisa que norteiam esta investigação.

Como os professores de espanhol, de escolas de educação básica da cidade de Ponta Grossa-PR, estão trabalhando as questões de variação linguística da língua espanhola e das múltiplas identidades culturais e sociais que perpassam a práxis educativa deste idioma em suas aulas?

O material didático utilizado contribui de forma positiva com o trabalho de variação linguística e identitária nas aulas de espanhol?

As atividades realizadas por professores regentes de classe regular e CELEM¹ diferem das atividades que os professores de escola privada desempenham, no sentido de contemplar as múltiplas identidades e a variação linguística do espanhol – LEM.

Participaram desta pesquisa doze professores de espanhol, todos graduados em Letras-Espanhol e Literaturas, sendo quatro professores da rede pública de ensino do Paraná, na Educação Fundamental e Média, quatro no CELEM, escola pública, e outros quatro professores na rede privada também no Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Ponta Grossa – PR. A faixa etária desses professores varia entre 25 e 49 anos. A escolha destes sujeitos se justifica pelo fato de atenderem aos requisitos imprescindíveis para o desenvolvimento deste estudo, serem professores de espanhol atuantes no ensino público, nas modalidades regular e CELEM e outros por atuarem no ensino privado, na modalidade regular.

Para este estudo, o instrumento escolhido para a coleta de registros, foi a entrevista semiestruturada através de gravações eletrônicas, que foram realizadas no 1º semestre deste ano, ocorreram em diversas escolas e em dias alternados conforme a disponibilidade de cada participante. O questionário foi dividido em cinco itens: dados pessoais, ensino de espanhol, variação linguística, identidades e material didático, atendendo aos pressupostos do referencial teórico citado.

¹ Centro de Línguas Estrangeiras Modernas.

No momento, esta pesquisa se encontra em fase final de escrita e análise dos dados coletados. Ainda assim, o que se percebe e já pode ser destacado é que a maioria dos professores entrevistados conhece os documentos que norteiam o ensino de língua espanhola como LEM, sabem da importância de se trabalhar com as questões de variação linguística e identitária, porém, afirmam muitas vezes que as duas aulas semanais, da rede pública de ensino, não são suficientes para se aprofundar em tal conteúdo e que é muito grande o desinteresse dos alunos, não somente na disciplina de espanhol, como em todas as outras. Os professores de CELEM dizem que é mais fácil de se trabalhar variação linguística e identitária com seus alunos, visto que o número de aulas é maior (4 aulas semanais) e por serem alunos mais interessados, que estão ali por vontade própria, o trabalho acaba sendo mais produtivo. No que se refere aos professores de escola privada, o problema é ainda maior, pois dispõem apenas de 1 aula semanal, na qual precisam “vencer” os conteúdos dos livros e apostilas e ainda heroicamente conseguir fazer com que seus alunos tenham gosto pela língua estrangeira que estão estudando. Reclamam também que o inglês nestes colégios possui 3 aulas semanais e que os alunos estudam desde pequenos este idioma, o que torna ainda mais difícil o trabalho do professor de espanhol nestes estabelecimentos, uma vez que precisam “fazer milagres” como eles mesmos dizem, para tentar diminuir a defasagem entre um idioma e outro.

Apesar de todos os problemas enfrentados, obtive relatos muito interessantes e valiosos de trabalhos que os professores realizaram, o que mostra como é possível, mesmo com todas as dificuldades, desenvolver aulas de qualidade, que valorizem as múltiplas identidades linguísticas e sociais existentes nos países de língua hispana. E uma vez que “*el aprendizaje de una lengua natural siempre se produce a través de una de sus variedades*”². (Moreno Fernandez, 2010, p.9), é de suma importância o papel da variação linguística no processo de aprendizagem, objeto que merece reflexão por parte dos falantes e compreensão por parte dos que estudam e ensinam línguas. Principalmente quando se fala em língua estrangeira, particularmente no espanhol, não há como ignorar o peso da variação linguística dentro do mundo hispânico, e o quanto a compreensão desse

² “A aprendizagem de uma língua natural sempre se produz através de uma de suas variedades”.



fenômeno na língua espanhola pode contribuir para melhor entendermos o que ocorre com nossa língua materna.

Referências

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolingüística: Tradição e Modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl (et al.). **Para conhecer a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Las variedades de la lengua española y su enseñanza**. Madrid: Arco/Libros, SL, 2010.

A CLEÓPATRA DE SHAKESPEARE SOB UM OLHAR FEMININO

Regiane Maria Ferreira¹

Orientação: Marly Catarina Soares²

Resumo: A mulher foi por muito tempo, na literatura, uma figura a sombra de uma representação masculina. “E o que é masculino torna-se feminino e o desejo do impossível torna-se possível do desejo”. (BRANDÃO, P.19). Em um período na literatura em que a mulher não tinha espaço para se expressar, sua forma de viver na sociedade foi apresentada nas vozes de autores do sexo masculino. Neste viés, o presente trabalho tem como principal objetivo discutir a partir da perspectiva de uma leitura feminina e estudos de gênero a representação feminina da personagem Cleópatra, na obra Antônio e Cleópatra, escrita por W. Shakespeare, a partir do viés masculino. Para isso, além de estudo bibliográfico, far-se-á uma análise da peça “Antônio e Cleópatra” de Shakespeare, tradução de Barbara Heliodora (2001). Espera-se com este trabalho entender melhor a figura feminina de Cleópatra, retratada em uma obra ficcional e como Cleópatra e as relações de poder e domínio entre os gêneros são interpretados em uma leitura feminina.

Palavras-chave: leitura feminina, gênero, mulher.

A figura feminina foi representada, por muito tempo, sob um viés masculino, em que era possível observar sentimentos, ações, sensações que o homem transcrevia através daquilo que ele imaginava ser o real, para Richard (2002, p. 159-160): “[...] os autores masculinos, que tanto cultivam sua metáfora, não se sentem minimamente obrigados a estabelecer qualquer compromisso prático, nem com as mulheres reais da luta política e nem com a ação teórica do feminismo”.

¹ Mestranda em Linguagem, identidade e Subjetividade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR. E-mail: ferreira_regiane@ymail.com

² Professora Doutora e Orientadora no Programa de Pós Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade na Universidade Estadual e Ponta Grossa – UEPG.

O movimento feminista é uma luta política que busca reforçar o espaço da mulher na sociedade e reafirmar a sua importância como indivíduo ativo, no entanto, em algumas obras literárias, especialmente nos clássicos, a mulher é descrita como um ser frágil, delicado, incapaz de tomar decisões por conta própria.

Refletindo acerca disso, o estudo realizado por meio da obra teatral Antônio e Cleópatra, escrita por William Shakespeare e traduzida por Barbara Heliodora (2001), busca refletir sobre a figura de Cleópatra, a representação do feminino na obra e a relação de gênero entre a rainha e o general romano, Marco Antônio.

Neste viés, a pesquisa de mestrado por meio de uma leitura feminina, aborda os conceitos de gênero estabelecidos socialmente, como a dicotomia macho x fêmea, homem x mulher, no intuito de buscar uma reflexão sobre a imagem feminina de Cleópatra como um ser frágil, carente e sexualizado, tentando compreender de que forma essa personagem foi apresentada numa escrita masculina.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, em que se busca desenvolver uma análise da personagem Cleópatra através da leitura feminina, na obra Antônio e Cleópatra de Shakespeare. Para isso foram realizadas pesquisas em que destacam-se as autoras Butler e Scott, que se discute a relação de gênero e o papel do feminino na sociedade.

Em Problemas de Gênero (2016) Butler apresenta uma crítica quanto a identidade, um dos principais fundamentos do feminismo, a autora reflete sobre o uso da linguagem na busca da representação das mulheres, no entanto, essas mulheres são pensadas no plural, não no singular como propõe a autora. Para Butler (2016, p.18) “[...] a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres”.

As análises serão norteadas também pelas concepções de Joan Scott em uma discussão sobre o papel do feminino na sociedade, por meio do livro “A cidadã paradoxal”, pretende-se compreender a luta do feminino pelos direitos políticos na busca de uma sociedade igualitária. Essa obra contribui para pensar sobre a mulher e a conquista de seu espaço em um universo até então patriarcal.

De maneira geral, a base para a pesquisa é a teoria feminista pautada nos conceitos de Joan Scott (2002), (1999); Judith Butler (2016), (1998); Jonathan

Culler (1997); Branco e Brandão (1989); em que se pretende compreender as relações de gênero na obra Antônio e Cleópatra de W. Shakespeare e como são representadas as atitudes femininas da rainha sob um viés masculino.

Para a realização da pesquisa é feita uma análise da obra shakespeariana Antônio e Cleópatra, com tradução e concepções sobre o teatro shakespeariano de Barbara Heliodora, que é considerada uma das tradutoras e estudiosas de grande importância sobre a vida e obra de Shakespeare. Como base teórica para os estudos de gênero destacam-se as pesquisas realizadas em obras de duas autoras importantes nesta área de conhecimento, Joan Scott e Judith Butler. Para que o trabalho aborde as questões ligadas ao feminismo, a metodologia escolhida foi a pesquisa e análise de obras que abordem a luta pela emancipação das mulheres inseridas em um contexto patriarcal, buscando fazer uma análise com a representação do feminino na literatura, especificamente com a figura da rainha egípcia Cleópatra, na obra de um autor masculino, Shakespeare.

A peça “Antônio e Cleópatra” traz dois personagens centrais, um herói e uma heroína, seguindo exatamente esta ordem de importância na obra, a figura masculina usufrui de maiores privilégios em relação a mulher. Para Barbara Heliodora (2008, p.71) a personagem da rainha possivelmente foi pensada para ser “caprichosa e de humor tão instável para que ela pudesse ser trabalhada como um papel de composição”. Desta forma, haveria maior possibilidade de flexibilização pelos atores e posteriormente para as atrizes, visto que no teatro elisabetano os homens representavam os papéis femininos.

A pesquisa traz um aparato geral sobre o a história do Teatro, desde a origem com o clássico na concepção de Aristóteles até o drama moderno, sendo dispensada uma atenção especial quanto ao teatro no período elisabetano e quanto a escrita shakespeariana. Procura-se compreender as características deste gênero para entender as personagens centrais na tragédia Antônio e Cleópatra.

O objetivo central do trabalho é buscar compreender como a personagem de Cleópatra é retratada na tragédia shakespeariana, busca-se encontrar no texto se a figura feminina possui autonomia, lembrando que ela é trazida para a obra como uma mulher governante, a pergunta que se pretende responder é se essa mulher possui voz ou é silenciada em um universo masculino, não somente pelos atores que compõem os Atos, mas principalmente pelo autor que escreve o texto. Para

tentar responder essas questões é preciso desenvolver uma abordagem dentro da teoria feminista, especificamente utilizando-se da leitura feminina para entender como a leitora do presente interpreta a personagem de Cleópatra, é possível associar a rainha de Shakespeare com a imagem da rainha egípcia histórica?

Refletindo acerca da leitura feminina, de uma obra teatral, pensa-se sobre o papel que a mulher desenvolve numa literatura masculina. Branco e Brandão (2008, p. 17), trazem que “o texto literário é sempre confusão de vozes, Babel de desejos, fascinante equívoco, lido como realidade”. O assunto central da peça é o amor outonal do casal. (HELIODORA, 2014), mas apesar do tema, Cleópatra sofre decepções amorosas, sabe da infidelidade de Antônio, pois ele foi duplamente infiel, ele era casado quando se envolveu com a rainha, ela sempre foi a outra.

Com o desenvolvimento da pesquisa nota-se que a personagem de Cleópatra, embora independente, madura, rainha de seu povo, carrega marcas de fragilidade, romantismo, carência e dependência afetiva em relação a Marco Antônio, o que (re) afirma que “o real e o imaginário de confundem” (Kuhner, 1998, p.42), sendo uma representação do feminino perfeitamente aceita pela sociedade.

Mesmo sendo representada como uma governante, suas habilidades exploradas foram de submissão e sexualidade, se tornou escrava de um amor que culminou em seu trágico fim. Sua participação na peça é consideravelmente menor em relação a presença de Antônio, suas falas são repletas de emoção, mas num tom terno de uma incontrolável paixão, percebe-se que suas decisões eram tomadas sempre com Marco Antônio em primeiro plano, reafirmando seu lugar na peça, segundo lugar também no título da peça, co-protagonista na ação, mas principalmente segundo lugar na vida de seu amado.

Pretende-se refletir sobre a imagem explorada de Cleópatra na peça, se existem traços de *femme fatale*, imagem tão bem reproduzida historicamente sobre a rainha do Egito. Plutarco destaca sua presença como algo incomparável, sua gentileza, sua graça ao gesticular, o seu tom de voz, suas palavras encantadoras, isso demonstra que Cleópatra governante era uma mulher habilidosa, inteligente, segura e que não utilizava esses dotes somente para manter seu relacionamento com Antônio, portanto, compreende-se pela pesquisa até o momento que a personagem de Cleópatra em Antônio e Cleópatra de Shakespeare é a de uma co-

protagonista silenciada, evidenciam-se os seus dotes sensuais na arte da conquista de seu amado.

Referências

BRANCO, L.C; BRANDÃO, R,S. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial: LTC – Livros Técnicos e Científicos Ed, 1989.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HELIODORA, Barbara. **Por que ler Shakespeare**. São Paulo: Globo, 2008.

KUHNER, Maria Helena. **O Espelho em que os Rostos se Dividem**. In: Feminino Masculino no imaginário de diferentes épocas. Eloá Jacobina e Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PLUTARCO, **Vidas dos Homens Ilustres VIII**. Editora: Editora das Américas. 1963.

RICHARD, Nelly. **Intervenções Críticas Arte, Cultura, Gênero e Política**. Tradução Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SCOTT, J.W. **A Cidadã Paradoxal: as feministas francesas os direitos dos homens**. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed.Mulheres, 2002.

SHAKESPEARE, William. **Antônio e Cleópatra**. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda, 2001.

DISCURSOS EM REDE: O LEITOR EM SEU ESPAÇO DE SUBJETIVAÇÃO

Reinaldo Carneiro

Orientação: Evanir Pavloski

O objetivo do estudo é refletir sobre o papel do leitor em um de seus principais espaços de subjetivação da atualidade, que são as redes sociais. O *Facebook* viabiliza uma interação concreta e simultânea entre emissor e receptor na divulgação e compartilhamento de informações em forma de matéria jornalística.

O projeto fundamenta-se na necessidade de conhecer os recursos que levam a essas alterações e de que forma o leitor pode, sem ler manuais de redação e estilo, identificar pontos básicos do enunciado que dão autenticidade à informação.

Através dos estudos sobre teorias da recepção (texto e dialogismo), verificou-se que o leitor, através das possibilidades de interação com seu grupo, interfere diretamente no processo de manipulação do código que leva a alterações em funções sógnicas, em resposta a estímulos sobre fatos sociais e políticos que afetam suas relações com o mundo. Como linguagem, sujeito e sociedade sofrem uma reformulação completa no universo *ciber*, a pesquisa está concentrada em dois portais de informação, que se utilizam das redes sociais para divulgação de seus conteúdos e que, cada um a seu modo, misturam informação com opinião, ampliando ou reduzindo as expectativas do leitor através de estratégias que passam pela quebra do padrão em relação à linguagem jornalística.

Inicialmente, estabelece-se um paralelo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer, com a finalidade de desmascarar ou subverter valores em situações que geram distorção e deformação. Essas manifestações possibilitam

mudança de sentido e ainda reformulação do caráter das representações acerca do real, reafirmando elementos constitutivos de identidades que se cultivam em ambientes virtuais.

Também é possível identificar um constante processo de ressignificações, que acabam fazendo com que o leitor, a todo tempo, seja obrigado a recorrer ao código da língua ou da linguagem jornalística em questão. Por isso, torna-se necessário entender as relações e manifestação do leitor em espaços de subjetivação, diante de enunciados que necessitem de uma resposta condizente à alteração contextual.

Neste trabalho, considera-se a noção de representação contida na obra *Fantasia e fabulação* (2006), de Gilberto Salgado, na qual se discorre sobre o impacto da hipermídia no universo simbólico do leitor.

Verdade que conceito de representação é um conceito milenar. Atravessou a história da ciência, da filosofia, da arte e, portanto, do pensamento ocidental, como um forte argumento para iniciar ou alavancar problemas, suscitar interpretações e propiciar fabulações, narrativas e estruturas discursivas, reais e/ou ficcionais, sobre determinadas questões que, necessariamente, diriam respeito ao ser humano. (SALGADO, 2005, p. 28).

Salgado apresenta os movimentos percorridos pelo leitor, da Modernidade à Contemporaneidade, mas o ponto que interessa para este estudo, além da visão de representação, é o leitor no mundo tecnológico, momento em que se apresenta um novo tipo de leitor, e suas interações e os efeitos dessa de sua recepção. Assim, define esse novo leitor como um agente comunicacional.

Assim, com base em Salgado (2005), pode-se afirmar que o leitor interage com múltiplos e diversos paradigmas, e assim como diferentes modelos de interpretação.

A teoria social interacionista procurou estabelecer uma “leitura” da sociedade, articulando as noções de interação e de representação, demonstrando o quanto eles são capazes de metamorfosear a constituição identitária, ou até a sua formação. Por outro lado, com o advento e a expansão das novas tecnologias, aliados ao marketing de segmentação, capaz de gerar mais interatividade de uma forma, porém mais individualidade de outra. (SALGADO, 2005, p. 133-134).

Ainda segundo Salgado (2005), quando o leitor modifica as representações suscitadas por um texto, está confirmando o caráter contingente e situacional desse

conjunto de aspectos e características inerentes aos temas e suas projeções sociais.

O estudo mostra como ocorrem as principais alterações de código linguístico na produção de material informativo, com a finalidade de trabalhar elementos ligados às relações ideológicas que interferem no interesse do leitor pelo conteúdo.

A análise é desenvolvida a partir de informações veiculadas por portais de informação que aproveitam a estrutura na Internet e o número de seguidores em redes sociais para disseminação de conteúdo de cunho político-ideológico.

Para compreender se houve alteração em códigos linguísticos na formulação de enunciados é preciso compreender como se processa a linguagem jornalística, o que se dá com a ajuda de manuais de reação e estilo. Entretanto, na formação de discursos que refletem interesses políticos e ou ideológicos, as alterações ocorrem de forma a reafirmar elementos constitutivos de identidades que se cultivam em ambientes virtuais.

Faz necessário ainda discutir a legitimação de acordos e condutas sociais como representação simbólica de experiências humanas manifestadas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social para, num segundo momento, entender as motivações e o comportamento do leitor em rede, agora atuando não somente como receptor a informação, mas também como (re) transmissor.

Para aprofundamento da discussão teórica sobre as relações do leitor com o conteúdo reproduzido em redes sociais, faz-se necessária a seguinte divisão em capítulos, sendo no primeiro “As redes sociais como espaço de subjetivação”; o segundo “O Leitor e os discursos em rede”; e o terceiro, “Linguagem jornalística e manipulação de informações, além da análise específica.

A compreensão sobre os estudos das novas plataformas que servem como espaço de subjetivação passa pelo entendimento de que as redes sociais se tornam o principal espaço de subjetivação pelas ferramentas que apresenta com a finalidade de interação. Conhecer o processo de formação de discursos em ambiente virtual é o ponto de partida para entender os movimentos do leitor em um de seus principais espaços de subjetivação da contemporaneidade, que é a Internet, especificamente através de interações em redes sociais, mesmo em meio a um processo de saturação comunicacional, tendo por fundamento estudo de Tasso e Navarro (2012).

A subestimação do leitor parte de uma noção de imparcialidade plena. Como se trata de um material que necessita de leitura e necessariamente de respostas cognitivas do leitor, os elementos constitutivos do enunciado passam a ser importantes na definição da mensagem que deve chegar ao receptor.

A manipulação do código (ECO, 2012) ocorre de forma livre da convencional, onde são trabalhados elementos discursivos no título do enunciado. Ao quebrar a imparcialidade, antecipa-se ao julgamento que cabe ao leitor, após a leitura, sobre fatos sociais que afetam as relações dos sujeitos, atores sociais e/ou usuários.

Dessa forma, as mensagens constituem aspecto de análise a partir da manipulação que ocorre na formulação do enunciado, cabendo ao leitor a decisão de ler a informação superficialmente, ou seja, apenas com as informações básicas presentes nas chamadas que incorporam o título, um resumo e uma ou mais imagens, ou seja, a leitura de compreensão fica condicionada aos elementos contidos no enunciado.

Os suportes de comunicação propiciados pela Internet viabilizam uma interação concreta e, muitas vezes, simultânea entre os dois extremos da interação, ou seja, com a necessidade de interagir diante das relações que lhe são apresentadas, o leitor pode responder a enunciados, por exemplo, no campo da política.

Já com relação aos níveis da língua, a principal questão colocada é como o leitor define o domínio da sua comunicação diante dos temas que interessam a um grande número de leitores nas redes sociais apresentados em forma de matéria jornalística.

Segundo Jouve (2002), a produção de formas simbólicas de representação da realidade concreta é articulada a outros enunciados que dialogam nos meios de comunicação, operando como dispositivos pelos quais passam representações e diretrizes que orientam a criação simbólica da identidade.

O leitor desempenha um papel ativo na interação com os textos e com os discursos implícitos, ficando responsável pela análise da arquitetura interna do texto, que dependerá de seu conhecimento de mundo, e do pacto que se estabelece (ECO, 2012), de seu conhecimento linguístico e de sua atitude responsiva diante do texto.

Como se tratam de textos narrativos, o pacto ficcional ajuda a compreender as representações formadas a partir do entendimento do que é real (padrão) e o que é ficcional (resultado de manipulação, a desinformação).

As redes sociais contribuem para um formato de jornalismo focado na interação e, se utilizadas com planejamento e seriedade, podem ser uma importante estratégia para que os veículos fiquem mais próximos da audiência e fidelizem o seu público.

Quem souber utilizar sua audiência como produtora de conteúdo está indo ao encontro de uma nova relação com seu público. Hoje, a interação deixa de ser apenas uma estratégia mercadológica e passa a contribuir com a evolução do veículo de mídia, nesse período de transição que o jornalismo passa, em que tem que se posicionar frente aos concorrentes para não ser mais um a entrar em extinção (MARCONDES FILHO, 2000, p. 35).

Como o espaço virtual propicia a pluralidade na rede, a reprodução é utilizada para reforçar padrões com a finalidade de gerar um pensamento único. O resultado do processo, portanto, não aponta para a pluralidade, pois gera parcialidade e quebra dos padrões que devem ser preservados no processo.

Tendo a informação como pano de fundo, a utilização da comunicação social para a construção ou reconstrução social da realidade política estabelece-se através das relações dos sujeitos, tornando-se difícil uma avaliação precisa dos efeitos que provoca e as transformações políticas e sociais dentro e fora do ambiente virtual.

O posicionamento dos interlocutores constitui-se a partir do valor que o outro atribui a essa construção e possibilita reflexões de como se dá a formação dos discursos e da opinião em ambiente de subjetivação, ou seja, a forma como as vozes se organizam para dar sentido aos conflitos estabelecidos.

Estabelece-se assim relação dialógica a partir da apropriação da opinião pública, para que então seja concretizada a manipulação, num processo de reassentamento do juízo de valor do outro, não enquanto indivíduo, mas para anular os discursos que constituem suas ações comunicativas em rede.

O jornalismo preenche cada vez mais essa necessidade do homem contemporâneo em adquirir informação por meio de convenções acerca do que é real. O perigo é que disfarçado sob a bandeira do imparcial, o real é muitas vezes o discurso oficial; expressa o interesse de determinados grupos no jogo do capital; ou faz propaganda de ideologias (LOPES, 2012, p. 23).

Cavalcanti e Rocha Neto (2014) registram que o crescimento e a popularização da Internet, aliados às tecnologias e desenvolvimento dos meios digitais, contribuíram para uma mudança no modo de fazer jornalismo no mundo. O leitor agora deve compreender como é o formato da notícia tradicional para perceber se houve alteração no código e quando se trata de uma produção de um gênero supostamente jornalístico.

A informação ocupa, de fato, uma posição de destaque na reconstrução de valores sociais e os elementos associados a ela esclarecem, modificam ou complementam a visão do leitor. E mesmo que os princípios do jornalismo não mudem, a criação de novas ferramentas, aparelhos e a exigência do público alteram a rotina de produção rapidamente.

Não se pode falar necessariamente em processo de radicalização da notícia em favor de posições extremas, mas de incorporação de elementos que alteram a ordem do discurso no texto informativo. As intenções do autor, portanto, podem ficar claras no processo de desconstrução do padrão e também de expectativas em relação ao leitor, que poderá identificar-se com o conteúdo do material apresentado ou rejeitá-lo.

A informação precisa passar a ter relevância, assim como a responsabilidade do produtor e do difusor, criando-se assim o editor de conteúdo, que se baseia nas críticas da sua comunidade para dizer o que é falso ou não, contando para isso com ferramentas desenvolvidas pelo próprio *Facebook* e pelo *Google*.

Referências

CAVALCANTI, Maria Tavares Varela; ROCHA NETO, Manoel Pereira da. **O uso das redes sociais na prática do jornalismo colaborativo**. Revista Quipus, Ano III, nº 2, jun./nov.2014.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002. Trad. Brigitte Hervot.

LOPES, Paula Cristina. **Jornalismo e linguagem jornalística**: revisão conceptual de base bibliográfica. Universidade Autónoma de Lisboa. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 13 jul 2017.



MARCONDES FILHO, C. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SALGADO, Gilberto. **Fabulação e fantasia**. Juiz de Fora. Editora da UFJF, 2006.

TASSO, I.; NAVARRO, P. (orgs). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas [online]**. Maringá: Eduem, 2012. 304 p.

O HORROR CÓSMICO DE LOVECRAFT E O EFEITO NO LEITOR

Rhuan Felipe Scomação da Silva

Orientação: Evanir Pavloski

Lovecraft ganhou notoriedade com as *Pulp Magazines*, revistas que buscavam um público “urbanizado, dinâmico, interessado em ciência e tecnologia” (CAUSO, 2014), e que discutiam as ansiedades modernas do período. A investida de suas obras esteve sempre ligada às problematizações da modernidade e a forma com que a realidade foi sendo ressignificada nas décadas seguintes.

Hoje, mais do que uma obra que utiliza o fantástico para dialogar com seu leitor e romper horizontes de expectativa, a obra lovecraftiana se mantém como opção para aqueles que buscam o horror de uma forma menos visual e mais focada em medos imateriais e desconhecidos. A partir dessa percepção, é comum identificar grupos de leitores que encontram na diegese da obra fantástica um espaço capaz de representar seus medos e suas percepções do mundo moderno.

É na extrapolação da ciência que a obra lovecraftiana afeta o imaginário do leitor e por meio dela transcende a sua época. Jorge Luis Borges, em seu livro sobre a literatura norte americana (1997), aponta Lovecraft como um copião do estilo de Edgar Allan Poe, mas não de forma pejorativa. Sua percepção da obra lovecraftiana na modernidade é tão vigorosa que acabou rendendo um conto dentro da coletânea “*O Livro de Areia*”, chamado “*There are More Things*”, no qual o escritor argentino cria uma atmosfera muito próxima da escrita lovecraftiana, apresentando para um novo leitor o horror do início do século XX.

Oscar Nestarez (2012), quando constrói um diálogo entre as narrativas de Edgar A. Poe e Howard P. Lovecraft, não apresenta este como um simples imitador, mas como um escritor influenciado pelas temáticas do escritor de “O Corvo”.

Nestarez aponta que é no reino dos “mistérios apavorantes de tempo e espaço, perdido nas profundas ravinas da razão, que Poe e Lovecraft se encontram” (NESTAREZ, 2012, p. 130). Stephen King, em sua obra sobre as influências que o levaram a escrever, intitulado “Dança Macabra” (2007), apresenta Lovecraft como um dos maiores influenciadores modernos da literatura fantástica.

[...] o conceito de mal superior é mais amplo, mais pavoroso. Lovecraft compreendeu isso, e é o que faz suas histórias de maldade suprema, ciclopiana funcionarem tão bem, quando são boas. [...] A melhor delas nos leva a sentir a enormidade do universo no qual vivemos, e sugere a existência de forças sombrias que poderiam nos destruir a todos com um simples ronco durante o sono. Afinal de contas, o que é o ridículo medo interior da Bomba H, quando comparado ao Nyarlathotep, o Caos Rastejante ou a Yog-Sothoth, o Bode com Mil Filhotes? (King, 2007, p.61).

Mas, e o leitor de hoje, das primeiras duas décadas do século 21, que não tem interesse direto no exercício de escrita como Borges e King, aquele que apenas se permite sentir medo e entrar em um universo ficcional capaz de dialogar com ele sobre seus dogmas e crenças. Esse leitor tem em Lovecraft uma forma de compreender e reavaliar o mundo, ou para ele a obra fantástica e o cósmico não passam de ficção desprovida de crítica?

A tentativa de responder essa pergunta incita algumas reflexões, que vão desde a inserção desse gênero literário nos ambientes acadêmicos do início do século 20 até a massificação de sua obra, graças ao avanço das mídias e do acesso do público a diferentes fontes. Para se pensar nessa influência do cósmico no leitor contemporâneo, é preciso trazer alguns conceitos que vão auxiliar na percepção da ampliação do acesso e do efeito dessa estética no público.

Na conhecida série “Cosmos” de Carl Sagan, e na versão atualizada e apresentada pelo astrofísico Neil de Grasse Tyson, somos apresentados ao universo como um pequeno ponto azul, praticamente invisível conforme nossa visão é afastada em direção ao infinito cósmico do universo. A fragilidade de um planeta inteiro, povoado e evoluído como a terra, é demonstrado a partir de uma obliteração em relação ao todo que constitui o universo, uma forma de olhar para nós como se fôssemos um ponto invisível em um espaço imensurável.

O conjunto de obras lovecraftianas compartilha do conhecimento científico para a construção da verossimilhança, de acordo com a posição que Lovecraft manteve durante a sua vida. A crença científica e a sua extrapolação estiveram

sempre presentes em suas obras, mecanizadas em conjuntos narrativos que, continuamente, dialogavam com o leitor sobre o lugar e a ação do homem nesse infinito externo que invade a realidade das personagens de sua narrativa. Com esse pensamento, o cósmico lovecraftiano nunca se tornou obsoleto em relação ao leitor, basta pensarmos na influência que a estética deixou para o cinema, teatro e para a literatura, com um número considerável de adaptações, homenagens e formas de atualizar o termo para um público moderno.

A popularização que o alcance de sua obra conseguiu, principalmente graças a seus amigos e as coletâneas publicadas após a sua morte, fez com que o fantástico e o cósmico lovecraftiano fossem conhecidos pelos mais variados grupos de leitores. Isso possibilitou múltiplas leituras de sua obra e fez com que a fortuna crítica de sua obra fosse enriquecida pelo olhar de diferentes estudiosos, desde análises estruturalistas até as ressignificações pensadas pela ótica da modernidade, a partir de Zygmunt Bauman, Jean Baudrillard, Roger Chartier e outros.

Logo, temos na narrativa lovecraftiana um exercício contínuo de ressignificação do mundo e de reavaliação das verdades pelo leitor modelo.

A partir desse pensamento, podemos imaginar: *As descobertas científicas ampliam as possibilidades de ficcionalização do real na literatura?* Esta pergunta circunda grande parte das discussões sobre a recepção da literatura fantástica pelos leitores.

O teórico espanhol David Roas, em sua obra *A ameaça do fantástico* (2013), uma das referências fundamentais deste trabalho, afirma que, após a descoberta da física quântica, a percepção sobre o mundo no início da produção ostensiva de obras fantásticas era regida pelas certezas da teoria de Newton, mas hoje, convivendo com as reverberações dos conceitos modernos, perde-se as certezas das teorias da física para entrar em um universo misterioso e surpreendente. “A mecânica quântica [...] revelou a natureza paradoxal da realidade: abandonamos o mundo newtoniano das certezas e nos encontramos em um mundo onde a probabilidade e o aleatório têm um papel fundamental” (ROAS, 2014, p. 78). Diante disso, a própria ciência destaca a imprevisibilidade do futuro e a fragilidade com que termos empíricos podem ser rompidos a qualquer momento pelas descobertas científicas. O universo empírico assume características fantásticas.

Logo, a obra lovecraftiana, tida inicialmente pelo próprio Lovecraft como “uma suspensão ou derrogação particular das imutáveis leis da Natureza, que são a única defesa contra as agressões do caos e dos demônios do espaço insondado” (LOVECRAFT, 1987, p. 5), recebe novas formas de associação conforme a realidade confrontada por novas possibilidades e pelas multivisões do real moderno.

Roas explica que é a partir dessa mudança de percepção que “se desenvolve outra das revoluções conceituais da física quântica: a perda da existência de uma única realidade objetiva em favor de várias realidades que coexistem simultaneamente, ou “multiverso” (ROAS, 2014, p. 79). As percepções dessas múltiplas realidades, que facilmente podemos encontrar na obra de Lovecraft, se aproximam do conceito que Roas expõe da obra fantástica na modernidade, ao destacar que não é mais (se é que um dia foi) na hesitação e na incerteza da realidade que o fantástico dialoga com o leitor, mas sim, na “inexplicabilidade do fenômeno”.

A partir dessas colocações, é possível perceber a obra lovecraftiana como um paradoxo entre o antimodernismo perceptível na biografia do escritor e o seu profundo interesse na ciência, o que culmina no afastamento do leitor modelo de sua zona de conforto pelo próprio paradoxo que se apresenta durante a relação dialógica.

O pensamento que me levou a trabalhar a ficção fantástica partiu de dois polos de interação da narrativa com o leitor. A primeira delas foi a problematização da realidade pelo leitor implícito, a partir da recepção da obra, e num segundo momento, a forma que o horror cósmico é trabalhado pelo autor modelo em busca do pacto ficcional do leitor.

A narrativa lovecraftiana pode ser vista como uma zona de insegurança do leitor em relação a realidade a partir do horror cósmico, o que me levou a refletir que a obra fantástica, ao influenciar o imaginário, é capaz de provocar uma alteração consistente na percepção da realidade, ao menos no grupo de leitores previstos pelos textos. A segunda forma de observar essa relação de imanência da obra no universo do leitor implícito aparece na forma de representação do horror cósmico por esse leitor, o qual, auxiliado pelo autor modelo, realiza um processo

de ressignificação de verdades, ajudando a construir uma percepção, uma cognição e uma fabulação do real a partir da narrativa fantástica.

Com o objetivo de discutir e aprofundar tais questões, o trabalho, inicialmente, apresenta o escritor Howard Phillips Lovecraft, sua biografia, temas, influências e referências. Este primeiro capítulo abrange uma revisão bibliográfica mais extensa, expondo as perspectivas temáticas e estéticas do autor e a recepção de suas obras pela academia e pela crítica. Já nos dois capítulos seguintes, discute-se a recepção crítica da narrativa a partir de diferentes fontes, inclusive as visões do próprio escritor, o que contribui para o reconhecimento das diferentes formas de abordagem que suas narrativas receberam durante o último século.

Logo em seguida, são apresentados alguns conceitos sobre a literatura fantástica, além do aporte teórico central do trabalho, com David Roas e seu texto “A ameaça do fantástico” (2014).

Nos capítulos seguintes, iniciamos as análises de três contos do autor, nos quais destacamos o horror cósmico e o seu efeito sobre o leitor modelo.

Para que essa provocação ao leitor tenha corpo discursivo, cada conto é abordado por três diferentes perspectivas. A primeira recorre às possíveis conexões, percepções e concatenações do real com a obra ficcional pelo leitor. Neste tópico se destaca a relação dos mecanismos narrativos e o fortalecimento dos temas do fantástico durante a relação dialógica com o leitor. A segunda abordagem parte das concatenações entre eventos, objetos e pessoas do universo empírico com do universo ficcional.

A última forma de abordagem analisa especificamente o fantástico como desestabilização do real, segundo a perspectiva teórica de Roas. Para tanto, conceitos como horizonte de expectativa e repertório se tornam relevantes. Além disso, são levantados aspectos e características comportamentais dos narradores, os quais possibilitam construir um paralelismo com o leitor modelo e seu lugar na realidade empírica.

Diante dessas abordagens, o trabalho procura apresentar a influência da obra lovecraftiana no universo literário, além de refletir sobre a recepção e a influência do horror cósmico no leitor. Portanto, objetiva-se, com o auxílio dos diversos autores que formam o arcabouço teórico deste trabalho, analisar, a partir

dos processos de recepção, a influência da narrativa lovecraftiana na ressignificação do real nos leitores modelo.

Referências

CAUSO, Roberto de Sousa. Os Pulps Brasileiros e o Estatuto do Escritor de Ficção de Gênero no Brasil. In: **Alambique**: Revista académica de ciência ficción y fantasia / Jornal acadêmico de ficção científica e fantasía: v. 2. n. 1, 2014.

BORGES, Jorge Luis. **Introducción a la literatura norteamericana**. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

NESTAREZ, Oscar. **Poe e Lovecraft**: Um Ensaio Sobre o Medo na Literatura. São Paulo. Livrus Negócios Editoriais. 2012.

KING, Stephen. **Dança Macabra**: O fenômeno do horror no cinema, na literatura e na televisão dissecado pelo mestre do gênero. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

ROAS, David. **A Ameaça do Fantástico**: Aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo. Editora Unesp, 2014.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural na literatura**. Trad. João Guilherme Linke. Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro. 1987.

A INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIAIS NA LINGUAGEM DE ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE

Rodrigo Mazer Etto

Orientação: Valeska Gracioso Carlos

Constituindo-se na mais eficiente forma de interação entre as pessoas, a língua possibilita a construção de relações entre os indivíduos, e destes com a sociedade em que se encontram inseridos. É através do uso da língua que as pessoas revelam suas crenças, sua cultura e seus valores, por isso, para estudar uma língua é preciso considerar seu contexto sociocultural de utilização, porque sempre os falantes de línguas estão inseridos em suas comunidades de fala, o que denota que um estudo linguístico não pode ser feito isolando-se a língua do seu entorno social.

Paralelamente, é necessário considerar que as línguas, sejam elas quais forem, não são fixas ou imutáveis, pelo contrário, estão em constante processo de mudança, em decorrência de transformações na sociedade que a utiliza, ou seja, existe uma clara relação entre as transformações que uma língua sofre com as mudanças sociais e, portanto, com as mudanças na comunidade de seus falantes.

Nesse sentido, constituindo-se em um exemplo de variações linguísticas da Língua Portuguesa, o código linguístico utilizado por adolescentes em regime de internação não se constitui em uma linguagem independente, mas sim em uma variação da língua comum e seu uso permite que o falante entenda e seja entendido pelos integrantes do grupo o qual faz parte, possibilitando a criação de uma identidade linguística que diferencie seu grupo dos demais grupos sociais. Essas variações ocorrem no plano semântico-lexical da língua, e passam uma ideia de informalidade, pois são termos criados a partir da linguagem comum, mas com significados diferentes, com alteração do seu sentido original. Os membros desse

grupo de falantes expressam oposição aos valores tradicionais da sociedade através do uso dessas variações linguísticas, que se transforma em um jogo de adivinhação a quem não pertence ao grupo.

A decisão em estudar as variações linguísticas usadas por adolescentes privados de liberdade se deve principalmente a três fatores. Primeiramente, pelo fato dos adolescentes serem mais propensos à mudança que os adultos, pois a adolescência, fase que marca a transição entre a infância e a idade adulta, é caracterizada por transformações físicas, psicológicas e sociais.

O segundo fator refere-se o ambiente fechado de uma instituição socioeducativa, onde a privação de liberdade, o contato forçado e diário com pessoas diferentes, a segregação social e a permanente sensação de estar sendo vigiado, propiciam o surgimento de uma linguagem especial, codificada. E a terceira motivação relaciona-se ao fato deste pesquisador ter atuado profissionalmente como agente de segurança penitenciária durante 15 anos em uma unidade prisional paulista, destinada a presos primários, ou seja, aqueles indivíduos que foram condenados a penas privativas de liberdade pela primeira vez. Devido a esse critério de condenação primária, os detentos, em sua maioria tinham idade que variava dos 18 aos 25 anos de idade que, segundo a Organização Mundial de Saúde é definido como pós-adolescência ou juventude.

No contato diário com esses pós-adolescentes foi possível constatar a importância que eles davam ao uso de uma variação linguística peculiar, marcada pelo emprego de metáforas, e dessa experiência surgiu o projeto de estudar a linguagem de adolescentes infratores no contexto de um Centro de Socioeducação. Esse interesse também se deve ao fato de boa parte dos adultos condenados terem iniciado suas atividades ilícitas na adolescência, que segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), abrange os indivíduos com idade entre 12 e 18 anos incompletos, havendo, inclusive, muitos adultos condenados que já cumpriram medidas socioeducativas na fase da adolescência.

Outro fator de muita importância que também motivou o estudo com essa faixa etária é o crescente número de adolescentes cumprindo medidas privativas de liberdade nos últimos anos no país. De acordo com o Levantamento Anual do SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Brasil, 2015), referentes a 2014, dentro de um total de 201.032.714 brasileiros, a população total

adolescente correspondia a 26.154.356 pessoas, sendo que destas, 23.066 adolescentes se encontravam cumprindo medidas privativas de liberdade. Os dados do Cadastro Nacional de Adolescentes em Conflito referentes a 2015 (Brasil, 2016) indicaram o dobro de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas no Brasil, em comparação aos 96 mil registrados em 2014. Dos 189 mil adolescentes cumprindo medidas socioeducativas, 58.079 adolescentes cumprem medidas privativas e restritivas de liberdade. O documento mostra que em 2015 havia 225 mil medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes infratores – neste caso o número também é maior que o de adolescentes, pois um juiz pode aplicar mais de uma medida ao mesmo tempo. Dos 189 mil adolescentes no cadastro, 174 mil (mais de 90%) são do sexo masculino e a maioria tem 17 ou 18 anos.

Portanto, fica clara a importância dessa fase de desenvolvimento na construção de valores, ideias e comportamentos que irão influenciar o processo de formação do indivíduo, pois segundo Erickson (1994) e Salles (2005) a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano na qual o indivíduo encontra-se vulnerável às influências do meio, por sofrer significativas modificações físicas, psíquicas e emocionais, sendo que nessa etapa, muitos valores são contestados, repensados e modificados de acordo com o ambiente em que vivem.

Tendo como sustentação teórico-metodológica a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV; HERZOG, [1968] 2006), também conhecida como Teoria da Variação, cujo princípio básico é a relação entre língua e sociedade, e o principal objetivo é o estudo das regras variáveis, esse trabalho busca compreender a sistematicidade da variação linguística praticada por adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade, na tentativa de identificar o peso de fatores extralinguísticos como convívio coletivo, escolaridade e tempo de internação do falante, no uso de uma variação linguística que se caracteriza pela presença de itens lexicais com sentido metafórico. Para melhor aplicação da Teoria da Variação recorreremos a alguns apontamentos de Mollica (2004) e Bagno (2007).

Segundo Mollica, a Teoria da Variação instrumentaliza a análise sociolinguística, porque “esta linha é adotada em função de ser considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso numa perspectiva sociolinguística” (MOLLICA, 2004, p. 11).

Foi utilizada a modalidade de coleta sistemática de itens lexicais, através da aplicação de entrevistas narrativas semiestruturadas a oito adolescentes internos previamente selecionados do Centro de Socioeducação de Ponta Grossa, e do registro, posterior transcrição e análise semântico-lexical dessas entrevistas. Essa abordagem teórico-metodológica possibilitou a identificação, para posterior análise, de itens semântico-lexicais próprios da linguagem praticada por adolescentes em regime de internação, pois, através dessa perspectiva sociolinguística, é possível “que a gente conheça o estado atual, real da língua, como ela é de fato usada pelos falantes, por meio da frequência de uso da variante X e da variante Y”. (BAGNO, 2007, p. 51).

Entendendo que as variações linguísticas se configuram como variação sociocultural, Labov (2008, p. 313) comprovou em seus estudos, que as variações social e estilística pressupõem a opção de dizer a mesma coisa de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.

Sendo de natureza qualitativa, a presente pesquisa seguiu as teorias de Flick (2013) e de Bogdan e Biken (1994), devido a esse método possibilitar a obtenção de dados descritivos através de uma maior proximidade entre o pesquisador e o fenômeno analisado, enfatizando o processo de interação. A vantagem da abordagem qualitativa é que a análise detalhada e exata de alguns casos pode ser produzida, e os participantes têm muito mais liberdade para determinar o que é importante para eles e para apresentá-los em seus contextos (FLICK, 2013, p. 23), sendo que esse método coloca o pesquisador como principal instrumento, e utiliza, como fonte direta de dados, o próprio ambiente natural em que tal linguagem é praticada.

Também foi adotada neste trabalho a perspectiva etnográfica (ERICKSON, 1988) baseada na observação, descrição e análise de fatores socioculturais, em relação aos fenômenos linguísticos, pois a etnografia permite estudar descritivamente aspectos socioculturais de uma comunidade de falantes. Tal perspectiva exigiu do pesquisador uma observação participativa para descrever e analisar os diversos aspectos da vida do grupo em estudo, objetivando uma visão geral do contexto pesquisado. Para o cumprimento do caráter qualitativo e etnográfico desta pesquisa, foram utilizados alguns recursos metodológicos e

tecnológicos para a geração de dados. Os primeiros constituíram-se na observação, realização de registros escritos, entrevistas e gravações. Os segundos caracterizaram-se pelos instrumentos que foram utilizados, como o gravador, blocos de papel, ficha do informante e caneta.

Apesar de termos iniciado o processo de coleta de dados no mês de março do presente ano, com o envio de um ofício ao Juizado da Vara da Infância e Adolescência de Ponta Grossa solicitando autorização judicial para a realização das entrevistas com os menores, só obtivemos o parecer favorável da juíza responsável no final do mês de julho. Assim, com a autorização da juíza da Vara da Infância e da Adolescência, nos deslocamos até o Centro de Socioeducação de Ponta Grossa para conversar com a diretoria da instituição, visando obter também sua autorização para a execução da pesquisa, encontro que só foi possível de ser realizado no início do mês de agosto devido aos compromissos da diretoria do Centro de Socioeducação.

O projeto original previa entrevistarmos oito adolescentes no total, sendo quatro meninas e quatro meninos. Desses oito adolescentes, quatro estariam entre a faixa etária dos 12 aos 14 anos e quatro estariam entre a faixa etária dos 15 aos 17 anos; quatro teriam menos de dois anos de internação e a quatro teriam mais de dois anos de internação. Mas, devido à unidade conter somente 4 meninas de um total de 80 adolescentes, substituímos a variável sexo pela variável nível de escolaridade, pois os adolescentes internos apresentam grande defasagem escolar, fato que foi confirmado nas entrevistas. Dessa forma, classificamos os futuros entrevistados em dois grupos: os que cursaram até o sexto ano do Ensino Fundamental, e os que cursaram mais que o sétimo ano. Também adequamos o tempo de internação de acordo com a realidade encontrada e classificamos os futuros entrevistados em dois grupos: os com menos de 1 ano de internação e os com mais de 1 ano de internação.

Fomos informados que dentre as oito casas destinadas aos adolescentes internos, em quatro era permitido o convívio entre seus moradores – casas de internação, e nas outras quatro, as chamadas casas provisórias, tal convívio não era permitido entre os internos nela alojados. Considerando que a quase totalidade dos internos do CENSE tem entre 17 e 18 anos, decidimos entrevistar um adolescente de cada casa, no intuito de verificarmos se há diferença nos usos

linguísticos decorrentes do convívio ou não convívio entre adolescentes de uma mesma casa. Então substituímos a variável faixa etária pela variável convívio/não convívio. Após a seleção prévia dos 8 informantes, realizamos as entrevistas na segunda quinzena do mês de agosto.

As próximas etapas se referem à descrição dos processos de construção linguística segundo a teoria da Semântica Lexical (LAKOFF & JOHNSON, 2002), e a posterior constatação ou ausência dos itens lexicais coletados em um dicionário de Língua Portuguesa (HOLANDA, 2014). A consulta ao dicionário permitirá classificarmos o léxico coletado em duas categorias: os já dicionarizados e os não dicionarizados.

Referências

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Posto Editora, 1994.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH). **Levantamento Anual SINASE 2013**. Brasília: 2015.

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Justiça. **Cadastro Nacional de Adolescentes em Conflito**. Brasília, 2016.

ERICKSON, F. Ethnographic description. In: ULRICH, Ammon; NORBERT, Dittmar; KLAUS, J. Matthei (orgs.). **International Handbook of the Science of Language and Society**. Vol. 2. Berlin, New York, Walter de Gruyter. p. 1081-1095. 1988.

ERIKSON, E. H. **Identity: Youth and crisis**. Nova Iorque: Norton & Company, 1994.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **As metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Parábola, [1968] 2006.

IMAGENS E MEMÓRIAS NA CRQ-SERRA DO APON: FORMAS DE NARRAR A VIDA

Suzimara Ferreira de Souza
Orientação: Ione da Silva Jovino

A presente pesquisa intenta compreender como se configura a memória de uma comunidade remanescente de quilombo situada na região do Socavão (Castro/PR), conhecida como Serra do Apon, a partir do olhar e dos discursos dos sujeitos desta comunidade.

A análise e a reflexão das formas de narrar a vida; consideradas por nós tanto as narrativas orais como as visuais; produzidas e compartilhadas pelos próprios sujeitos pertencentes à CRQ - Serra do Apon. No âmbito de pesquisa esse processo provoca o pesquisador a deslocar seu olhar a fim de ver na perspectiva do outro uma determinada realidade.

De acordo com Cunha (2008), Sardelich (2006) e Manguel (2001) as situações vividas pelos seres humanos são armazenadas em nossas mentes e tal quais as imagens produzem narrativas, consideradas textos. De acordo com a definição de Marcuschi (2008) um evento comunicativo pode ser considerado um texto se apresenta-se como;

um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re) construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo (MARCUSCHI, 2008, p.72)

Sendo assim as narrativas imagéticas, na condição de textos, também atua na formação humana, tal quais os textos verbais e constituem eventos comunicativos. Porque há convergência de ações linguísticas, cognitivas e sociais, assim, transmitindo mensagens para os interlocutores.

Paul Ricoeur (1990) nos afirma que “toda história é narrativa” e a partir da leitura das imagens e da análise do conteúdo das narrativas acreditamos ser possível compreender o processo de formação social, política, econômica e cultural de determinada comunidade. Considerando também que toda imagem conta uma história, como nos afirma Peter Burke (2004), pelas narrativas de memória torna-se possível intercambiar o diálogo entre experiência e consciência.

A comunidade de remanescentes de quilombo na região da Serra do Apon consistiu em um refúgio quilombola para indivíduos ausentes de discurso e memória oficial à época.

Esta comunidade localiza-se a 55 quilômetros da sede do município de Castro. Os ancestrais dos que hoje habitam a Serra do Apon; foram os escravizados da fazenda Capão Alto; município de Castro que foi palco da última revolta escrava do Paraná quando a fazenda foi vendida pelos padres Carmelitas que eram os seus proprietários, mas que a haviam abandonado um século antes. Os escravizados que ali permaneceram livres de todo àquele século de abandono, auto-organizados como agricultores e criadores de gado que trabalhavam para o seu próprio sustento e como servos de Nossa Senhora, resistiram aos novos senhores de forma violenta. À época foi necessário se obter reforços militares em Ponta Grossa e em Curitiba para conter tal resistência. Contudo foram derrotados e os que puderam fugiram para o Socavão, divididos estrategicamente em dois grupos: os Acróbios foram para a Serra do Apon, em Faxinal de São João e na Porteira e os Mamãs foram para a região que atualmente tem este nome, no Ribeirão e no Imbuial. A comunidade continua mantendo contato com os demais quilombos do município e tem como referência geográfica a Serra do Apon e o rio Ribeirão.

Há algum tempo, certo incômodo intelectual, motiva a realização de pesquisas sobre algumas experiências da escravidão negra no Paraná. Nesse sentido inúmeras pesquisas vêm ao encontro às possibilidades de conexão entre fragmentos tais como imagem, narrativas, palavras, tempo e memória. Como existem inúmeros conceitos acerca de memória e muitas possibilidades de perceber o tempo, que, por sua vez são registrados em múltiplas narrativas deparamo-nos com inúmeros trabalhos que discutem diferentes perspectivas em torno dos temas. Entretanto a associação entre narrativas, imagens, história oral,

identidades e memórias na perspectiva dos próprios integrantes da comunidade que propomos estudar são interpretadas como formas de narrar a vida e nesse sentido nosso trabalho demonstra a importância de dar voz ao outro. Além disso, acreditamos que o material produzido nos possibilitará compreender a constituição de memória dos mesmos bem como seu contexto.

A ideia de analisar as imagens produzidas pelos sujeitos pertencentes à CRQ- Serra do Apon a partir de suas produções orais e visuais surgiu do incômodo frente à riqueza de seus relatos e uma certa escassez de registros dos mesmos

Conversas, primeiramente, informais que apresentaram elementos da história antropológica e sociocultural desse local e em um, segundo momento, a observável escassez de materiais que registrem esses relatos.

Encontrar uma metodologia, trilhar um caminho metodológico, significou na construção desse trabalho mais que selecionar formas adequadas de analisarmos e nos aproximarmos do “objeto” investigado. Pensamos como Gabassa (2009, p.79) ao nos afirmar que “não escolhemos apenas uma maneira de fazer pesquisa, mas também de estar no mundo, de compreendê-lo, construí-lo e reconstruí-lo com quem vive a dimensão da realidade por nós estudada”.

Seguimos a construção da pesquisa nas orientações básicas estabelecidas em relação à ética de pesquisa que envolve pessoas. Utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE): assinatura dos sujeitos que narraram suas histórias e disponibilizaram suas imagens para análise e problematizações desse estudo. Submetido e analisado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (COEP) da Universidade Estadual de Ponta Grossa sendo aprovado pelo Parecer Consubstanciado do Comitê COEP em 29/10/2016.

Nossas problematizações foram elaboradas de formas diferentes durante os contatos e encontros com a comunidade pesquisada, mudou-se o olhar, transformou-se a percepção das subjetividades implicando na busca da melhor forma de analisar o material que os sujeitos participantes da pesquisa nos apresentaram. Sendo assim, a pesquisa etnográfica participativa com abordagem qualitativa atendeu a necessidade de considerar o contexto cultural dos sujeitos pertencentes à comunidade bem como nos permitiu nos familiarizarmos com o contexto em que viviam e agenciarmos com os mesmos a cada encontro e a cada narrativa registrada (TELLES, 2001).

Utilizamos técnicas normalmente aplicadas em pesquisas etnográficas tais como: a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de alguns documentos coletados a partir do olhar da pesquisadora em relação aos contextos nos quais esteve presente. Propomos um plano de pesquisa aberto e flexível que se encaixou na pesquisa etnográfica por possibilitar a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações e teorias.

De acordo com os pesquisadores Silveira e Córdova (2009), o cientista ao mesmo tempo é sujeito e objeto de suas pesquisas, isto é, a pesquisa se desenvolve com caráter imprevisível, pois o conhecimento do pesquisador é limitado e alguns casos e circunstâncias insuficiente para a interpretação. Naturalmente como cientista o pesquisador recorre a outros aportes teóricos e técnicas para interpretar, compreender e entender os dados e as situações apresentadas. Mencionamos isso para que possamos ter ideia da complexidade de trabalhar com o humano entre seus fragmentos e dimensões.

O fato de ser pessoa coloca o pesquisador numa posição bem diferente de outros instrumentos, nos esclarece André (1995). Uma vez que esse instrumento humano permite uma resposta ativa às circunstâncias que o cerca adaptando as técnicas de coleta e realizando constante revisão nas problematizações de pesquisa isso permite constantes deslocamentos e manifestações dos sujeitos dentro do espaço da pesquisa. A revisão da metodologia na pesquisa acontece concomitante ao seu desenvolvimento possibilitando alteração dos rumos nos caminhos de pesquisa com flexibilidade.

Em nosso trabalho os olhares dos sujeitos envolvidos na pesquisa contribuíram para a escolha dos caminhos que percorremos, ou seja, influenciaram no processo. Outra característica da pesquisa etnográfica focar naquilo que esta acontecendo e não no resultado final ou nos produtos que o processo possa gerar. Isso suscita questionamentos que são feitos no decorrer da pesquisa tais como: o que caracteriza esse fenômeno? O que esta acontecendo nesse momento? E como tem evoluído? (ANDRÉ, 1995).

Nesse sentido influenciamos e fomos influenciados quanto aos caminhos percorridos e os fragmentos escolhidos para a construção da presente pesquisa. Seguindo nosso objetivo principal de compreender como esta construída a memória da CRQ-Serra do Apon a partir das narrativas orais e visuais produzidas por esses

sujeitos percebemos e repensamos muitas de nossas problematizações iniciais durante o processo e contato com a comunidade.

A princípio, por despreparo quanto à prática de pesquisa e a idealização em relação ao comportamento dos sujeitos pesquisados, esperava uma determinada produção de narrativa que foi desconstruída pela observação participativa e principalmente pelas narrativas coletadas. Outro aspecto que levantamos em relação à pesquisa etnográfica, trata da preocupação com o significado, com a maneira própria com a qual os sujeitos se percebem, veem a si mesmos, vivem e interagem com seu entorno. Diante disso o pesquisador precisa registrar a forma singular como os pesquisados manifestam suas percepções e concepções de mundo, apreendendo e retratando o olhar dos pesquisados envolvidos na pesquisa.

Pautamos nossa pesquisa em autores como: Alberto Manguel (2001); Kabengele Munanga (1994); Maria Emília Sardelich (2006); Paul Ricoeur (1990); Peter Burke (2004); Stuart Hall (2006) a fim de entender a relação existente entre narrativas, imagens, história oral, identidades e memórias. Inicialmente elaboramos a revisão de literatura teórica e reflexiva (MOROZ e GIANFALDONI, 2002), os quais afirmam que um levantamento bibliográfico traz a possibilidade de organizações das informações necessárias para uma pesquisa futura. E, em uma revisão bibliográfica, tais quais as autoras sugerem, podemos observar a relevância da problemática ao pesquisador e ao leitor, como também levantar algumas possibilidades a serem investigadas dentro da pesquisa. Moroz e Gianfaldoni (2002) justificam ainda que, por meio de uma reflexão teórica, o pesquisador tem posteriormente respaldo para realizar o seu trabalho de forma pertinente além de possibilitar que o trabalho seja visto com mais credibilidade e veracidade.

Existe uma complexidade em escolher, adequar, optar por determinada metodologia que norteie uma determinada pesquisa. Planejar em pensamento, imaginar, não requer metodologia sistematizada logo parece mais fácil. Contudo, como embasar teoricamente subjetividades tão complexas como a intenção de traduzir as imagens produzidas por outros distantes, em certa medida, de minha realidade. Como estruturar academicamente a compreensão e a relação dialógica com o outro.

Diante essas reflexões e com o auxílio de leituras direcionadas chegamos à Metodologia Comunicativo-Crítica (MCC) pautada nos pensamentos de Jürgen

Habermans (1987) acerca da Ação Comunicativa e no conceito de Dialogicidade proposto por Paulo Freire (1994; 2005) metodologia essa que privilegia os sentidos atribuídos pelas pessoas que vivem os cotidianos e a experiência existente no interior dessa vivência recusando as concepções clássicas de produções teóricas e metodológicas.

Sendo assim seguimos na utilização de técnicas da pesquisa do tipo etnográfica participativa e técnicas da Metodologia Comunicativa - Crítica (MCC) para análise e reflexão em torno dos dados levantados.

A aproximação com os sujeitos aqui pesquisados ocorreu, primeiramente, em contatos informais, visitas domiciliares, eventos organizados pela comunidade em respectivas datas comemorativas como o Dia Nacional de Celebração da Consciência Negra (18 de novembro), por exemplo. Assim como, em encontros pré-determinados com data e horário agendado de acordo com a disponibilidade dos participantes de pesquisa. Necessitamos de um ano de observação, considerando as conversas informais e demais contatos, pois a coleta efetiva dos dados ocorreu após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa e mediante a assinatura do Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento.

Estamos trabalhando com as produções de narrativas visuais e orais norteados pelos caminhos apontados por nossa metodologia a fim de narrar a memória e conseqüentemente um pouco da história desses sujeitos a partir de seus olhares e suas formas de narrar configura outra perspectiva, outra perspectiva em torno no processo de configuração dessa comunidade.

Referências

ANDRADE, Lucia. **Comunidades Quilombolas no Brasil, Semana da Consciência Negra**. Disponível em <<http://geografia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=47>>. Acesso em: 03 de abril de 2016.

ANDRE, Marli Elisa Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

BRAGA, F. M; GABASSA, V.; MELLO, R.R. **Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito para todos(as)**. 1ª. Ed. São Paulo. EDUFScar, 2010. v. 1. 85p.

CORAZZA, Sandra Mara. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: COSTA, Marisa V. (org). **Caminhos investigativos: novos olhares da pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

FUNDAÇÃO PALMARES. **Relatório das Comunidades Quilombolas no Brasil**. Brasília. 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GABASSA, V. **Comunidades de aprendizagem: a construção da aprendizagem na sala de aula**. 245p. Tese de doutorado – Universidade Federal de São Carlos. 2009.

GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA. **Relatório Sobre as Comunidades Quilombolas do Paraná**. Brasil. Curitiba. 2008.

HABERMANS, J. **Teoria de la Accion Comunicativa**. Racionalidade de la accion y racionalización social. Madrid: Taurus, v. 1, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

PARANÁ, Cadernos do Patrimônio. **Fazenda Capão Alto**. Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte. Coordenadoria do Patrimônio Cultural, 1982.

MELLO, R. **Metodologias Comunicativo Crítica: Avanços metodológicos e produção do conhecimento na extensão universitária**. In: VI Seminário de Metodologia para projetos de extensão São Carlos. UFSCAR, 2008.

_____. **Metodologia de investigação comunicativa: contribuições para a pesquisa educacional na construção de uma escola com e para todos**. 29ª Reunião Anual da ANPED, GT Movimentos Sociais e Educação. Caxambu, 2006.

MOROZ, M; GIANFALDONI, M. H. T. A. **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Plano, 2002. (Série Pesquisa em Educação, v. 2).

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SILVA, V. K. SILVA, M.H. **Memória**. In: Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Ed. Contexto – São Paulo: 2006.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora de UFRG, 2009.

TELLES, J. A. **"É pesquisa é? Ah, não quero, não bem!"** Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática de línguas. IN: Linguagem & Ensino, Vol. 5, Nº 2. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 91-116.

OS DISCURSOS SOBRE A ÁFRICA PRESENTES NA MÍDIA BRASILEIRA

Temitope Jane Aransiola¹

Orientação: Cloris Porto Torquato²

Sabemos que é na linguagem e através dela que as identidades se (re)constróem e desconstróem (HALL, 2011; SILVA,2011), é também na linguagem, nos discursos, que a representação acontece. Dessa maneira, este estudo busca investigar, sob uma perspectiva crítica, como a África vem sendo representada na mídia brasileira e de que maneira esses discursos midiáticos contribuem para a (redes) construção de uma imagem estereotipada que os brasileiros têm sobre o continente africano. Isto pois, tendo em vista a imagem que alguns brasileiros tem com relação à África, um país de miséria, pobreza, fome, animais selvagens e seus infinitos conflitos sociais. A proposta deste projeto é analisar como os enunciados presentes nas notícias e/ou imagens veiculadas em jornais impressos e jornais eletrônicos colaboram para que esses estereótipos sejam reforçados. Ao final da pesquisa espera-se melhor compreender como a África representada nos discursos presentes em alguns principais jornais contribuem para o entendimento do público brasileiro sobre a África. Porém, o trabalho ainda está em andamento e somente traz alguns desdobramentos e questões para se pensar no assunto.

Este estudo busca problematizar, principalmente, as seguintes questões: Qual é o papel da mídia na redes construção de estereótipos sobre a África? Como a África tem sido representada na mídia brasileira? Para refletir e discutir essas

¹ Mestranda na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: topejaane@gmail.com

² Professora doutora na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: clorisporto@gmail.com

questões, investiga-se como assuntos (sejam eles, econômicos, sociais, políticos, culturais e étnicos) são colocados pela mídia brasileira para poder fazer uma análise crítica de discurso da maneira que mídia brasileira trata de assuntos relacionados a países africanos. Essa averiguação possibilitará identificar como os discursos utilizados nos noticiários jornalísticos brasileiros causam impactos na representação social do continente.

Conforme o círculo de Bakhtin (2003), a palavra, signo ideológico por excelência, ganha expressividade no enunciado. Um enunciado não pode nunca ser neutro pois é fruto das escolhas, da intenção do autor, e dos seus interlocutores. É no enunciado que a comunicação discursiva acontece. Portanto os enunciados presentes nas notícias, charges e imagens que tratam de questões do continente africano, veiculados nos jornais brasileiros carregam as ideologias de quem os produz; carrega as impressões e as intenções de quem os produz, e, desse modo, pode muitas vezes reforçar estereótipos.

Considere que a mídia é uma das maiores fontes de informação e uma ferramenta na produção de conhecimento. A mídia tem o poder de regular a sociedade e os interesses nela contidos uma vez que as instituições pautam suas agendas nela. Com a internet esse panorama acontece numa escala global (Castells, 2003). Por exemplo quando a mídia mostra imagem de pessoas negras passando fome e afirmam que são africanos, isso além de ser uma generalização, é uma afirmação. Os telespectadores recebem essa informação e na próxima vez que vejam uma imagem de pessoas negras passando fome automaticamente associam à África mesmo se essas pessoas fossem do Brasil ou de qualquer outro lugar.

A repetição e disseminação desse processo torna-se fixa e recorrente. As narrativas comunicam o que somos e nós identificamos ao formar um discurso, uma narrativa, eles comunicam uma representação de nós mesmos. Esses discursos são criados dentro da história e dependem de vários fatores tal como a memória assim passamos a escolher e montar uma narrativa para nos representar diante dos outros. É um processo contínuo através de escolhas e obrigações sociais, mesmo sem fronteiras definidas, decidem quem nós somos e dizem algo sobre o nosso espaço dentro da sociedade, nosso lugar com os outros (Martino, 2010). Isso é para demonstrar como enunciados influenciam nossas vidas.

Na pesquisa será abordado, notícia, o conteúdo, o enfoque, aprofundamento, tratamento, finalidade e imagem para uma análise de discurso. Nestas classificações serão analisadas a linguagem, a contextualização e abordagem. A ideia é analisar que tipo de linguagem é utilizada para descrever assuntos relacionados à África e como essa representação influencia na construção de identidade do mesmo.

O interesse em tratar o tema advém da inquietação pessoal e como pesquisadora ao ver a representação que os brasileiros têm dos africanos. Fato provocado pela maneira da qual meios de comunicação abordam o assunto. Esses meios por sua vez, apresentam, na maioria das vezes, o caráter equivocado dos assuntos devido ao enfoque tendencioso dado à matéria, falta de aprofundamento e às fontes utilizadas e a fotografia. Assuntos como miséria, fome, conflitos étnicos e safari geralmente ganham mais destaque na mídia brasileira. Pouca atenção é dada a multiplicidade culturas e étnica, a culinária, os pontos turísticos e outras belezas naturais dos países africano.

Um dos exemplos do enfoque tendencioso da mídia foi a figura do 'africano' no programa Pânico na Band em 2016 onde um cara branco se pinta de preto e imita um negro. Na programação este sujeito se veste sunga não fala, somente resmunga e gesticula, as vezes grita, come folhas e dança. Esse programa gerou muita repercussão na internet e recebeu denúncias de racismo. Pode-se dizer que a intenção do programa foi fazer o telespectador rir, mas o que não acontece é que isso compromete a identidade do negro que não se identifica com tal imagem. Imitar o jeito de ser do africano está implicando que esses são os traços e características dos africanos, o que é equivocada. Ferreira (2012) trouxe isso em seu artigo quando fez análise de uma imagem publicada no Folha de São Paulo em 2005.

Na análise ela fala sobre a Identidade social e aborda a questão da vestimenta das personagens presentes na imagem.

Ocorre que elas estão usando vestimentas que relembram sua descendência, sua cultura e isso cria o desejo de pertencimento e de identidade social. Já com relação às vestimentas que os "africanos" estão utilizando, foram vestimentas criadas para eles em uma situação de escravizados, o que não se relaciona com a forma como se vestiam na África nem como se vestem no Brasil. A vestimenta dos "africanos" não dá a possibilidade de relembrar de ascendência e de aspectos culturais, pois, da forma como estão vestidos, estão despidos de qualquer possibilidade de identidade social e cultural que lembre a África, pois, na imagem, é negada essa possibilidade (Ferreira, 2012, p. 203).

Embora a citação da autora se concentra na vestimenta, podemos relacionar isso ao programa do Pânico. Essa figura não representa os africanos, pois eles não se vestem daquela maneira e não comem só folhas, além de que suas atividades não se resume só a isso. Eles têm várias línguas e não se comunicam somente com gestos. Entende-se que além do fato de que essas representações limitam a identidade dos sujeitos ele as desconstrói, pois os indivíduos destes lugares não se veem representados. Dessa maneira é que se criem estereótipos. Estereótipo é a maneira como pegamos algumas características simples, facilmente compreendidas e vastamente reconhecida sobre a pessoa. Ao fazer isso, “reduz, essencializa, naturaliza e fixa diferenças”, (Hall, 1997, p. 258) além de criar barreiras. O estereótipo faz parte de mantém ordem social e simbólica, se manifestando onde há desigualdade de poder (Hall, 1997). É definir uma pessoa com uma parte das características dela.

O problema com essas interpretações é que tentam representar supostas imagem dos países africanos como a intenção de informar o público sobre o continente, em algumas das vezes não é que isso seja errado, mas isso não quer dizer que essa informação se aplica a todos os países da África. Normalmente é uma parte da verdade num tempo e situação específica.

Neste artigo a ideia seria investigar o tipo de enfoque dado ao assunto. Questiona-se, também, a veracidade das informações nestes jornais por causa das fontes de informação, que muitas vezes advém de agência de notícias. Os dois jornais que serão estudados são o *Folha de São Paulo* e o *Globo*, analisando os dois momentos diferentes, a Copa do mundo de 2010 na África do Sul e O surto de Ebola em 2014.

Sobre como acontecem a seleção das notícias, Wolf (2003) coloca que os valores-notícia permeiam não apenas o momento de seleção, mas todo o processo de produção. “A escolha de um acontecimento coincide com a determinação de um ‘recorte’ particular ou de um ponto de vista a partir do qual ele pode ser contado, noticiado” (Traquina, 2005, p. 25). Para ele, os critérios de seleção são divididos em avaliação do acontecimento o que diz respeito importância e interesse da notícia. Traquina (2005) também parte do pressuposto de que os valores-notícia

são a notoriedade, a proximidade, a relevância, o tempo, a notabilidade, o inesperado, o conflito, a controvérsia e o escândalo.

O percurso metodológico se divide em duas etapas principais interligadas e pertinentes para a realização deste trabalho. Em um primeiro momento será realizada uma pesquisa bibliográfica e depois um levantamento de dados dos dois jornais na versão online. Será analisado a narrativa de cada jornal, verificando o tipo de discurso, os adjetivos e as palavras. Para a revisão bibliográfica, serão realizadas leituras de pesquisadores que colaboram com discussões sobre metodologia da pesquisa, os estudos voltados para questões da mídia, bem como estudos sobre identidade na pós modernidade e os estudos de linguagem do círculo de Bakhtin (2002).

Este trabalho propus dar uma panorama geral de um assunto que surgiu da motivação pessoal e acadêmica da pesquisadora. A ideia foi apresentar hipóteses de que se esperar obter ao final da pesquisa o que será realizado como trabalho de dissertação do mestrado. O objetivo central do artigo é levantar exemplos de como a África vem sendo representada na mídia brasileira, especialmente nesses dois jornais na versão online e de grande circulação. Para isso levantar possíveis caminhos de responder uma inquietação da pesquisadora assim como compreender como isso acontece em diferentes contextos históricos por isso busca-se apoio em aportes teóricos nas áreas de História, Jornalismo e Letras.

Demonstra que a África que os brasileiros conhecem é de uma visão estereotipada e é resultado das informações que recebem da mídia o que influencia na identidade do negro. Esse discurso contribui para a fixação desses estereótipos. Como explica Bakhtin (2003), os discursos dependem da intenção do autor, a mensagem e o receptor. Se o discurso é ideológico, pode-se dizer que essas notícias possuem efeito sobre outros discursos e tem o poder de determina o espaço do sujeito.

Referências

BAKHTIN M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9 ed. São Paulo: Hucitec: 2002.

BAKHTIN M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



BENEDETI, Carina Andrade. **A Qualidade da Informação Jornalística: do conceito a prática.** Série Jornalismo a Rigor. vol 2. Florianópolis, 2009.

CASTELLS, Manuel. A política da internet I: redes de computadores, sociedade civil e o Estado. In: _____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades Sociais, Letramento Visual e Letramento Crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia.** Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(51.1): 193-215, jan./jun. 2012.

ANA MIRANDA E A FIGURAÇÃO DE ESCRITORES NO ROMANCE A ÚLTIMA QUIMERA

Thiago Bittencourt

Orientação: Rosana A. Harmuch

Ana Miranda é uma escritora cearense. Escreveu, entre outros gêneros literários, vários romances. Cinco deles apresentam características comuns, a figuração de escritores brasileiros como personagens ficcionais em diversos períodos históricos da nossa literatura, entre eles prosadores e poetas.

Sua obra ganhou destaque a partir da publicação de *Boca do Inferno* (1989) cujas personagens são o poeta Gregório de Matos e Padre Antonio Vieira. A partir de então, Ana Miranda publicou outras obras, porém em nosso trabalho salientamos apenas as que possuem a característica em comum mencionada.

Em 1995 saiu *A Última Quimera*, nele a autora ficcionaliza dois poetas brasileiros Augusto dos Anjos e Olavo Bilac, inserindo-os em seus respectivos contextos histórico e social. No ano seguinte Ana Miranda publica *Clarice*, baseado na vida e na obra da escritora Clarice Lispector.

Em 2002 a autora em apreço volta a publicar, *Dias & Dias*, romance com a mesma temática, ficcionaliza o poeta Gonçalves Dias como personagem secundária. Doze anos mais tarde, Ana Miranda publica outro romance em que também apresenta a particularidade de ficcionalizar escritores, desta vez, José de Alencar é figurado no livro *Semíramis*.

Para a professora Leyla Perrone-Moisés essa forma de composição romanesca é uma tendência que vem sendo produzida a partir da década de oitenta até a nossa contemporaneidade. Ela denomina os romances que trazem escritores como personagens de ficção como “subgênero” (Perrone-Moisés, 2016, p. 134) do

romance convencional e complementa que essa tendência acompanha o crescente interesse de leitores pelos relatos biográficos.

Em consonância ao pensamento de Perrone-Moisés (2016) o que difere os romances que trazem como personagens escritores da biografia é que esta tem compromisso com a verdade, pois “o leitor espera informações autênticas” (p. 133) e os biógrafos se incumbem de fornecê-las. No caso do romance, eles se autodeclararam como ficcionais, pois muitos deles apresentam na capa a informação de que se trata de texto ficcional, normalmente com a denominação “romance”, como é o caso dessas obras de Ana Miranda.

Nosso primeiro contato com a obra dessa autora foi no segundo ano do curso de graduação em Letras – Português/Inglês na disciplina de Literatura Brasileira I. Nesta, a sequência dos estudos literários foi obedecendo a uma ordem cronológica, cujo início foi com os textos chamados pela história da literatura brasileira de “Textos de informação” (Bosi, 2006, p. 13) e avançando até ao que se chama de Romantismo.

No segundo bimestre dessa disciplina estudamos o estilo de época Barroco, com isso foi realizada a leitura de alguns poemas líricos e satíricos de Gregório de Matos e de alguns dos Sermões do Padre Antonio Vieira. Com isso, é possível verificar, pelo menos tratando-se no curso de Letras, que o ensino de literatura tende a seguir uma linha cronológica que se inicia com os escritores do descobrimento do Brasil até a pós-modernidade.

Nesse momento do curso também nos coube ler o romance *Boca do Inferno* porque a autora insere as personagens em um universo que os representa. Porém, o estudo desse romance ocorreu no sentido de perceber no texto ficcional a presença das poesias de Gregório de Matos e dos Sermões do Pe. Antonio Vieira.

Eis então, um dos fatores que nos motivou a incluir em nosso trabalho de dissertação algumas reflexões sobre o ensino de literatura no Ensino Médio, porque com a leitura das obras de Ana Miranda é possível perceber a valorização que se dá aos escritores já reconhecidos pelo cânone da literatura brasileira. Esse fator pode ser contributivo para inserir em sala de aula discussões diretas dos textos de Pe. Antonio Vieira, Gregório de Matos, José de Alencar, Gonçalves Dias, Augusto dos Anjos, Olavo Bilac e Clarice Lispector.

Naquele bimestre no curso de graduação foi-nos proposto como avaliação bimestral desenvolver uma resenha crítica a respeito do romance. O resultado foi bastante modesto, mas suficiente para nos identificarmos com esse modelo de ficção romanesca, tanto que, no último ano do curso de Letras conseguimos ampliar a resenha em uma pesquisa mais aprofundada que resultou em Trabalho de Conclusão de Curso sobre essa mesma obra.

A partir da leitura de *Boca do Inferno*, despertamos o interesse por outros romances de Ana Miranda, não apenas pelo carácter biográfico, mas pela abordagem literária presente nas narrativas. Com isso, foi possível desenvolver uma pesquisa sobre *A Última Quimera*, como resultado escrever um Resumo Expandido para publicá-lo no Anais do XXIV Encontro Anual de Iniciação Científica (EAIC).

O resumo de fato se expandiu e resultou em um projeto de pesquisa proposto ao processo seletivo do curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, cujo objeto de análise continua sendo *A Última Quimera*. Com isso, verifica-se a oportunidade que estamos tendo de participar de um curso de mestrado em que temos como proposta para sua conclusão a defesa de trabalho de dissertação que, de acordo como vimos, teve início ainda no curso de graduação.

Cabe lembrar que a nossa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica foi direcionada para análise de duas obras distintas de Ana Miranda, *Boca do Inferno* e *A Última Quimera*, respectivamente. Em ambas análises, com base em fundamentações teóricas voltadas especificamente aos romances históricos, às metaficções historiográficas e aos novos romances históricos. Propostas estas que não serão usadas de forma abrangente em nosso trabalho.

A Última Quimera é um romance que pode e oferece possibilidades diversas de ser analisado de perspectivas diferentes, não apenas as que tratam os romances históricos. Outra direção nos interessa em nossa dissertação: compreender como ocorre a figuração de escritores e analisar as relações possíveis do romance com o ensino de literatura no Ensino Médio.

Nesse novo caminho dado ao nosso projeto de pesquisa nos dedicamos inicialmente a verificar de forma breve os quatro romances em que Ana Miranda

figura como personagens escritores da literatura brasileira, a fim de nos situarmos a respeito da produção da autora e do processo de ficcionalização de cada obra. Além de percebermos como ocorre a figuração dessas personagens em seus respectivos contextos históricos verificados pela autora.

Em um segundo momento desenvolvemos um modesto diálogo com alguns textos que compõem a crítica acadêmica produzida sobre a obra *A Última Quimera*, escolhemos inicialmente duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Isso com o propósito de compreender de maneira parcial a abordagem da obra em questão e dessa forma melhorar a nossa visão sobre o romance em apreço, mas sem deixarmos de acrescentar nossas próprias reflexões críticas que, em alguns momentos se mesclam com a opinião dos autores dos trabalhos consultados.

No terceiro capítulo nos empenhamos em trazer ao nosso estudo algumas reflexões desenvolvidas por Leyla Perrone-Moisés em seu livro *Mutações da literatura no século XXI* (2016) acerca de outras obras que também têm como personagens escritores consagrados pela história da literatura. É com base em algumas reflexões expostas nesse que podemos compreender melhor as possíveis causas da crescente investida por parte dos romancistas em obras que têm como personagens escritores e por que a autora os denomina de subgênero do romance tradicional.

Ademais, pensaremos também a respeito de outro texto dessa mesma professora, *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos* (1998), com a proposta de entendermos a função da história da literatura nas produções literárias subsequentes ao romance de Ana Miranda e como essas obras eventualmente podem remeter a outros escritores do passado, bem como ocorre com *A Última Quimera*.

Podemos perceber que esse romance é uma obra produzida e publicada em um contexto histórico denominado por alguns teóricos como Pós-modernidade. Por isso, desenvolvemos também uma breve análise sobre a relação dela com esse movimento sócio-cultural, tendo como base os dois textos citados anteriormente da professora Leyla Perrone-Moisés, para em seguida, mostrarmos como ocorre a figuração de escritores nesse romance.

No quarto capítulo o leitor pode encontrar uma análise um pouco mais detalhada do romance *A Última Quimera* como um todo, sobretudo com o objetivo

de verificar como ocorre a figuração dos escritores Augusto dos Anjos e Olavo Bilac. Sem deixar de destacar como a narrativa apresenta ao leitor a posição social desses autores dentro do cenário histórico e literário reconstruído por Ana Miranda e situado por ela na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

Sabe-se que a história da literatura é composta por um discurso que está em constante transformação, porém naquele momento ela ainda estava se iniciando em nosso cenário nacional, pois recentemente o Brasil se tornara uma república e o processo de modernização influenciava a política e as artes em nosso país. Sendo assim, começava a despertar o interesse de uma parte de escritores que também procuravam alinhar as suas produções literárias aos propósitos progressistas provenientes da Europa na virada do século XIX para o XX.

Com base no enredo do romance temos um retrato da história da literatura no início do século XX e a repercussão acerca dos versos de Augusto dos Anjos e de Olavo Bilac na crítica literária daquele momento que também é retratada pelas opiniões do narrador. É nesse contexto que o leitor se depara com os relatos de memórias do narrador homodiegético no romance e, com base neles, pode refletir sobre as posições ocupadas por esses dois escritores no cânone nacional daquele período e sobre a devida importância que a história da literatura confere a cada um deles.

Baseando-se nessas reflexões, pretendemos no quinto capítulo de nossa dissertação estabelecer relações do romance com o ensino de literatura no Ensino Médio, tendo como parâmetros as *Orientações curriculares para o Ensino Médio*¹ e as reflexões da professora Leyla Perrone-Moisés (2016) acerca do ensino de literatura.

Nas análises desses textos, primeiro se encontra que o ensino de literatura deve estar alinhado ao inciso terceiro da LDBEM de 1996, o qual defende que se deve priorizar o “aprimoramento do educando como pessoa humana incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. (Ldbem, citado em Brasil, 2006, p. 53)

Além disso, as *Orientações* complementam que para se cumprir com essa proposta da LDBEM (1996) deve-se trabalhar no sentido de formação de um aluno

¹A partir de *Orientações curriculares para o Ensino Médio* substituiu-se por apenas *Orientações*.

leitor de obras literárias e letrar o estudante literariamente. Ao contrário de sobrecarregar os conteúdos dados aos alunos com estilos de épocas e características das escolas literárias como bem mostram alguns manuais de estudos literários voltados para os vestibulares e para o Ensino Médio.

Sobre todos os apontamentos elaborados nas *Orientações*, destaca-se a sugestão de tornar o mais frequente possível o contato direto do aluno com livros de literatura, não como objeto de distração, mas usá-la como um saber específico, ou seja, proporcionar ao leitor a capacidade dele reconhecer elementos importantes de que se ocupam dos textos literários.

Pode ser que, nesse sentido, *A Última Quimera* possa contribuir de diversas maneiras ao letramento literário, pois fica bem evidente no texto de Ana Miranda, além do trabalho dela com textos de outros escritores, que a literatura é produzida de sua própria reinvenção, ou seja, que os textos literários se alimentam de outros textos literários.

Referências

BOSI, Alfredo. **A história concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Conhecimentos de literatura. In: *Orientações curriculares para o ensino médio*, vol. 1. Brasília: Ministério da educação, Secretaria da educação básica, 2006. p. 50-83.

MIRANDA, Ana. **A Última Quimera**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

_____. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

_____. **Clarice**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

_____. **Dias e Dias**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

_____. **Semíramis**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas Literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.